

BIBLIOTHECA
da Juventude

o
DOM QUIXOTE
DA
JUVENTUDE

LIVRARIA
GARNIER

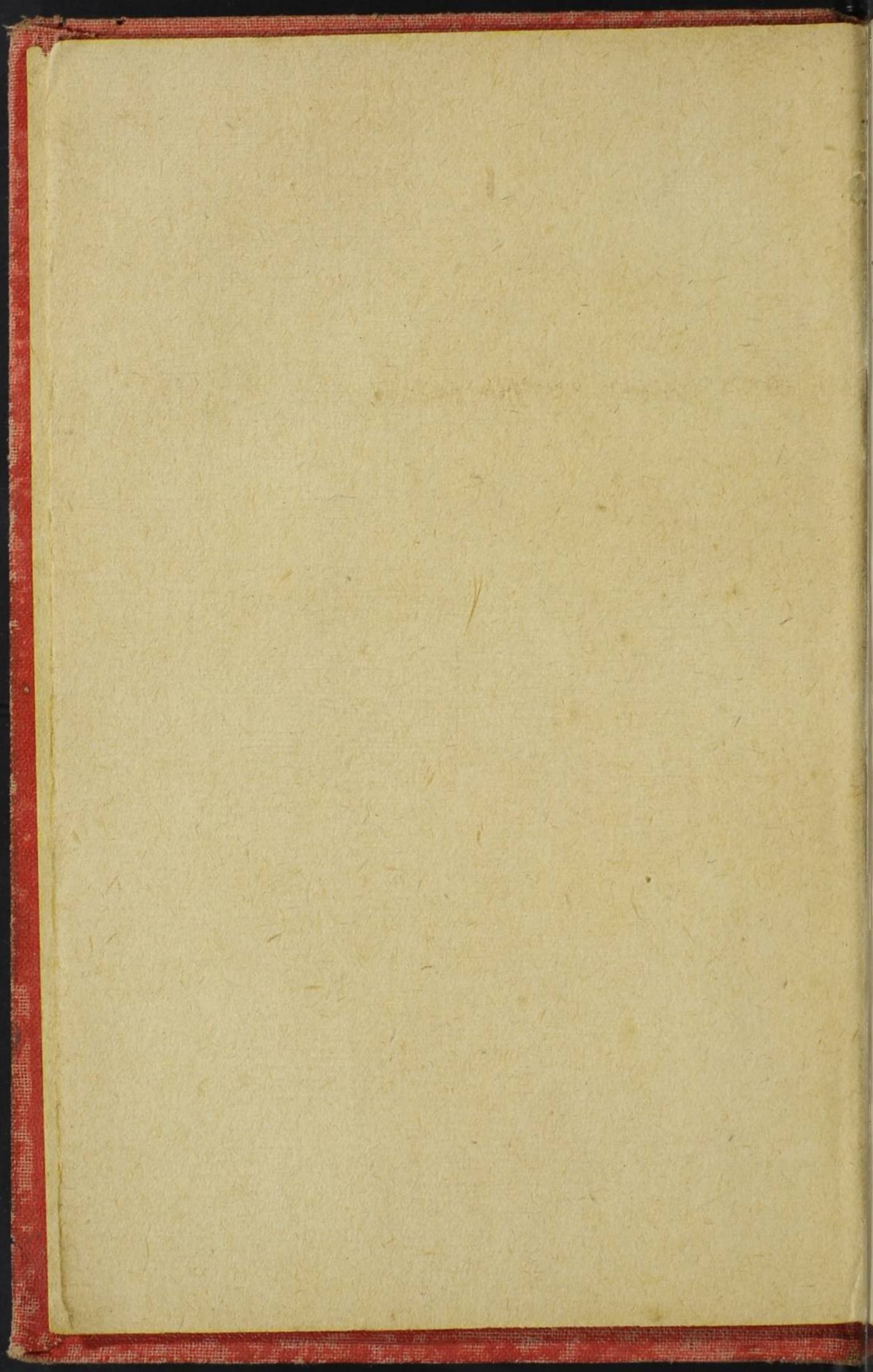


Rua Ruy Barbosa, 15-B
Salvador - BA. - Cep 40.020-070
Tels.: (71) 3243-5383 / 3322-4809

www.livbrandaosebo.com.br
e-mail: lbsebo@terra.com.br

EDGAR LOUREIRO

Compra e Venda
Livros Usados, Parte Baixa do Viaduto
da 55 - Resid. Guedes de Brito, 16 - Lapa
(Antiga Rua 9 Lapa)



O

DOM QUIXOTE

da Juventude

EXTRACTO DA CELEBRE OBRA

DE

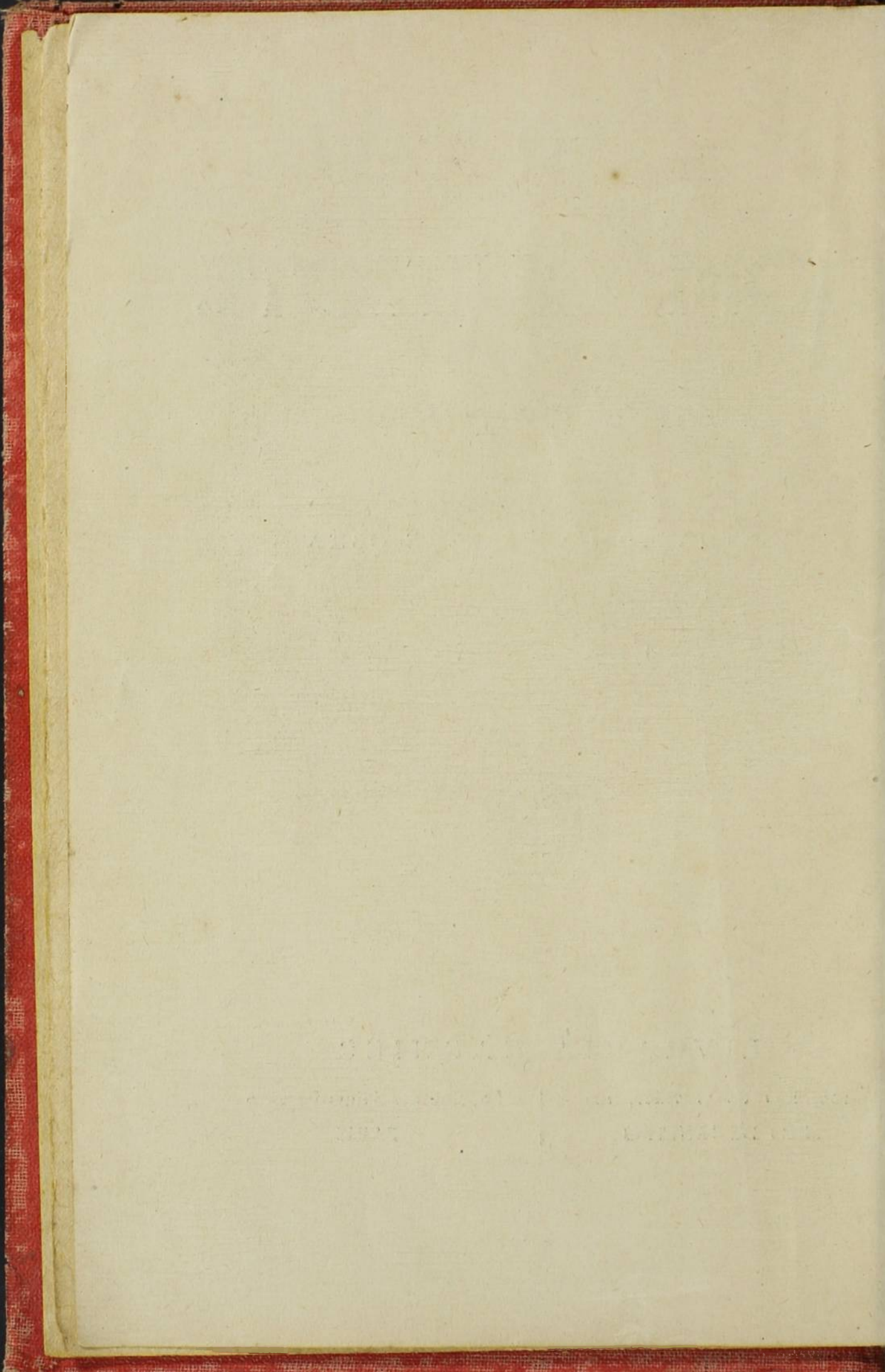
CERVANTES



LIVRARIA GARNIER

109, Rua do Ouvidor, 109
RIO DE JANEIRO

6, Rue des Saints-Pères, 6
PARIS





MIGUEL DE CERVANTES

Miguel de Cervantes e Saavedra nasceu na histórica cidade de Alcalá de Henares, no anno de 1547. Era oriundo da Galliza, fez os seus estudos em Salamanca, soldado do batalhão

hespanhol nas guerras d'Italia, prisioneiro em Argel e recebedor de contribuições em Sevilha. Perdeu a mão esquerda na celebre batalha de Lepanto, o que deu logar a Cervantes de fallar das suas feridas como recebidas, disse, *no mais propicio momento que os seculos passados e presentes viram, e esperam ver os futuros*. Dizia tambem que as cicatrizes são *estrellas que guiam os outros ao ceu da honra*, e que elle por sua parte, preferia ter-se achado em tão insigne jornada com tantas fadigas, do que estar são sem se ter encontrado n'ella, *porque o soldado parece melhor morto na batalha do que indemne na fuga*.

Depois d'uma grande temporada que passou a curar-se no hospital de Messina, foi feito prisioneiro e não sem resistencia, por umas galeras argelinas quando voltava á sua patria. O seu captiveiro foi demorado e penoso, pois que sendo pobre não tinha meios para o seu resgate; e as suas repetidas tentativas d'eva-

são serviram só para voltar a ponta dos pregos das suas grades.

Voltando finalmente á sua patria, o amor de Cervantes ás lettras e o seu constante trabalho não foram o bastante para crear-lhe uma posição independente. N'aquelles tempos não se podia viver de litteratura, e o insigne auctor de tantas producções litterarias viu-se na necessidade de mendigar um logar de recebedor.

E naturalmente que esse logar, por ser modesto, resultava ser superior ás forças de Cervantes. Segundo parece, ficavam-lhe erradas algumas das suas contas, o que lhe valeu com o perder o seu logar ser mettido no carcere.

Abençoada a hora em que Cervantes se enganou nas suas contas, e aquella em que se viu encarcerado em Argamasilla, pois em tão triste morada foi concebido e escripto o immortal *D. Quixote*.

A obra capital do grande Cervantes tem sido traduzida em todas as linguas e tem-se

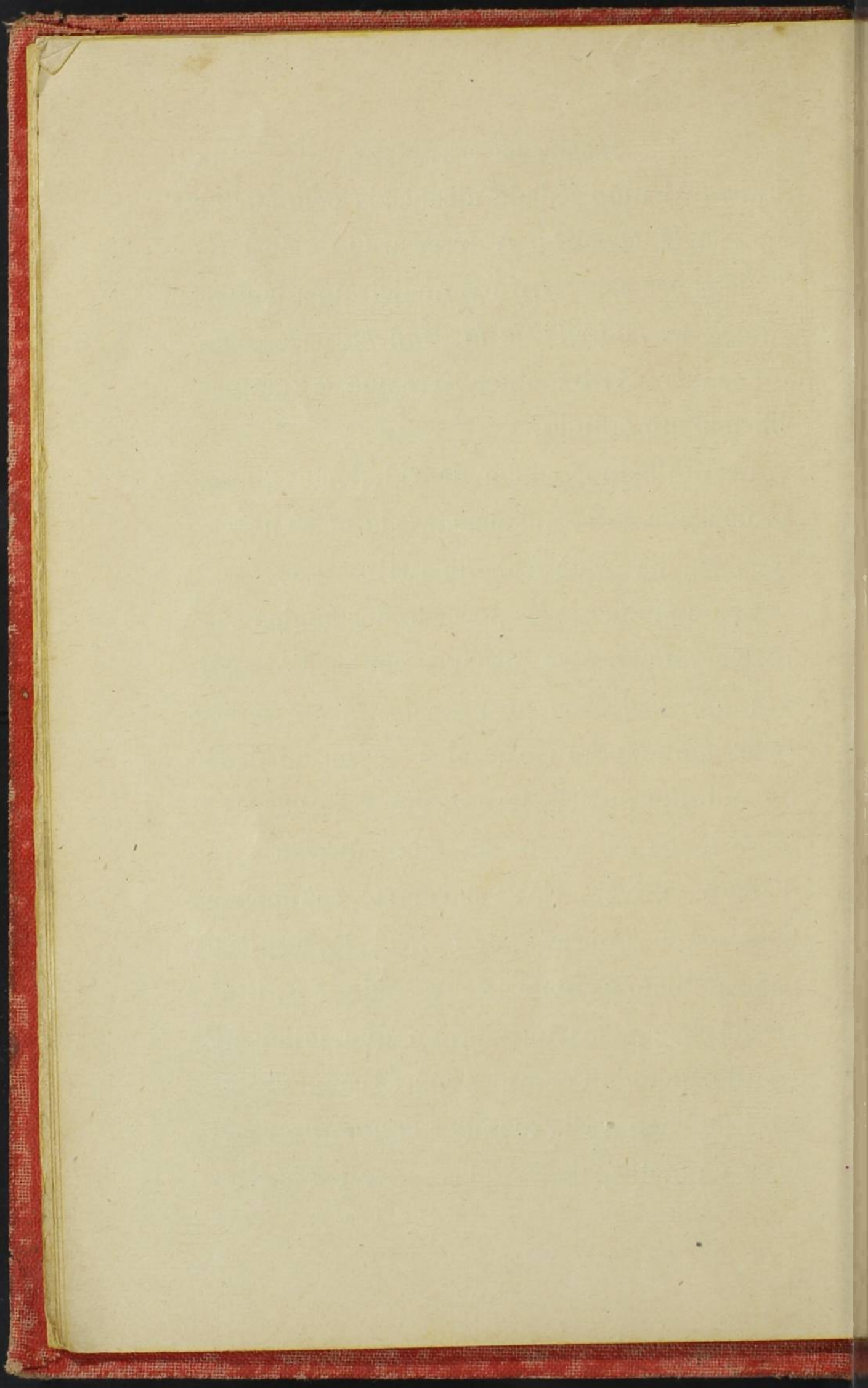
feito d'ella centenares de edições. Em hespanhol 674 (a primeira em 1605), em portuguez 90, em catalão 2, em vascuense 1, em romano 2, em italiano mais de 90, em francez 178, em inglez 300, em allemão 81, em sueco 13, em polaco 8, em russo 4, em dinamarquez 5, em grego 4, em latim 2 ; isto é, mais de 1.000 edições em pouco menos de 300 annos. De modo que Cervantes, aquelle que morreu na miseria em que vivera, teve habilidade para enriquecer muitas gerações de editores e regosijar todo o mundo.

Os dramas, as poesias, as novellas de Cervantes têm sido apreciadas de diversos modos pelos criticos de todos os paizes. São todos unanimes em que a sua prosa é sempre admiravel, inimitavel, e de grande erudição o seu estylo ; porém, não estão de accordo ao apreciarem o alcance, a transcendencia, o fim moral das suas obras. Julga-se em geral que a maior'a das suas producções, hoje tão discutidas, nem teriam chegado a nós sem a

universal notoriedade alcançada pelo auctor no seu *D. Quixote*. A apreciação da posteridade sobre este livro é verdadeiramente unanime : *D. Quixote de la Manchã* passa com justiça por ser o melhor livro que se tem publicado no mundo.

Cervantes morreu em Madrid, depois d'uma prolongada enfermidade causada pelas privações, no dia 23 de Abril de 1616.

Como muitas vezes succede aos genios superiores, Cervantes foi pouco conhecido, apenas apreciado, menosprezado talvez pelos seus contemporaneos. Mas a posteridade fazendo-lhe justiça, levanta-lhe estatuas, celebra todos os annos na sua patria e fora d'ella o anniversario da sua morte, reimprime todas as suas obras ; por outro lado, esquece por completo os nomes dos grandes e os titulos dos cortezãos que davam que fallar no mundo, quando Cervantes com as roupas rotas e o estomago vazio mendigava um miseravel logar na metropole de todas as Hespanhas.



ADVERTENCIA

Offerecemos ao publico uma edição illustrada e nova, quanto possivel, da grande novella de Cervantes, supprimindo todos os episodios menos importantes, todas as passagens de pouco interesse, certas scenas demasiado realistas para a juventude, tendo deixado n'um conjuncto harmonioso, se bem que um pouco resumido, todos os pensamentos do auctor, todo o poema d'aquelle engenhoso fidalgo cervantino cheio d'animo e fraco de senso, que acompanhado do seu escudeiro andante resumia e concentrava em si as illusões e as realidades, as virtudes e as fraquezas, as glorias e as desgraças da humanidade.

Não conhecemos um livro mais adequado

para a instrucção e deleite da juventude; a preciosa epopeia de Cervantes devia ser uma das obras escolhidas para exercitar os jovens na leitura; a lingua castelhana brilha nas suas paginas como um astro no seu apogeo, e as creanças menos applicadas mergulhariam em gozos n'uma leitura cada vez mais divertida, mais discreta, mais interessante, devorando os capitulos com grande contentamento.

Esperamos, pois, que esta edição resumida do immortal *D. Quixote* mereça a attenção das creanças, as sympathias da juventude, a approvação dos paes e dos mestres, em uma palavra, a acceitação do publico.

O D. QUIXOTE DA JUVENTUDE

PRIMEIRA PARTE

CAPITULO I

N'um sitio da Mancha, de cujo nome não me quero recordar, vivia um fidalgo dos de lança e escudo, adarga antiga, rocim fraco e galgo corredor. Uma marmita de um pouco mais vacca do que carneiro, prezunto nas noites más, duellos e quebrantos aos sabba-dos, lentilhas ás sextas-feiras, algum pom-bo aos domingos, consumiam as tres partes da sua fortuna. O resto da sua herança constava de um casaco, calças de velludo para os dias de festa, chinelas do mesmo tecido, e nos mais dias da semana honrava-se com um gibão dos mais finos. Em casa tinha uma governante que passava dos quarenta, uma sobrinha que ainda não tinha vinte e um, moço

que lhe sellava o rocim e lhe fazia as podas tambem. A edade approximada do nosso fidalgo era cincoenta annos ; era de pelle rija, secco de carnes, magro de

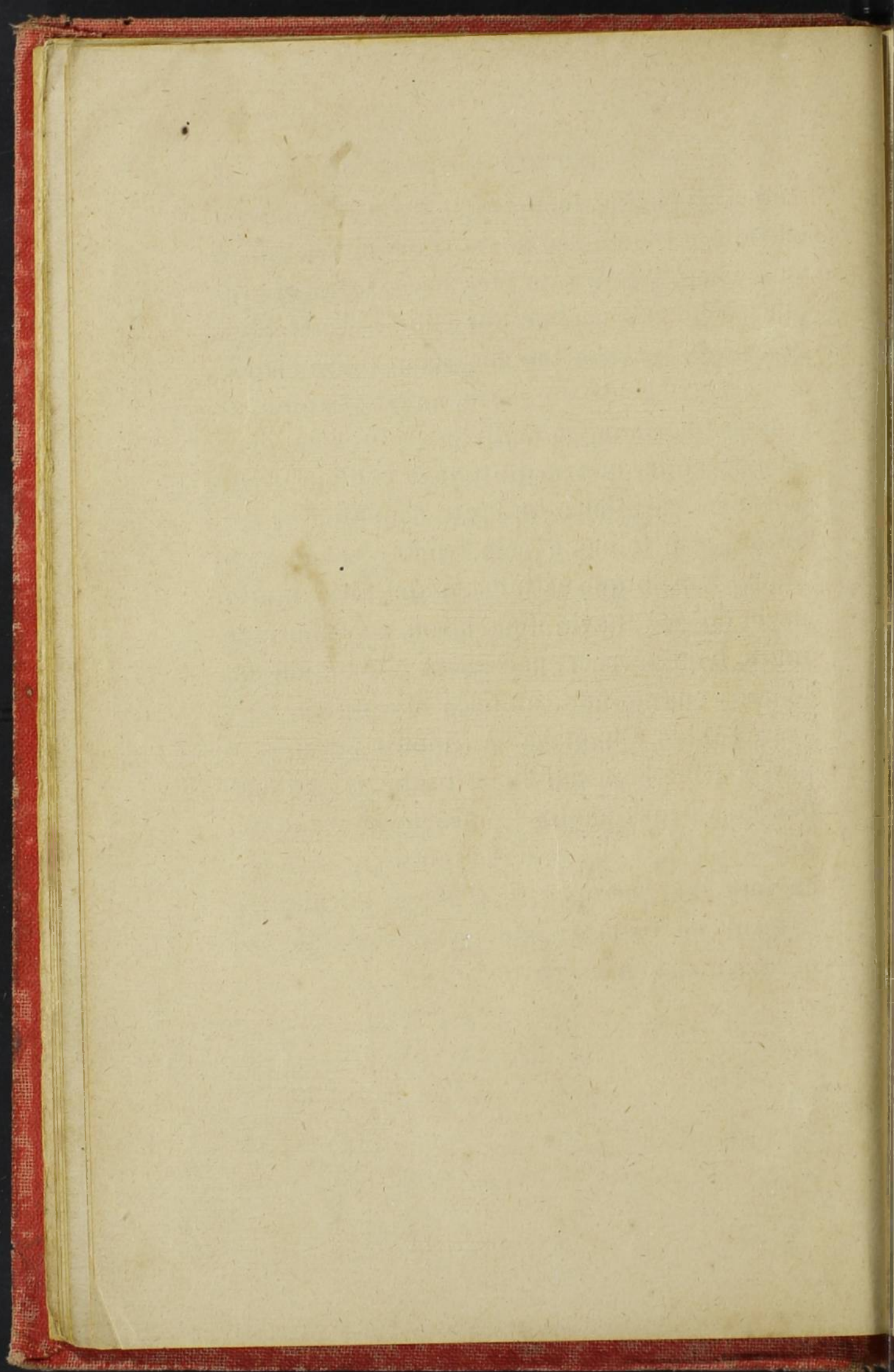


cara, muito madrugador, amigo da casa, e por conjecturas verosimis deixa-se ver que se chamava Quijada ou Quijana. É claro que este sobredito fidalgo, nos momentos que tinha d'ocio (que eram quasi todo o anno) passava-os a ler livros de cavallaria, com tanta atten-

ção e gosto, que esqueceu quasi por completo os deveres caseiros, e tambem a administração dos seus bens; e chegou a tal ponto a sua curiosidade e desatino a este respeito, que vendeu muitos pedaços de terra de semear para comprar livros de cavallaria e assim levou para casa todos quantos existiam. Para resumir: elle enfrascou-se tanto na sua leitura, que passava ás noites em claro a ler, e os dias egualmente; e assim, do pouco dormir e do muito ler, adoeceu-lhe o cerebro de uma tal maneira que acabou por perder o juizo, tão terrivelmente, que veio a ter o pensamento mais extraordinario que até hoje nenhum louco teve no mundo, e que foi parecer-lhe conveniente e necessario, não sómente para prosperidade da sua honra, como para o serviço da sua republica, fazer-se cavalleiro andante, e ir por todo o mundo com as suas armas e o cavallo, em procura d'aventuras, e a exercitar-se em tudo aquillo em que os cavalleiros andantes se exercitavam, desfazendo toda a especie de injurias e pondo-se em situações e perigos, onde se goza eterno nome e fama. E o que primeiro fez foi limpar umas

armas que tinham sido dos seus bisavós, que cheias de manchas e ferrugem, ha longos seculos estavam jazendo esquecidas a um canto. Foi em seguida vêr o seu rocim, e embora o pobre animal só tivesse pelle e osso, pareceu-lhe mais vigoroso que o cavallo de Gonela ; afigurou-se-lhe que nem o Bucephalo de Alexandre, nem Babieca do Cid, com elle se igualavam. Passou quatro dias a imaginar o nome que lhe havia de pôr ; porque (elle dizia a si proprio) não havia razão para que cavallo de cavalleiro tão famoso, e elle de si tão bom, estivesse sem um nome conhecido, e assim queria arranjar de maneira a por-lhe o que tivesse sido d'um cavalleiro andante ; pois era muito rasoavel que, mudando o seu amo de estado, mudasse elle tambem de nome, e que elle fosse famoso e de estrondo, como convinha á nova ordem e ao novo exercicio que já professava. E assim, de muitos nomes que formou, inventou, fez, desfez e tornou a fazer na sua memoria e imaginação, acabou por chamar-lhe *Rocinante*, nome a seu vêr bello, sonoro e significativo do que o que tinha quando rocim, antes do que era agora, que era o primeiro dos primeiros de

todos os rocins do mundo. Dado o nome ao cavallo e tão ao seu gosto, quiz por-se um a si mesmo, e com esta idéa passou outros oito dias, e por fim acabou por chamar-se *D. Quixote de la Mancha*. Limpas, pois, as suas armas, feita uma celada do casco, posto o nome ao seu rocim, e confirmando-se a si proprio, deu-se a entender que só lhe faltava enamorar-se; porque o cavalleiro andante sem amores era arvore sem folhas e sem fructo, corpo sem alma. E pelo que se julga, n'um sitio muito perto do seu, havia uma joven lavradora de muito bom parecer, por quem elle andou em tempos enamorado, embora ella nunca o tivesse sabido. Chamava-se Aldonza Lorenzo, e pareceu-lhe bem dar-lhe o titulo de senhora dos seus pensamentos; e procurando-lhe um nome que não desdissesse muito, acabou por chamar-lhe *Dulcinea de Taboso*, porque era natural de Taboso; nome a seu ver musico, peregrino e significativo.



CAPITULO II

Feitas, pois, estas prevenções, não quiz aguardar mais tempo a pôr em pratica o seu pensamento. E assim, sem dar parte a ninguem da sua intenção, e sem que ninguem o visse, uma manhã, antes mesmo de fazer dia, armouse de todas as suas armas, montou o Rocinante, poz a sua rede, tomou o seu escudo, a sua lança, e pela porta falsa d'um corral sahiu a campo com um grandissimo contentamento e alvoroço de ver com que facilidade encetára o seu bom desejo. Apenas se viu no campo, assaltou-o um pensamento terrivel, vindo-lhe á memoria que não estava armado de cavalleiro, e que conforme a lei de cavallaria nem podia nem devia ter armas como um que o fosse. Este pensamento fel-o ficar perplexo; mas a sua loucura podendo mais do que outra cousa, propoz-se fazer armar cavalleiro pelo

primeiro que topasse, á maneira de muitos outros que assim o fizeram, segundo elle lera em livros que tal contavam. Com isto assim se ficou e proseguiu o seu caminho, sem mesmo seguir outro senão o que o seu cavallo queria, julgando que n'aquillo consistia a força das aventuras. Quasi todo aquelle dia caminhou sem que lhe acontecesse cousa que valha menção, com que se desesperava, porque quizera topar logo com quem fazer experiencia do valor e força do seu braço.

Mais para o fim da tarde o seu rocim e elle acharam-se cançados e mortos de fome; e olhando para todos os lados, para ver se descobria algum castello ou pousada de pastores onde recolher-se, e onde pudesse remediar a sua muita necessidade, viu não muito longe do caminho por onde ia uma venda (que a elle pareceu um castello), e a pouca distancia d'ella segurou Rocinante pelas redeas, esperando que alguém se pozesse por entre as alamedas a dar signal com alguma trombeta de que chegava cavalleiro ao castello. Mas como viu que isso tardava, e que Rocinante estava com pressa para chegar á cavallariça, chegou-se á porta da venda e viu duas jovens

que alli estavam, que a elle pareceram duas formosas donzellas ou duas graciosas damas, que estavam gozando deante da porta do castello. N'isto succedeu que por acaso um homem que andava recolhendo os estragos d'uma manada de porcos, tocou uma busina, a cujo signal elles se recolhem, e n'um momento succedeu a D. Quixote o que elle se imaginava, que era algum moço que fazia signal da sua vinda, e assim com extraordinario contentamento chegou á venda e ás damas tambem. Olhavam-n'o, e com os olhos procuravam-lhe a cara que a viseira lhe encobria; mas ao verem tão estranho typo, não poderam conter-se de rir, o que fez com que D. Quixote corresse a dizer-lhes: « A formosura só não basta, é mister um certo comediamento. Dignae-vos, minhas senhoras, desculpar esta advertencia da parte d'um homem que só deseja servir-vos »

Esta linguagem, não comprehendida pelas senhoras, e a pouca apresentação do nosso cavalleiro, augmentava-lhes o riso, o que o fazia desesperar; e o seu desespero e a sua colera augmentariam muito se n'aquelle momento não apparecesse o vendedeiro, o qual

vendo aquella figura contrafeita, munida de armas tão exquisitas, taes como o freio, a lança, o escudo e armadura, não se ensaiou muito em acompanhar as donzellas nas mostras de contentamento. Mas temendo a machina de tantos petrechos, decidiu fallar-lhe em termos, dizendo-lhe assim. « Se Vossa Mercê, senhor cavalleiro, busca pousada, tudo encontrará aqui com abundancia á excepção d'um leito. » D. Quixote vendo a humildade do alcaide da fortaleza (porque a venda e o vendedeiro assim lhe pareceram) respondeu: « Paramim, senhor castellão, com qualquer cousa me contento, porque os meus ornamentos são as armas, o meu descanso é pelejar, etc. » Sendo assim, respondeu o vendedeiro, as camas de Vossa Mercê serão duras pennas, e o seu dormir sempre velar; e segundo isso, bem se pode apeiar com a certeza de encontrar n'esta choça ensejos para não dormir todo o anno, quanto mais uma noite. » E dizendo isto foi ajudar no estribo D. Quixote, o qual se apeiou com muita difficuldade e trabalho, como uma pessoa que tivesse jejoado todo o dia. Pondo o cavallo na cavallariça, veio receber as ordens do seu hospede, a quem as donzellas estavam desar-

mando, as quaes, embora o tivessem livrado da armadura do peito e das costas, não havia meio de o desembaraçar da gola nem tirarlhe o disfarce que trazia atado com umas



fitas verdes, e era mister cortal-as, por não poderem desfazer os nós; mas elle não quiz consentir de modo algum; e, como elle imaginava que aquellas que o desarmavam eram algumas das principaes senhoras e damas

d'aquelle castello, disse-lhes com muita gentileza :

« Nunca fôra cavalleiro
De damas tão bem servido
Como fôra D. Quixote
Quando de sua aldêa chegou ;
Donzellas cuidavam d'elle,
Princesas do Rocinante.

O Rocinante, que é este o nome, minhas senhoras, do meu cavallo, e o meu D. Quixote de la Mancha. As jovens que não estavam habituadas a ouvir semelhantes rhetoricas, não responderam palavra ; só lhe perguntaram se queria comer alguma cousa. « Comeriam qualquer cousa, respondeu D. Quixote, porque me parece seria muito a proposito. » Pozeram-lhe a meza ao fresco, á porta da venda, e trouxeram ao seu hospede uma porção de mal guizado e peor cozido bacalhau, e um pão tão negro e bolorento como as suas armas : era assumpto para grandes risadas vel-o comer, não podia levar nada á bocca com as suas proprias mãos por causa da maneira como collocára a vizeira, e era preciso outra pessoa dar-lhe de comer, de modo que uma d'aquellas senhoras se encarregou d'este serviço ; mas

dar-lhe de beber não foi possível, nem o seria se o vendedeiro não se lembrasse arranjar uma cana, pondo-lhe um lado na bocca, e pelo outro ia-lhe deitando o vinho; e tudo isto recebia com paciencia a troco de não lhe cortarem as fitas da vizeira. Estando n'isto, chegou por acaso á venda um castrador de porcos, e logo que chegou tocou tres ou quatro vezes uma musica n'uma especie de cana, o que acabou de confirmar a D. Quixote que estava n'algum famoso castello, e que o serviam com musica, que o bacalhau eram truffas, o pão de trigo candial, as jovens damas e o vendedeiro castellão do castello, e com isto dava por bem empregada a sua sahida e determinação. Mas o que mais o aborrecia era não ver-se armado em cavalleiro, por lhe parecer que não se podia pôr legitimamente em aventura alguma sem receber a ordem de cavallaria.

E assim, cansado d'este pensamento, abreviou a sua limitada ceia, terminada a qual chamou o vendedeiro, e encerrando-se com elle na cavallariça, poz-se de joelhos aos pés d'elle dizendo-lhe: « Jámais me levantarei d'onde estou, valoroso cavalleiro, até que a

sua cortezia me outorgue um dom que lhe quero pedir, o qual retumbará em proveito seu e do genero humano. » O vendedeiro que viu o seu hospede a seus pés e ouviu um tal palavreado, estava confuso olhando para elle sem saber o que dizer ou fazer, e teimava com elle para que se levantasse, o que elle nunca quiz, até que o decidiu a outorgar-lhe o dom que elle pedia. « Eu não esperava menos da sua grande magnificencia, — respondeu D. Quixote ; — e assim lhe digo que o dom que lhe pedi e que tão voluntariamente me foi dado, amanhã me armareis em cavalleiro, e esta noite na capella d'este vosso castello velarei as armas, para poder, como se deve, ir por todas as quatro partes do mundo procurando as aventuras, para bem dos indigentes, como cumpre á cavallaria e aos cavalleiros andantes como eu sou, cujo desejo a semelhantes façanhas é de inclinação. » O vendedeiro que, pelo que se vê, tinha uma certa esperteza e já tinha algumas desconfianças da falta de juizo do seu hospede, redobrou de desconfiança ao ouvir semelhante palavreado, e por ter de que rir n'aquella noute, decidiu pôr-se de accordo com elle;

e assim lhe disse, que era muito acertado o que elle desejava, e como era facil de suppôr achava muito natural d'um tal valente cavalleiro como elle parecia e como mostrava a sua galharda apresentação. Disse-lhe tambem que n'aquelle castello não havia capella alguma onde elle podesse velar as armas; mas que em caso de necessidade elle sabia que se podia velar onde se quizesse, e que n'aquella noite as poderia velar n'um pateo do castello; que de manhã se fariam as devidas cerimoniaes, de modo que elle ficasse armado cavalleiro, e tão cavalleiro que não honvesse maior no mundo. Perguntou-lhe se trazia dinheiro: respondeu D. Quixote que nem um real, porque elle nunca lêra nas historias dos cavalleiros andantes, que algum o tivesse possuido. A isto respondeu o vendedeiro que se enganava; que dado o caso, que nas historias não se escrevia, era por ter parecido aos auctores d'ellas que não era necessario escrever uma cousa tão clara, e que não deviam deixar de trazer; e que assim tivesse por certo que todos os cavalleiros andantes andavam com as suas bolsas bem recheiadas, para o que lhes podesse succeder, e que assim mesmo levavam cami-

sas e um pequeno cofre cheio de unguentos para curarem as feridas que recebiam; e que portanto lhe mandava, como seu afilhado que tão promptamente ia ser, que não andasse d'ali por deante sem dinheiro e sem as referidas provisões. D. Quixote prometteu-lhe fazer immediatamente o que elle lhe aconselhava; e assim se deu ordem para as armas serem guardadas n'um curral e D. Quixote, juntando-as todas, pol-as sobre uma pilha que estava junto a um poço, e agarrando na sua adarga e lança, poz-se a passear deante da pilha; quando começou o passeio principiava a anoutecer.

O vendedeiro contou a todos os que estavam na venda, a loucura do seu hospede, admirando-se de tão estranho genero de loucura, foram todos vel-o, e viram que com modos socegados umas vezes passeando, outras encostando-se olhava para as armas, sem desviar os olhos durante um bom espaço de tempo. Metteu-se na cabeça a um dos homens que estava na venda ir dar agua á sua recova, e foi necessario tirar as armas de D. Quixote, que estavam sobre a pilha, o qual, vendo-o chegar, disse-lhe em voz alta: « Oh tu, quem-

quer que sejas, atrevido cavalleiro, que tocas nas armas do mais valoroso andante, vê o que fazes e não lhes mexas se não queres pagar com a vida o teu atrevimento. » Não se importou o arrieiro d'este palavreado, e seria melhor que se importasse, porque era importar-se com a saude, e agarrando nas correias atirou-as a uma grande distancia de si. O que visto por D. Quixote, ergueu os olhos ao ceu, e pondo o pensamento na sua Dulcinea, disse: « Conceda-me, minha senhora, n'esta primeira affronta que a este vosso avassallado peito se offerece; não me desfalleça n'este primeiro transe, dê-me animo e amparo. » E dizendo estas e outras palavras do mesmo estylo, largou a adarga e levantou a lança com as duas mãos dando com ella tão grande golpe na cabeça do arrieiro que o derrubou bem maltratado; e se lhe tivesse dado outro no mesmo estylo não necessitaria de medico que o curasse. Feito isto retomou as suas armas e poz-se a passear com o mesmo repouso que antes. D'ahi a pouco, sem saber o que se passára (porque o arrieiro ainda estava atordado), chegou outro com a mesma intenção de dar agua aos seus muares, chegando a

tirar as armas para desembaraçar a pilha, sem fallar e sem pedir licença a ninguem, D. Quixote soltou de novo a adarga e alçou outra vez a lança abrindo em quatro a cabeça do outro arrieiro. Ao ruido acudiu toda a



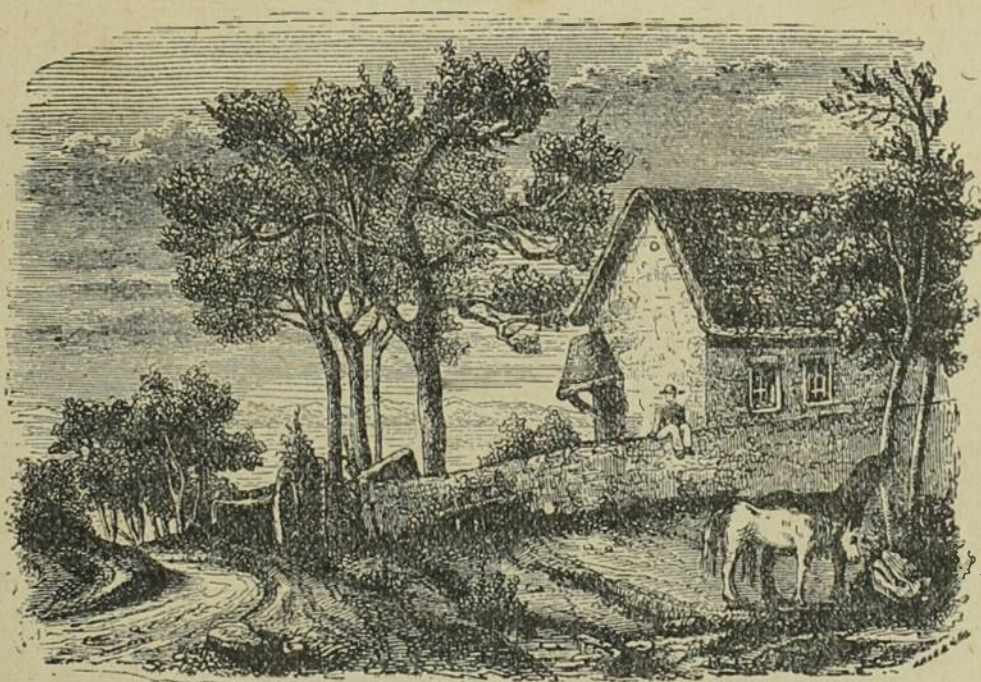
gente da venda e entre elles o vendedeiro. Os companheiros dos feridos, que tal viram, começaram a lançar pedras sobre D. Quixote, que se defendia com a sua adarga e não ousava sahir de junto da pilha para não desamparar as armas. O vendedeiro gritava que o deixassem, porque já lhes dissera que eile era louco.

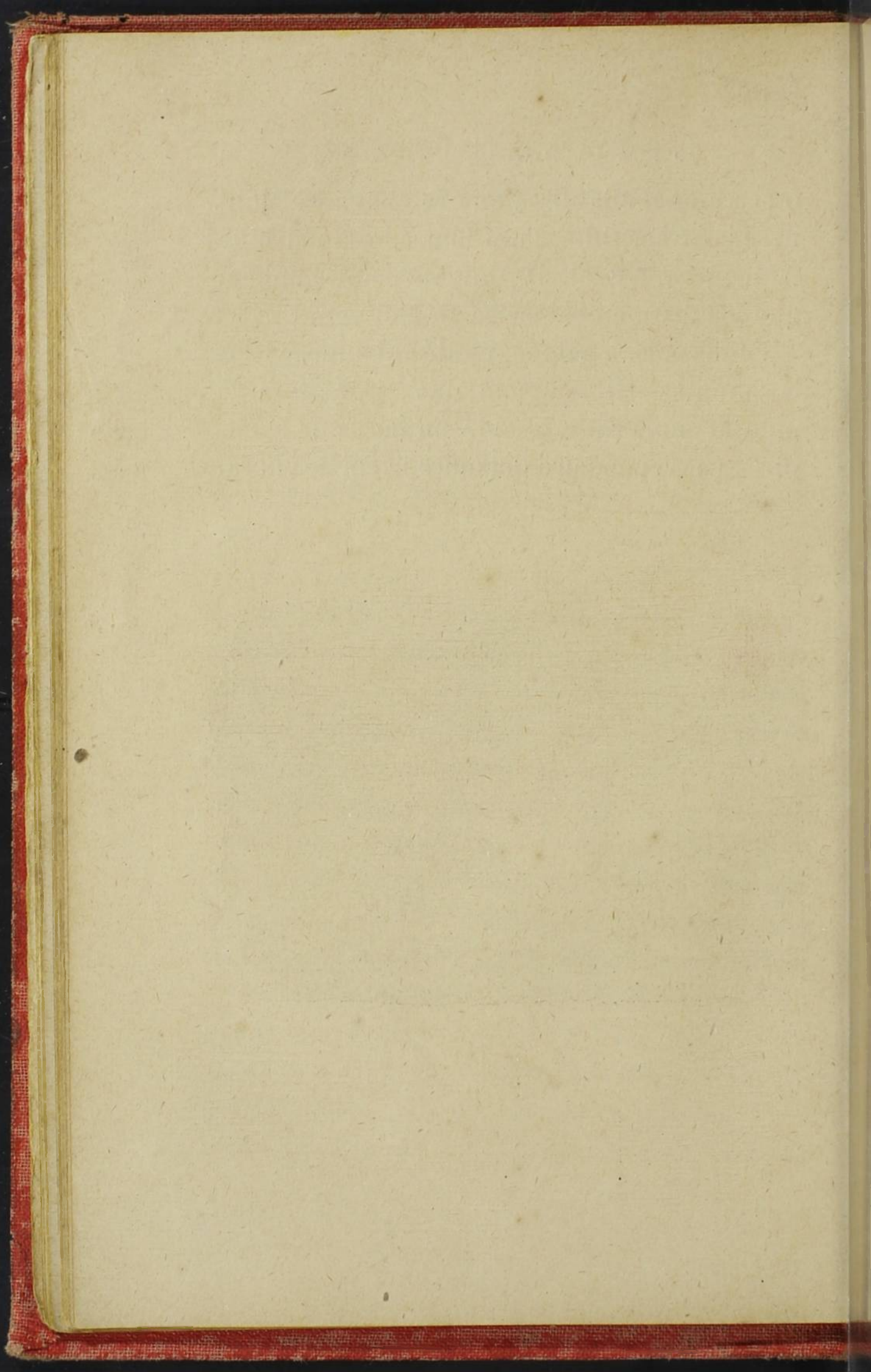
E não gostando muito das taes brincadeiras do seu hospede, determinou abreviar e dar-lhe a negra ordem de cavallaria immediatamente, antes que succedesse outra desgraça. Disse-lhe que o unico necessario para ficar armado cavalleiro consistia na cerimonia da espada, segundo elle se informára no ceremonial da ordem ; que aquillo se podia fazer a meio d'um campo ; e que já cumprira com o que dizia respeito ao velar das armas, que bastavam apenas duas horas de guarda, quanto mais que elle estivera mais de quatro. D. Quixote acreditou em tudo e respondeu que estava prompto para obedecer-lhe, e que terminasse com a maior brevidade possivel ; porque se fosse novamente acommettido e se visse armado cavalleiro, não pensaria em deixar ninguém vivo no castello, excepto aquellas que elle lhe mandasse, que por respeito não lhes tocaria. Avisado e temendo isto o castellão trouxe logo um livro onde inscrevia a palha e a cevada que dava aos arrieiros e levando um couto de vela que um rapaz lhe trouxera e com as duas donzellas, foi para onde estava D. Quichote, a quem mandou pôr de joelhos, e lendo no seu manual como se es-

tivesse dizendo alguma oração, a meio da leitura levantou a mão e deu-lhe sobre o pescoço um grande golpe, murmurando entre dentes como se rezasse. Feito isto, mandou que uma d'aquellas damas lhe cingisse a espada, o que ella fez com muita desenvoltura e discreção, porque foi d'um grande trabalho não rebentar de riso a cada ponto das ceremonias. A boa senhora disse ao cingir-lhe a espada: « Deus o faça muito bom cavalleiro e lhe dê ventura nas suas lides. » D. Quixote perguntou-lhe como se chamava, para que soubesse d'ali por diante a quem ficava devedor da mercê recebida, porque pensava dar-lhe alguma parte da honra que alcançasse pelo valor do seu braço. Ella respondeu com muita humildade que se chamava Tolosa, e que era filha d'um remendão, natural de Toledo, que vivia para os lados de Sancho Bienaya, e que onde quer que fosse que ella estivesse o serviria como amo e senhor. D. Quixote replicou que pelo seu amor lhe desse o gosto que d'ali em diante uzasse Dom e se chamasse D. Tolosa. Ella consentiu, e a outra collocou-lhe a espada, com o que se passou quasi o mesmo colloquio que com a espada. Perguntou-lhe

o seu nome, ella disse que se chamava Molinera, por ser filha d'um honrado moleiro de Antequera, á qual D. Quixote pediu tambem que passasse a chamar-se D. Molinera.

Feitas pois, a galope, ás até alli nunca vistas cerimoniaes, D. Quixote não via a hora de montar no cavallo e sahir em busca de aventuras ; o vendedeiro deixou-o ir em boa hora.





CAPITULO III

Rompia a manhã quando D. Quixote sahio da venda, tão contente e com tal alvoroço por se ver enfim armado cavalleiro, que estremezia de jubilo em cima do cavallo. Mas recordando-se dos conselhos do hospedeiro ácerca das provisões tão necessarias que devia levar comsigo, especialmente dinheiro e camisas, determinou voltar à casa e prover-se de tudo. e de um escudeiro. Deitou logo as vistas á pessôa d'um lavrador seu vizinho que era pobre e com filhos, mas muito a proposito para o cargo de escudeiro errante. Com este pensamento encaminhou o Rocinante para a sua aldeia, o qual, quasi adivinhando o seu desejo, começou a caminhar com tal força que parecia não pôr os pés no chão. Não caminhára muito quando lhe pareceu que á sua mão direita, da espessura d'um bosque

que havia, perto sahiam umas vozes muito fracas como d'uma pessoa que se queixava; e apenas as ouviu disse: « Estas vozes sem duvida são d'algum mendigo ou mendiga que necessitam o meu favor e ajuda »; e voltando as re-deas encaminhou o Rocinante para onde lhe pareceu que sahiam as vozes. E a poucos passos da entrada do bosque viu atada uma egua a uma corrente, e atado a outra um rapaz nú de meio corpo para cima, apparentando quinze annos, a julgar pela sua voz que implorava, e não sem motivo, porque um lavrador de boa estatura estava a açoutal-o com uma correia, e cada açoute era acompanhado d'uma reprehensão e conselho, porque dizia: « Fica a lingua e os olhos lestos.» E o rapaz respondia: « Não farei outra vez, meu senhor; pelo amor de Deus, não farei outra vez e prometto d'aqui por deante ter mais cuidado com o fato. » D. Quixote vendo o que se passava disse em tom imperioso: « Descortez cavalleiro, mal parece hateres em quem não se pode defender: subi sobre o vosso cavallo, tomae a vossa lança, que eu farei conhecer se é de covarde o que estaes fazendo.» O lavrador que viu sobre si aquella figura cheia d'armas, julgou-se morto e respondeu por boas pala-

bras : « Senhor cavalleiro, este rapaz que estou castigando é um criado meu, que me serve para guardar um rebanho d'ovelhas, que tenho para estes sitios, e é tão descuidado que cada dia me falta uma ; e porque castigo o seu descuido ou velhacaria, diz que o torno miseravel por não lhe pagar o ordenado que lhe devo, e por Deus e por minha alma que mente ». « Mente deante de mim ruim villão ? — disse D. Quixote. — Pelo sol que nos alumia, que estou com vontade de atravessal-o de lado a lado com esta lança : paga-lhe já sem mais replica ; senão, por Deus que nos guia, que o acabo e aniquilo n'este ponto ; desate-o immediatamente. » O lavrador abaixou a cabeça, e sem responder palavra desamarrou o criado, ao qual D. Quixote perguntou quanto devia o seu amo. Elle disse que nove mezes a sete reaes cada mez. D. Quixote fez a conta e encontrou que montava a sessenta e tres reaes, e disse ao lavrador que n'aquelle mesmo momento desembolsasse aquelle dinheiro se não queria morrer. O medroso villão respondeu que não era tanto ; porque havia a descontar tres pares de botas que lhe dera, e

um real de duas sangrias que lhe tinham feito quando doente. « Está tudo muito bem — replicou D. Quixote ; — porém, fiquem os sapatos e as sangrias' pelos açoutes que sem culpa lhe haveis dado, que se elle rompeu o



couro das botas que, haveis pago vos rompeste-lhe o do seu corpo ; e se o barbeiro lhe tirou sangue quando doente, vós lh'o tiraes quando está de saude : assim pois não lhe deve nada o seu criado. » « A questão está, senhor cavalleiro, em que não tenho dinheiro aqui.

Andrés, venha commigo á minha casa, que lhe pagarei real sobre real. » « Ir-me com elle, — disse o rapaz — mas? Má cousa! Não senhor, nem pensar n'isso, porque vendo-se só commigo tira-me os olhos, como a um S. Bartholomeu. » Não fará tal, — replicou D. Quixote, — basta que eu o mande para que elle tenha respeito; e com que elle me jure pela lei da cavallaria que recebeu, deixal-o-hei ir livre e asseguro-lhe o pagamento. » « Veja, senhor, o que diz, — disse o rapaz, — que este meu amo não é cavalleiro nem recebeu ordem alguma de cavallaria, o seu nome é Juan Haldudo, o rico, o vizinho do Quintanar. » « Importa por isso, — respondeu D. Quixote, — que pode haver cavalleiros Haldudos, quanto mais que cada um é filho das suas obras. » « Assim é, — disse Andrés; — porém, este meu amo de que obras é filho, pois nega-me o meu salario, o meu suor e o meu trabalho? » « Não nego, irmão Andrés — respondeu o lavrador — e dá-me o prazer de vires commigo que eu juro por todas as ordens de cavallaria que ha no mundo, de pagar como disse real sobre real, e até perfumados. » « Dae-lhe em reaes, — disse

D. Quixote, — que com isso me contento; e notae que cumprireis como haveis jurado. E se quereis saber quem vos manda isto, para melhor saber que fizesteis a vossa obrigação, sabei que eu sou o valoroso D. Quixote de la Mancha, o desafrontador de aggravos; e Deus queira que se cumpra o promettido e jurado, sob pena da pena pronunciada. » E dizendo isto picou o seu Rocinante e pouco tempo depois afastou-se d'elles.

CAPITULO IV

Tendo andado cerca de duas milhas, D. Quixote avistou um grande tropel de gente, que eram uns mercadores de Toledo que iam a Murcia comprar sedas. Eram seis com os seus guarda-soes, com mais quatro criados a cavallo e tres moços de mulas a pé. D. Quixote apenas os avistou teve logo para si ser cousa para nova aventura ; e para imitar em tudo as passagens que lera nos seus livros, pareceu-lhe ali uma occasião para isso: e assim gentilmente se firmou nos estribos, apertou a lança, conchegou a adarga e collocando-se com todo o denodo no meio do caminho esperou que chegassem aquelles cavalleiros andantes (pois que por tal ostomava), e quando chegaram a uma distancia que se podiam ver e ouvir D. Quixote levantou a voz e disse com arrogancia: « Detei-vos e confessae que

não existe em todo o mundo donzella mais formosa que a imperatriz da Mancha, a sem rival Dulcinea del Toboso. »

Estacaram os mercadores ao som d'este palavreado e ao verem a estranha figura que o proferia; e pelo palavreado e pela figura viram logo a loucura d'aquelle homem; e um d'elles que era um tanto brincalhão disse-lhe: « Senhor cavalleiro, nós outros não conhecemos quem seja essa dama; deixae-nol-a ver, que a ser ella tão formosa como dizeis da melhor vontade confessaremos a verdade que exigis de nós. » « Na verdade? — replicou D. Quichote; — se a visseis, que merito fôra confessardes tão notoria evidencia? A importancia está em que o acrediteis sem a vêr, confesseis, affirmeis, jureis e defendais; de contrario, entrareis commigo em combate, gente orgulhosa e soberba. » « Senhor cavalleiro, — replicou o mercador — supplico a Vossa Mercê em nome de todos estes principes que aqui estão para que tranquillise as nossas consciencias, confessando uma cousa jámais vista e ouvida por nós, e demais sendo tanto em menoscabo d'outras imperatrizes ou rainhas de Alcarria e Extremadura, que Vossa

Mercê seja servido de nos mostrar algum retrato d'essa senhora, embora mais pequeno que um grão de trigo, que pelo fio se tira o novello, e assim ficaremos certos e satisfeitos, e Vossa Mercê ficará pago e contente. E até creio que vamos estando tanto em favor d'ella, que, ainda quando nos mostre que é torta d'um olho, e que do outro as palpebras são vermelhas, com tudo isso, para agradar a Vossa Mercê, diremos em seu favor tudo o que quizer. » « Ella não é vesga, nem tão pouco coxa e corcovada, canalha infame! — exclama D. Quixote accêso em colera; — seus olhos são mais bellos, mais brilhantes que as estrellas do ceu; seu talhe mais gracioso, mais direito que um fuso de Guadarrama. » E proferindo estas palavras arremetteu logo com a lança em riste contra o que lhe fallára, com tanta furia e indignação, que se a bôa sorte não permittira que o Rocinante esbarrasse e cahisse, mal passaria o atrevido mercador. Rocinante cahiu e comsigo arrastou seu amo pelo campo, e querendo levantar-se não poudo; tal embarço lhe causava a lança, adarga, esporas, etc., com o peso das armas e da velha armadura. Um moço de mulas que vinha no

bando e que não devia ser dos melhor intencionados, apanhou o cabo da lança, e depois de o ter feito em pedaços, com um d'elles começou a dar tantas pauladas no nosso D. Quixote, que a despeito e apesar das suas armas o moeu como uma salada. Experimentou logo o nosso cavalleiro se podia levantar-se; mas se o não podera fazer quando bom e são, como o poderia fazer agora quasi desfeito?

Mas quiz a sorte que passasse por ali um lavrador da sua mesma terra e seu vizinho, que vinha de levar uma carga ao moinho, o qual, vendo aquelle homem ali estendido, se chegou a elle, e perguntou lhe quem era e que mal sentia, que tão amargamente se queixava. Admirado o lavrador d'aquelle homem e desejando conhecê-lo, tirou-lhe a vizeira que o pau já fizera em pedaços, limpou-lhe o rosto que tinha coberto de pó, e apenas o limpou conheceu-o e disse: « Senhor Quijada, quem o poz n'este estado? » Mas elle continuava pensando em qualquer romance sem dar resposta ao que o outro lhe perguntava. O bom homem vendo isto tirou-lhe o melhor que pode a armadura para vêr se tinha alguma ferida; mas

não viu sangue nem ferida alguma. Procurou levantá-lo do chão e não com pouco trabalho o poz sobre o jumento por lhe parecer cavallaria mais socegada. Em seguida apanhou as armas e até os troços da lança, amarrou tudo



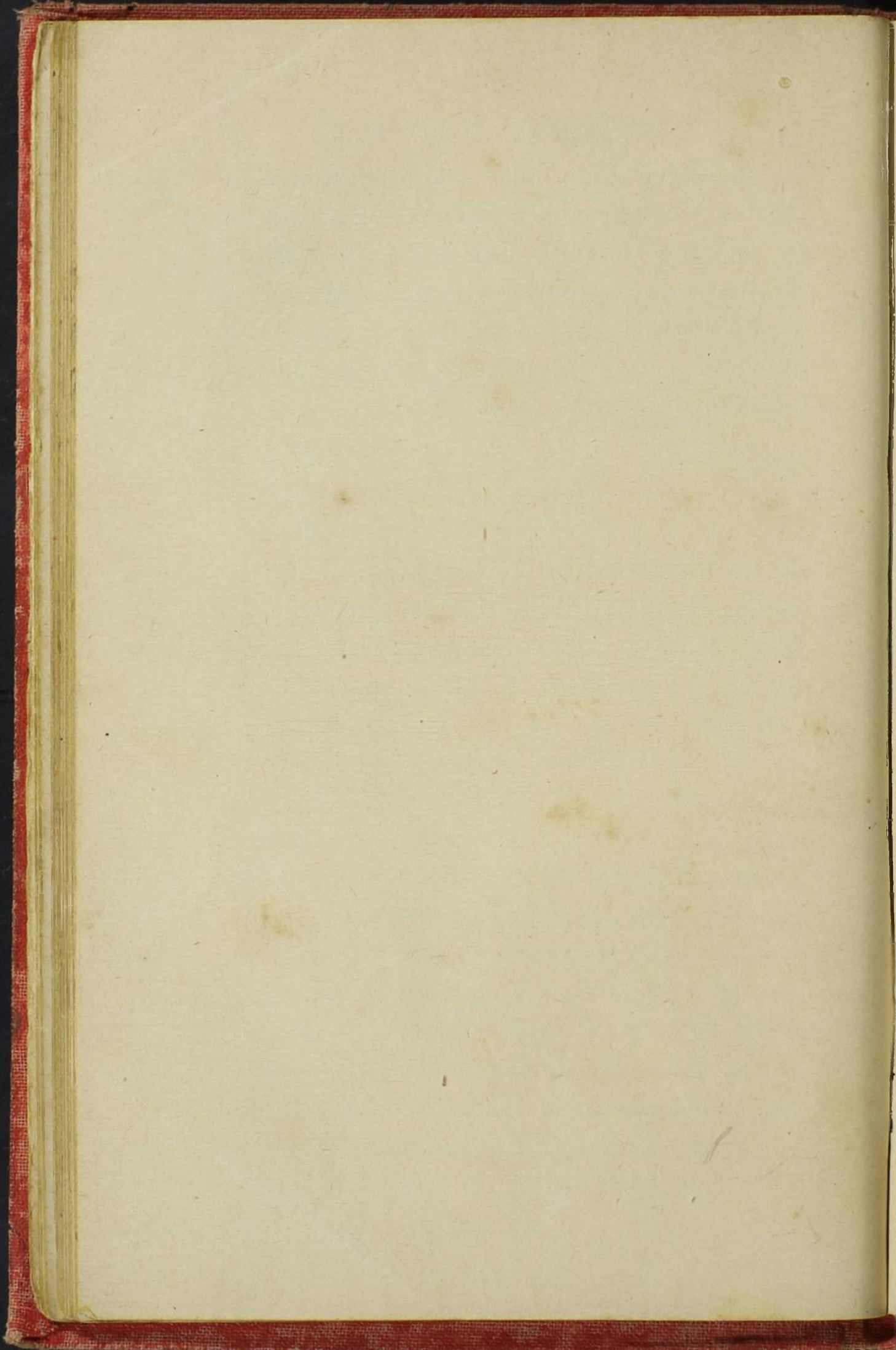
ao dorro do Rocinante, tomou-o pela redea e ao jumento pelo cabresto e pozo-se a caminho, pensativo, a ouvir os disparates que D. Quixote dizia a respeito de cavallarias; e não menos pensativo ia D. Quixote, que de moído e cheio de dôres não se aguentava sobre

o jumento. D'este modo chegaram ao seu destino ao anoutecer mas o lavrador aguardou que fizesse mais noite para que não vissem o moido fidalgo tão mau cavalleiro. Chegados, pois, á hora que lhe pareceu, entrou na terra e' em casa de D. Quixote, a qual achou toda em reboço e n'ella estavam o cura e o barbeiro do logarejo, que eram grandes amigos de D. Quixote, aos quaes a ama dizia em altas vozes : « Que lhe parece senhor licenciado Pedro Peres (assim se chamava o cura) da desgraça do meu senhor? Ha seis dias que nem elle nem o rocim apparecem, nem a adarga, nem a lança, nem as armas. Ah! desgraçada de mim! Digo-lhe que é tão certo como eu ter de morrer que estes malditos livros de cavallaria que lê e torna a lêr lhe voltam o juizo; e agora me lembro tel-o ouvido dizer muitas vezes fallando comsigo, que queria fazer-se cavalleiro andante e ir-se em busca de aventuras por esses mundos. » A sobrinha accrescentava : « Saiba, senhor mestre Nicolau (assim se chamava o barbeiro), que muitas vezes aconteceu ao senhor meu tio estar lendo os desalmados livros de desventuras dois dias e duas noites, ao cabo das

quaes arrojava o livro das mãos, punha as mãos na espada, e dava espadeiradas nas paredes; e quando estava muito cansado dizia que tinha morto quatro gigantes como quatro torres, e o suor que suava do cansasso dizia que era sangue das feridas que recebera na batalha. Mas eu tenho a culpa de tudo, que não avisei os senhores dos disparates do senhor meu tio, para que remediassem antes de chegar ao que chegou e queimassem todos esses excomungados livros, que bem merecem ser abrazados como se fossem herejes. » « Isso tambem eu digo — disse o cura — que sejam condemnados ao fogo para que não dêem occasião a fazer a quem os lê o que fizeram ao meu amigo. Isto tudo o lavrador e D. Quixote estavam a ouvir, o que fez o lavrador convencer-se da enfermidade do vizinho e assim começou a dizer em altas vozes : « Abram, senhores, ao senhor Valdevinos e ao senhor Marquez de Mantua, que vem ferido. » A estas vozes sahiram todos ; uns conheceram o seu amigo e outros seu amo e tio, que não se apeára ainda do jumento porque não podia. Correram a abraçal-o. Elle disse : « Parem todos, que venho ferido por culpa do meu ca-

vallo : levem-me para a cama e chame-se, podendo ser, a sabia Urganda que me trate e cure as feridas. » « Maldita a hora — disse n'este ponto a ama — bem me dizia o coração, de que pé coxeava o meu senhor. Vinde connosco, senhor, nós cá o curaremos como soubermos, mesmo sem essa tal Urganda. » Levaram-n'o logo para a cama e procuraram as feridas não lhe encontrando nenhuma; e elle disse que estava moido por ter dado uma grande queda do Rocinante quando combatia com dez gigantes, os mais desaforados e atrevidos que se podia imaginar. « Bom, bom — replicou o cura — temos gigantes na dança; pois amanhã sem mais demora, hão de os livros ser queimados antes da noite. » Fizeram mil perguntas a D. Quixote e a nenhuma quiz responder outra cousa, senão que lhe dessem de comer e que o deixassem dormir que era o que mais o interessava. Assim se fez, e o cura muito largamente se informou pelo lavrador do modo como encontrára D. Quixote. Elle contou-lhe tudo com os disparates que se haviam dado, o que fez com que o reverendo mais vontade tivesse de pôr em pratica o que dissera, o que fez no

dia seguinte, tendo ido buscar o seu amigo, o mestre Nicolau, com o qual voltou a casa de D. Quixote, fazendo um grande escrutinio nos livros de cavallaria, viram muitos, guardaram alguns e atiraram outros ao curral por intermedio da ama que com grande contentamento lhes pegou fogo.



CAPITULO V

Estavam verificando os livros, quando D. Quixote começou a gritar : « A mim, a mim, valorosos cavalleiros, aqui é mister mostrar a força dos vossos braços, os cortezãos alcançam o premio do torneio. » Quando chegaram junto de D. Quixote o cura e o barbeiro, a ama e a sobrinha, já elle estava levantado da cama e proseguia nos seus gritos e nos seus desatinos, dando cutiladas em toda a parte, estando tão esperto como se nunca tivesse dormido. Agarram-no e pela força voltaram a deital-o ; e depois de ter socegado um pouco, deram-lhe de comer e adormeceu de novo, todos estavam admirados da sua loucura. Um dos remedios que o cura e o barbeiro deram n'aquelle momento para o seu amigo, foi que lhe murassem e tapassem o aposento dos livros, para que quando se levantasse não os achasse e

que lhe dissessem que um feiticeiro os levára assim como o aposento ; e foi feito isto immediatamente. D'ali a dois dias levantou-se D. Quixote e o primeiro que fez foi ir ver os livros ; e como não achava o aposento onde os deixára, andava d'um lado para outro á procura d'elle ; mas depois d'um momento perguntou á ama em que sitio estava o aposento dos seus livros. A ama, que já estava bem avisada do que tinha que responder, disse-lhe : « Qual aposento nem nada procura o senhor ? Já não ha aposento nem livros n'esta casa, porque tudo levou o diabo. » « Não era diabo — replicou a sobrinha — mas sim um feiticeiro que veio ás occultas na noite do dia em que Vossa Mercê d'aqui partiu, e apeiando-se d'uma serpente em que vinha montado entrou no aposento e não sei o que lá fez, que ao cabo de pouco tempo sahiu voando pelo telhado e deixou a casa cheia de fumo ; e quando acordamos para ver o que fizera não vimos livros nem aposento algum.

O certo é que D. Quixote passou quinze dias em casa muito socegado, sem dar mostras de querer secundar os seus primeiros devaneios ;

cujos dias passou em engraçadíssimas historias com os seus dois compadres, o cura e o barbeiro, sobre o que elle dizia que a cousa que o mundo mais necessitava era de cavalleiros andantes e que n'elle resuscitasse a cavallaria andantesca. O cura algumas vezes contrariava-o, outros era do seu aviso; porque se não procedesse assim não se poderia entender com elle. A este tempo solicitou D. Quixote a um lavrador seu vizinho, homem de bem, mas de pouco sal na moleira. Tanto lhe disse, tanto o persuadiu e prometeu, que o pobre villão determinou sahir com elle e servir-lhe de escudeiro. Entre outras cousas D. Quixote dizia-lhe que se dispozesse a ir com elle de boa vontade, porque lhe podia succeder aventura em que ganhasse alguma ilha e o deixasse como governador d'ella. Com estas e outras promessas que taes, Sancho Pança (assim se chamava o lavrador) deixou a mulher e os filhos, e tornou-se escudeiro de seu vizinho. D. Quixote deu logo ordem para buscar dinheiro, pediu um escudo emprestado a um amigo e avisou o seu escudeiro Sancho do dia e hora em que pensava pôr-se a caminho, para que elle se fornecesse do que era neces-

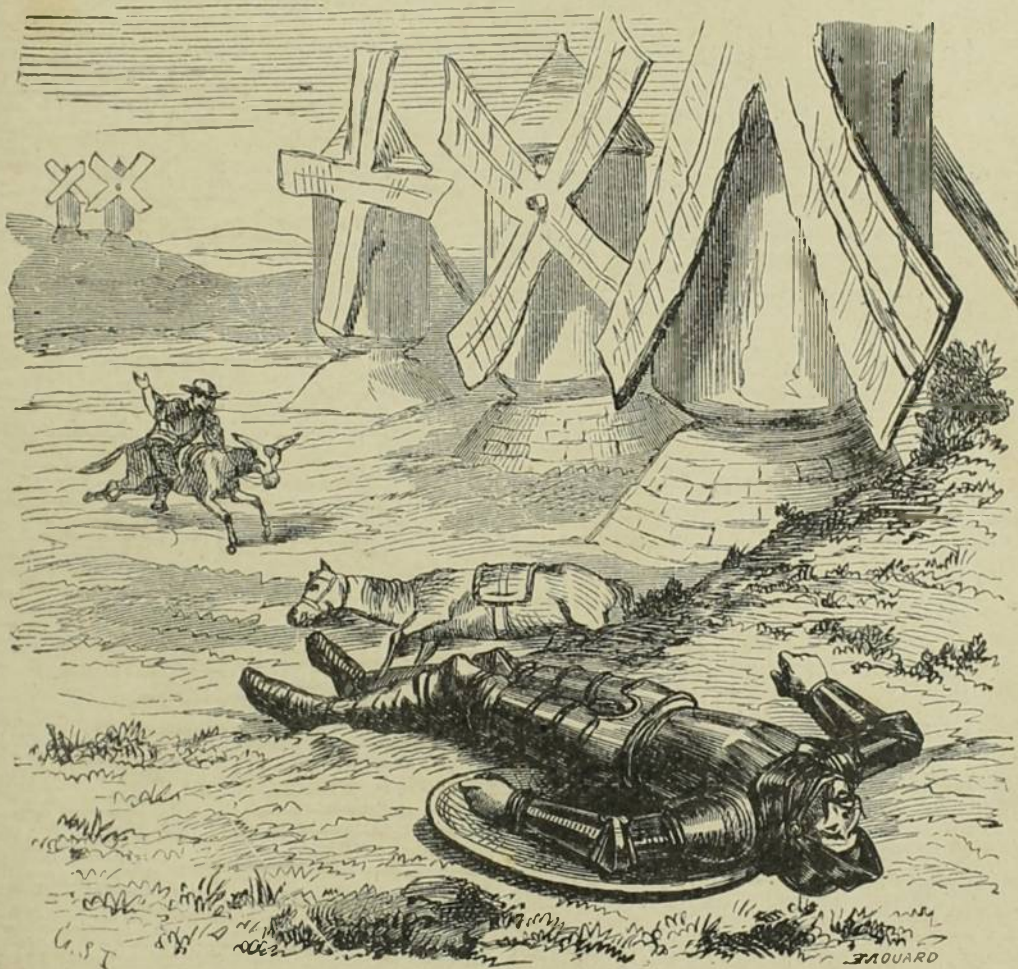
sario ; recommendou-lhe sobre tudo que levasse alforjes. Elle disse que levaria e que pensava mesmo em levar um jumento que tinha e que era muito bom, porque elle não estava affeito a andar a pé. Tudo feito e cumprido, sem se despedir Sancho nem dos filhos, nem da mulher, nem D. Quixote da sua ama e sobrinha, sahiram uma noite do logarejo sem que ninguem os visse, e andaram tanto, que ao amanhecer estavam certos que não seriam encontrados ainda que os procurassem. Sancho Pança ia sobre um jumento como um patriarcha, com os alforjes e as botas, e com muito desejo de vêr se ganhava o logar de governador da ilha que seu amo lhe promettera. Sancho Pança disse a D. Quixote : « Não se esquece, senhor cavalleiro andante, do que me prometeu a respeito da ilha, que por muito grande que seja sabel-a-hei governar. » Ao que D. Quixote respondeu : « Has-de saber, amigo Sancho Pança, que foi costume muito usado pelos cavalleiros andantes antigos, fazer governadores os seus escudeiros, das ilhas ou reinos que ganhavam, e eu faço tudo para que seja cumprida tão agradavel moda ; mas vivendo tu e eu,

bem pode que antes de seis dias se ganhe tal reino, que tivesse outros adherentes a elle, de molde a coroar-te rei d'um d'elles. » « D'essa maneira — respondeu Sancho Pança — se fosse rei por algum milagre dos que Vossa Mercê diz, pelo menos Theresa Gutierrez, minha mulher, viria a ser rainha e os meus filhos infantes. » « Pois quem o duvida? » — respondeu D. Quixote. « Eu duvido — disse Sancho Pança — porque acho para mim, que embora Deus mandasse chuva de reinos sobre a terra, nenhum assentaria bem sobre a cabeça de Mari Gutierrez. Saiba, senhor, que para rainha não vale dois maravedis; condessa não digo que não, ainda assim é preciso que Deus a ajude. » « Encommendando-a tu a Deus, Sancho, — respondeu D. Quixote — que elle lhe dará o que mais lhe convenha; porém não te rales nem consumas o teu animo, pois pode ser que venhas a contentar-te com o ser só governador. » Bem, meu senhor — respondeu Sancho — e demais tendo um tal amo que saberá dar-me tudo o que me vá bem. »

N'isto descobriram trinta ou quarenta moinhos de vento n'um campo proximo, e logo que D. Quixote os viu disse ao seu escu-

deiro. « A ventura vae guiando as nossas cousas melhor do que desejavamos ; porque vês ali, amigo Sancho Pança, onde se vêm trinta ou poucos mais desafortados gigantes a quem penso dar batalha e tirar-lhes a todos a vida, com cujos despojos começaremos a viver e enriquecer : é esta bôa guerra e é grande serviço a Deus tirar tão má semente da terra. » « Que gigantes ? » disse Sancho Pança. « Aquelles que ali vês — respondeu seu amo — com aquelles lão grandes braços que até parecem ter alguns de quasi duas leguas. » « Veja Vossa Mercê — respondeu Sancho — que aquillo ali que se parece com gigantes são moinhos de vento e o que n'elles parecem braços são as azas que, voltadas e revoltadas pelo vento, fazem andara pedra do moinho. » « Bem se vê — respondeu D. Quixote — que não estás habituado a isto de aventuras : elles são gigantes e se tens medo, sáe d'ahi e põe-te a orar emquanto eu vou entrar com elles em feroz e desigual batalha. » E dizendo isto deu de esporas ao Rocinante, sem ouvir os gritos que o seu escudeiro dava, advertindo-o que sem duvida alguma eram moinhos de vento e não gigantes o que que ia acommetter. Porém,

elle ia tão certo que eram gigantes que nem ouvia os gritos do seu escudeiro Sancho nem se convencia, apesar de bem perto d'elles; encommendando-se antes de todo o coração á



sua Dulcinea, bem coberto com o seu escudo e com a lança em posição, arremetteu a todo o galope do Rocinante e investiu com o primeiro moinho que estava á frente, e dando-lhe com a lança em uma das azas, o vento

voltou a lança com tal força que a fez em pedaços, levando atraz de si o cavallo e o cavalleiro que rolaram um grande bocado pelo campo. Accudiu Sancho Pança a soccorrel-o, e quando chegou viu que não se podia mexer: tal fôra a queda que dera com o Rocinante. « Valha-me Deus! — disse Sancho — não disse a Vossa Mercê que visse o que fazia, que eram moinhos de vento e não o podia ignorar senão quem levasse outros tantos na cabeça! » « Callate, amigo Sancho, — respondeu D. Quixote — que as cousas da guerra estão sujeitas mais do que outras a continuas mudanças. » « Deus permitta que assim seja », respondeu Sancho Pança ; e ajudando-o a levantar tornou a pôr o cavalleiro sobre o Rocinante que meio morto sahira da descomunal e nunca vista refrega.

CAPITULO VI

Fallando da passada aventura seguiram o caminho do porto Lápice, porque ali dizia D. Quixote que era impossivel deixar de encontrar muitas e diversas aventuras, por ser logar de muita passagem. Com effeito, no dia seguinte, e por volta das tres do dia, descobriram-n'o, e a pouca distancia passaram pelo caminho dois frades da ordem de San Benito, montados em duas mulas. A traz d'elles vinha uma carruagem com quatro ou cinco cavallos a puxar, e dois moços de mulas a pé. Vinha na carruagem, como depois se soube, uma senhora biscainha que ia a Sevilha, onde estava seu marido, que ia para as Indias com um cargo muito honroso. Os frades não vinham com ella, embora seguissem o mesmo caminho; mas D. Quixote apenas os viu, disse ao seu escudeiro: « Ou eu me engano, ou

esta ha-de ser a mais famosa aventura que se tem visto ; porque aquelles vultos negros que apparecem ali devem ser e são sem duvida,



alguns encantadores, que levam roubada alguma princeza n'aquella carruagem, e é mister empregar toda a minha força para evitar este crime. » « Isto será peor que os moinhos de vento — disse Sancho ; — veja,

senhor, que aquillo são frades de San Benito, e a carruagem deve ser d'alguma passageira; veja que digo que olhe bem o que faz, não seja o diabo que o engane. » « Já te disse, Sancho — replicou D. Quixote — que sabes pouco da materia de aventuras: o que eu digo é verdade, vaes vel-o. » E dizendo isto, adeantou-se e poz-se a meio do caminho por onde vinham os frades; e quando chegaram a uma altura que elle pensou que podiam ouvir o que dizia, disse em voz alta: « Gente endiabrada e descomunal, deixae n'este ponto as nobres princezas que n'esse coche levaeis forçadas: senão, preparaes-vos para morrer como castigo das vossas más obras. » Os frades seguraram as redeas e ficaram admirados, tanto da figura de D. Quixote como do seu palavreado, ao qual responderam: « Senhor cavalleiro, nós não somos endiabrados nem descomunaes, mas sim dois religiosos de San Benito que seguimos o nosso caminho e não sabemos se n'esta carruagem vêm ou não algumas forçadas princezas. » « Para commigo não ha palavras brandas, eu conheço-os, canalha infame » — disse D. Quixote. E sem esperar mais resposta, picou o Rocinante e

com a lança baixa arremetteu contra o primeiro frade com tanta furia e denodo que se o frade não se deixasse cair da mula, elle teria-o atirado ao chão ferindo-o ou matando-o talvez. O segundo religioso, que viu de que modo



tratavam o seu companheiro, começou a correr por aquella campina mais leve que o vento. Sancho Pança, que viu o frade por terra, apeando-se apressadamente do seu jumento atirou-se a elle e começou a tirar-lhe os habitos. N'isto chegaram dois moços dos frades que

lhe perguntaram porque o despiam. Sancho respondeu-lhes que aquillo lhe pertencia a elle legitimamente, como despojos da batalha que o seu senhor ganhára. Os moços, que não queriam brincadeiras, e que não entendiam aquillo de despojos e batalhas, vendo que D. Quixote já estava afastado d'ali, fallando com quem vinha na carruagem, arremetteram contra Sancho e atiraram-n'o ao chão, e sem deixar-lhe um pello nas barbas moeram-n'o com pontapés deixando-o estendido e sem sentidos.

D. Quixote estava, como se acaba de dizer, fallando com a senhora da carruagem e tudo quanto D. Quixote dizia escutava um escudeiro dos que acompanhavam a carruagem, que era biscaino, o qual, vendo que elle impedia a carruagem de passar, e que fallava de dar a volta ao Toboso, dirigiu-se a elle, agarrou a lança, disse-lhe em lingua castelhana e peor biscainha, d'esta maneira: « Anda, cavalleiro, que mal andes; por Deus que me criou, que se não deixas a carruagem matas-te como ahi estás biscainho. » D. Quixote entendeu-o muito bem, e respondeu-lhe muito socegradamente: « Se fosses cavalleiro, como não és, já teria

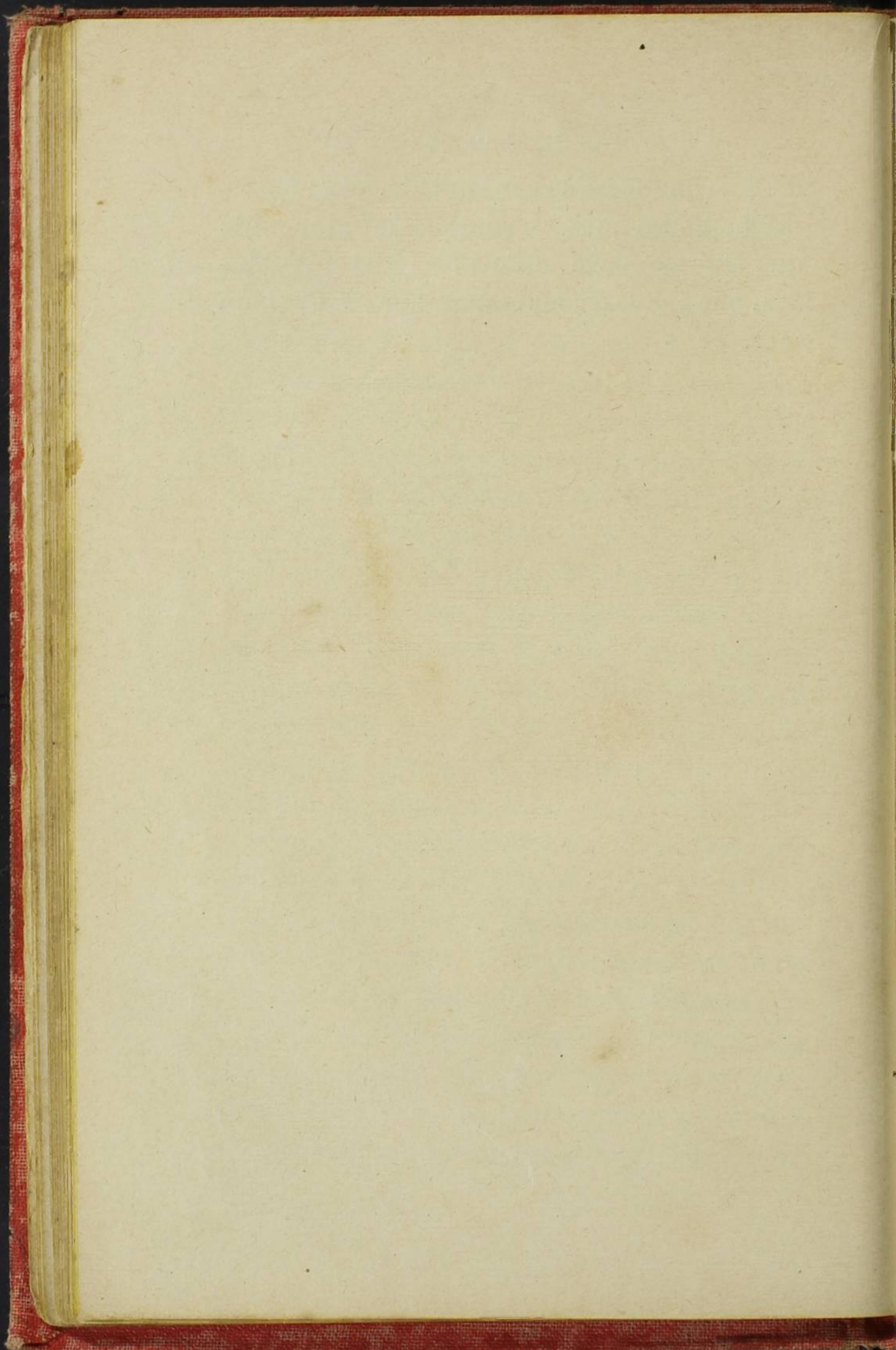
castigado o teu atrevimento, indigna creatura. » Ao que o biscainho respondeu : « Não sou cavalleiro eu ! eu biscainho gentil homem por terra, por mar, pelo diabo, tu mentiste e vê o que dizes. » « Agora vereis » — replicou D. Quixote, e atirando a lança ao chão, agarrou na espada, abraçou o escudo e arremetteu contra o biscainho com intenção de lhe tirar a vida. O biscainho que assim o viu vir, quiz aprear-se da mula, que por ser das más de aluguer não havia que fiar n'ella, não ponde fazer outra cousa senão puxar da sua espada; e logo se atiraram um para o outro como se fossem dois inimigos mortaes. O biscainho deu uma grande espadeirada no hombro de D. Quixote, por cima do escudo, que, a dal-a sem defeza, tel-o hia aberto até á cintura. D. Quixote, que sentiu o peso d'aquelle desaforado golpe, apertou a espada, cobriu-se bem com o escudo e arremetteu contra o biscainho com determinação de o arrebatár d'um só golpe. O biscainho, que o viu vir contra elle, bem o comprehendeu pelo seu denodo e coragem e determinou fazer o mesmo que D. Quixote, e assim o aguardou bem coberto com a almofada da carruagem que lhe serviu de escudo. Vinha,

pois, como se disse, D. Quixote contra o biscainho de espada levantada, com intenção de o fazer em dois ; e o biscainho aguardava-o do mesmo modo : e todos os presentes estavam assustados com os golpes que elles trocavam ; e a senhora da carruagem e as suas criadas fazendo mil votos e offerecimentos a todas as imagens e casas de devoção de Hespanha, para que Deus olhasse pelo seu escudeiro e a ellas do grande perigo em que se achavam.

Erguidas as cortadoras espadas dos dois valerosos e arrojados combatentes, o primeiro a descarregar o golpe foi o colerico biscainho, o qual foi dado com tanta força e tanta furia que a não se ter voltado a espada no caminho só aquelle golpe fôra o bastante para terminar a contenda e todas as aventuras do nosso cavalleiro ; mas a bôa sorte, que o tinha guardado para maiores cousas, voltou a espada ao contrario, de modo que, embora acertando-lhe no hombro esquerdo, não lhe causou mais damno que desarmar-lhe todo aquelle lado, levando-lhe ao mesmo tempo grande parte da celada com a metade da orelha, que com espantoso ruido o fez cahir no chão, deixando-o bastante maltratado. Não se diga mais nada

senão que foi de maneira que se levantou de novo sobre os estribos, e segurando melhor a espada com as duas mãos, com tal furia descarregou sobre o biscainho, acertando-lhe em cheio sobre a almofada e sobre a cabeça, como se cahisse sobre uma montanha, começou a deitar sangue pelo nariz, pela bocca e pelos ouvidos e a dar signal de cahir da mula, d'onde cahiria sem duvida se a não agarrasse pelo pescoço ; porém, com tudo isto, a mula espantada com o terrivel golpe, poz-se a correr pelo campo e a poucos metros atirou com o dono por terra. Olhava-o D. Quixote com muito socego, e como o viu cahir, saltou do seu cavallo e com muita ligeireza se chegou a elle, e pondo-lhe a ponta da espada nos olhos disse-lhe que se rendesse senão que lhe cortava a cabeça. O biscainho estava tão perturbado que não podia responder palavra, e passaria a ficar cego se as senhoras da corruagem, que até então olhavam a pendencia, não fossem onde elle estava e lhe pedissem encarecidamente que lhes fizesse a mercê e favor de perdoar a vida ao seu escudeiro. Ao que D. Quixote accedeu, com a condicção de apresentar o biscainho ante a Dulcinea de Toboso para que ella fizesse

d'elle o que fosse da sua vòntade. As senhoras prometteram que o escudeiro faria tudo aquillo que elle mandava. « Pois em fé da sua palavra, não lhe farei mais mal, apesar de bom merecer. »



CAPITULO VII

Já a este tempo se levantára Sancho e vendo a pendencia terminada e que o seu amo montava sobre Rocinante, chegou a pegar-lhe no estribo e a pedir-lhe o governo da ilha que já julgava ganha. Ao que D. Quixote respondeu : « Notae, irmão Sancho, que esta aventura e outras semelhantes não são aventuras d'ilhas, são de encruzilhadas, nas quaes não se ganha outra cousa senão quebrar a cabeça ou ficar com uma orelha de menos; tende paciencia, que se hão-de offerecer aventuras onde se possa governar, etc. » Sancho agradeceu-lhe e montou se no burro para seguir o seu senhor que, em bom andamento, sem despedir-se nem fallar com as da carruagem, entrou para um bosque cêrca d'ali. Quando D. Quixote foi alcançado pelo seu escudeiro, perguntou-lhe : « Diz-me, por a tua vida, já vis-te caval-

leiro mais valoroso que eu em toda a terra? Tens lido em historias outro que tenha mais brio em acommetter, nem mais alento em se defender, nem mais destreza no ferir, nem mais manha no derrubar? » « Verdade seja — respondeu Sancho — que eu jámais li nenhuma historia, porque não sei lêr nem escrever; mas o que ousarei apostar é que um amo mais atrevido que Vossa Mercê, nunca servi nos dias da minha vida, e Deus queira que estes atrevimentos não os pague, etc. e tal; o que rogo a Vossa Mercê é que se cure, porque deita muito sangue do ouvido; trago aqui fios nos alforjes e um pouco de unguento branco. » « Tudo isso seria bem lembrado, — respondeu D. Quixote, — se não me tivesse lembrado a mim fazer uma fricção com balsamo de Ferrabraz, que com uma só gota se poupam medicamentos e tempo. » « Que balsamo é esse? » — perguntou Sancho Pança. « E' um balsamo, — respondeu D. Quixote — de que de memoria sei a receita, com o qual não ha que temer a morte nem pensar morrer de nenhuma ferida; e assim quando eu o faça e t'o dê, não tens mais que fazer senão quando vires que n'alguma

batalha me partiram por meio do corpo, como succederá muitas vezes, a parte do corpo que cahir apanhal-a-has, antes que o sangue se gele, pol-a-has sobre a outra metade, sendo de notar que a acertarás cuidadosamente: depois dar-me-has a beber só dois tragos d'esse balsamo que te digo, e ficarei são como um pero. » « Se isso é assim — disse Sancho — renuncio desde já ao governo da promettida ilha e não quero outra cousa em paga dos meus muitos bons serviços senão que Vossa Mercê me dê a receita d'esse balsamo, que me parece deve valer cada onça em qualquer parte mais de dois reaes e não preciso mais para passar a vida honrada e descansadamente; o que falta saber é se não será muito custoso arranjal-o. » « Por menos de três reaes se pode fazer canada e meia — respondeu D. Quixote. » « Pois senhor meu Deus, — replicou Sancho — pois o que aguarda Vossa Mercê para a fazer e ensinal-a? » « Deixa lá, respondeu D. Quichote — que maiores segredos penso ensinar-te e fazer-te maiores mercês. Mas deixemos isso para seu tempo e vê se n'esses alforjes trazes alguma cousa que se possa comer, para em seguida ir em busca

d'algum castello onde pernoitemos hoje e se possa fazer o balsamo de que te fallei, porque fica certo que me está doendo a orelha. »

« Trago aqui uma cebolla e um pouco de queijo e não sei quantos pedaços de pão — disse Sancho; — porém, não são comidas para um tão valente cavalleiro como Vossa Mercê. »

« Como me julgas mal! — respondeu D. Quixote; — faço-te saber, Sancho, que é honra dos cavalleiros andantes não comer um mez, e comerem do que acham mais á mão não é mau; assim, pois, amigo Sancho, não te dê cuidado o que me dá gosto a mim, nem queiras tu endireitar o mundo nem tirará cavallaria andante os seus principios. »

« Perdoe-me Vossa Mercê — disse Sancho — que como não sei lêr nem escrever, como já lhe disse, não sei as regras da profissão de cavallaria; e d'aqui por deante hei de provir os alforjes de todas as qualidades de fructa secca para Vossa Mercê, que é cavalleiro, e para mim hei-de encher-as, porque o não sou, de outras cousas que sustentem mais. »

E enumerando as cousas que havia de trazer, comeram os dois em boa paz e companhia. Porém, desejosos de saber onde irem alojar n'aquella noite,

acabaram em pouco tempo a sua pobre e magra comida ; montaram-se e apressaram-se para chegar á população antes de anoitecer ; mas faltou-lhes o sol e a esperança d'aícançar o que desejavam e paráram junto a umas choças d'uns cabreiros, e assim resolveram passar ali a noite, como fizeram. Apenas começou a amanhecer D. Quixote e Sancho, com cinco dos seis cabreiros, partiram para o enterro d'outro que de estudante se fizera pastor, chamado Chrisosthomo, morto ao que parece, por desdens d'uma moça que se fizera tambem pastora, de nome Marcela. Succedeu-lhes logo toparem com uns malvados yangueses, que por excessos do Rocinante os moeram com paus e com estacas, deixando os pelo chão bem maltratados ; e levantaram se como puderam e chegaram pela tarde a uma venda dizia Sancho e o seu amo que não que era um castello.

O vendeiro, que viu D. Quixote atravessado no burro, perguntou a Sancho o que elle tinha. Sancho respondeu-lhe que não era nada uma pequena queda que dera e que as costellas estavam algo resentidas. O vendedeiro tinha uma mulher que se sentia das calamidades do

proximo, de modo que acudiu logo a curar D. Quixote, e fez com que uma sua filha de muito bom parecer a ajudasse a curar o maltratado hospede. Servia na venda uma moça asturiana, de cara larga, de nariz romano, um pouco torta d'um olho e nada sã do outro; verdade é que a galhardia do corpo suppria as demais faltas: não tinha sete palmos dos pés á cabeça e as costas, que curvavam um pouco, faziam-lhe olhar para o chão mais do que queria. Esta gentil moça, pois, ajudou a donzella, e as duas fizeram uma muito má cama a D. Quixote n'um caramanchão que dava manifestos indicios de que servira muitas vezes de palheiro, no qual alojava tambem um arrieiro, que tinha a sua cama feita um pouco distante da do nosso D. Quixote, e embora tapada comas mantas dos seus machos, serviria muito bem a D. Quixote, que só continha quatro taboas lisas sobre dois não muito eguaes bancos, e um colchão muito delgado, cheio de buracos. N'esta maldita cama se deitou D. Quixote; e logo a vendeira e a filha o esfregaram todo aluminandolhes Maritornes, que assim se chamava a asturiana; a vendeira firmando-se bem disse

que aquillo eram golpes. « Não foram golpes, — disse Sancho — é que a pedra tinha muitos bicos e cada um o ferira; e acrescentou: « E Vossa Mercê, senhora, faça por guardar alguma estopa para mim, que também me doem um pouco as costas. » « D'essa maneira — respondeu a vendedeira — também deveis ter cahido? » « Não cahi — disse Sancho Pança — mas do sobresalto de vêr cahir o meu amo, de tal modo me doe o corpo que parece que me deram pancadas. » « Bem poderia ser isso, — disse a donzella, — porque a mim me aconteceu sonhar que cahia d'uma torre, e que não acabava por chegar ao chão, e quando despertava do somno achava-me tão moida como se tivesse cahido realmente. » « Ahi está o caso, senhora, que eu sem sonhar nada — disse Sancho — e mais acordado que agora, tenho pouco menos dôres que D. Quixote. » « Como se chama este cavalleiro? » perguntou Maritornes. « D. Quixote de la Mancha, é cavalleiro aventureiro e dos melhores e mais fortes que se têm visto no mundo. E sabei, irmã, que cavalleiro aventureiro é uma cousa que em duas palavras se vê imperador: hoje está a mais infeliz das

creaturas e amanhã terá duas ou tres corôas de reinos para dar ao seu escudeiro. » « Pois como é que, sendo d'um tal senhor, — disse a vendedeira — não tendes ao que parece nem um só condado? » « Ainda é cedo — respondeu Sancho — porque ha apenas um mez que andamos á procura d'aventuras e até agora não encontramos neuhuma que o seja, e ás vezes procura-se uma cousa e sáe outra.

CAPITULO VIII

D. Quixote estava ouvindo muito attento toda esta conversa e sentando-se na cama como poudo, agradeceu á vendeira a mercê que lhe fizera com taes palavras e offerecimentos, que ella, a filha e Maritornes, não habituadas a semelhante linguagem, olhavam-n'o admiradas e parecia-lhes um homem differente dos outros, e fazendo-lhe ver que não tinha que agradecer deixaram-n'o; e a asturiana Maritornes curou Sancho, que não precisava menos que seu amo. Sancho estava esfregado e deitado entre a cama do seu amo e a do arrieiro, mas embora procurasse dormir a dôr das costas não o deixava e D. Quixote com as suas dôres tinha os olhos abertos como lebre. Toda a venda estava em silencio e não havia outra luz que a que dava uma lampada, pendurada a meio da porta.

Esta maravilhosa tranquillidade e os pensamentos que o nosso cavalleiro sempre tinha dos successos que a cada passo se conta nos livros da sua desgraça, trouxeram-lhe á imaginação uma das mais estranhas loucuras que se possa imaginar : Pensou ter chegado a um famoso castello e que a rapariga era filha do dono do castello, a qual, vencida pela sua gentilleza, se enamorara d'elle; e julgada toda essa chimera que elle fabricára como verdadeira, sentiu passos e poz-se a pensar o perigoso transe em que a sua honestidade se havia de vêr, se fosse a filha do senhor do castello. Sentou-se na cama, apesar das suas scismas, estendeu os braços, e topou com os de Maritornes, agarrou-a como se agarrasse uma boneca e disse-lhe tantas e taes cousas de enamorado, que o bom do arrieiro, que ouvira Maritornes desde que ella entrára, se poz a escutar tudo o que dizia D. Qui xote e até ver em que parava aquillo; mas colerico de ouvir tantos despropositos e parecendo-lhe má brincadeira, ergueu o braço, e descarregou tão terrivel soco na cara do enamorado cavalleiro, que se lhe encheu a bocca de sangue; e não contente

com isto, poz-se-lhe em cima das costas e com os pés pizava-o com toda a força. A cama, que era fraca, não podendo com o peso de ambos, cahiu ao chão, a cujo ruido despertou o dono da venda, chamou a asturiana e como não respondia, levantou-se e accendendo uma vela dirigiu-se para onde ouvira o ruido. A moça vendo que vinha o seu amo e que era de muito mau genio, toda amedrontada chegou-se para a cama de Sancho Pança, que dormia, e ali se acocorou fazendo-se como um novello. Sancho despertou, e sen tindo aquelle vulto quasi sobre si, pensou que tinha o pesadelo e começou a distribuir socos para um lado e outro lado, e com um d'elles alcançou Maritornes a qual, com a dôr, retribuiu a Sancho uma grande quantidade de pancadas que lhe tiraram o somno; este bom Sancho vendo-se tratado d'aquelle modo e sem saber por quem, levantou-se como poude, abraçou-se a Maritornes e entre os dois começou a mais renhida e engraçada escaramuça do mundo. Vendo o arrieiro, á luz da lampada onde estava Maritornes, largou D. Quixote e correu a soccorrel-a. O mesmo fez o homem da venda, mas com

differente intenção, porque foi castigar a rapariga julgando sem duvida que só ella era a causa d'aquella desharmonia.

Encontrava-se por acaso n'aquella noite na venda um da santa irmandade velha de Toledo, o qual, ouvindo a contenda, se apoderou da sua vara e entrou no aposento, a esse tempo ás escuras, dizendo : « Obedeça-se á justiça e á santa irmandade », e o primeiro com quem topou foi com D. Quixote, que estava na sua cama derrubado sem sentidos, com a bocca para o ar, e deitando-lhe as mãos ás barbas não cessava de dizer : « Obediencia á justiça » ; porém, vendo que aquelle que assim segurava não se movia, julgou-o morto e que os outros que estavam ali eram os seus assassinos; e com esta suspeita bradou mais alto : « Feche-se a porta da venda, e não saia ninguem, porque mataram aqui um homem. » Esta voz sobresaltou todos e cada qual se deteve. O vendeiro retirou-se para o seu aposento, o arrieiro para as suas enxergas, a rapariga para o seu quarto ; só os desgraçados D. Quixote e Sancho não se poderam mecher de onde estavam. N'isto o homen largou a barba de

D. Quixote e sahiu para ir buscar uma luz e prender os assassinos ; mas não a achou porque o vendeiro de proposito apagára a lampada quando se fôra embora, e o outro teve que ir até á chaminé onde, com grande trabalho, conseguiu accender uma vela. A este tempo já D. Quixote voltára a si, e com debil voz e lastimando-se começou a chamar pelo escudeiro, dizendo-lhe : « Dormes, amigo Sancho ? » « Dormir queria eu, respondeu Sancho desesperado e desgostoso ; — parece-me que andam todos os diabos commigo esta noite. » « E' de crêr que sim — respondeu D. Quixote — porque não ha duvida que este castello é encantado e o thesouro da formozura que encerra deve estar guardada por algum mouro encantado e não deve ser para mim. » « Nem tão pouco para mim — respondeu Sancho — porque mais de quatrocentos mouros me têm espicaçado. Infeliz de mim e da mãe que me deu a vida, que já nem penso em ser cavalleiro andante. » « Não te desgostes, amigo, que vou já fazer o balsamo precioso, com que faremos sarar as feridas n'um abrir e fechar d'olhos. » N'isto o da irmandade acabára de accender a vela e entrou para

vêr morto. Sancho vendo-o entrar em camisa e com um panno na cabeça e vela na mão, com muito má cara, perguntou ao seu amo : « Será este o mouro encantado? » « Não pode ser o mouro — respondeu D. Quixote — porque os encantados não se fazem vêr. » « Se não se fazem ver, fazem-se sentir — disse Sancho ; — e as minhas costas que o digam. » « Tambem o podem dizer as minhas, — disse D. Quixote. — O homem que os viu conversando tão socegradamente, parou. Chegou-se a D. Quixote e disse-lhe : « Como vae homensinho? » « Se eu fosse o senhor fallaria mais delicadamente : n'esta terra é costume fallar assim aos cavalleiros andantes, seu maçador? » O homem, vendo-se maltratado por um sujeito com tão mau parecer, não o soffreu, e levantando a lampada com todo o azeite, deu com ella na cabeça de D. Quixote ; mas ficou ás escuras. Sancho exclamou então : « Sem duvida, senhor, este é o mouro encantado e deve guardar o thesouro para outros e para nós só guarda as pancadas. » « Assim é — respondeu D. Quixote ; — devemos não fazer caso d'esta cousa de encantamentos : levanta-

te, Sancho, se podes, e chama o alcaide d'esta fortaleza que me dê um pouco de azeite, vinho e sal, para fazer o salutar balsamo que bem necessario é, porque me está a sahir muito sangue da ferida que este fantasma me fez. » Sancho levantou-se cheio de dôres e foi ás escuras onde estava o vendeiro, mas encontrou-se com o fantasma que estava escutando em que parava o seu inimigo, disse-lhe : « Senhor, quem quer que sejaes, dae-me um pouco de alecrim, azeite, vinho e sal, que é necessario para curar um dos melhores cavalleiros andantes que ha na terra, o qual jaz ferido n'aquella cama pelas mãos do mouro encantado que está n'esta venda. »

Quando o homem tal ouviu julgou-o louco; e como começava a amanhecer abriu a porta da venda e, chamando o vendeiro, disse-lhe o que queria aquelle sujeito. O vendedeiro forneceu-lhe tudo o que elle quiz e Sancho tudo levou a D. Quixote, que estava com as mãos na cabeça queixando-se da dôr que lhe causara a candeia, que lhe fizera dois inchaços algo grandes, e o que elle pensava ser sangue não era senão suor resultado da tormenta porque passára.

Em resumo, pegou nos seus simples ingredientes, com os quaes fez um composto misturando-os todos e cosendo-os por algum tempo, até que lhe pareceu que estavam bem. Pediu em seguida uma vasilha para o unguento, e como na venda não havia, resolveu-se a deital-o n'uma lata que o vendeiro lhe offereceu; e em seguida quiz elle mesmo fazer a experiencia das virtudes d'aquelle precioso balsamo, que elle assim o julgava, e bebeu o que não coube na lata; apenas o acabou de beber, começou a vomitar a tal ponto que não lhe ficou nada no estomago, e com as ancias e agitação dos vomitos, teve um suor copiosissimo, em vista do que pediu mais roupa e que o deixassem só. Assim lhe fizeram e ficou a dormir mais de tres horas, ao cabo das quaes despertou sentindo o corpo muito alliviado, e de tal modo melhor do seu quebramento que se juglou bom de todo, e na verdade pensava que tinha acertado com o balsamo de Ferrabraz, e que d'ali por deante podia sem temor acommetter quaesquer batalhas por mais perigosas que fossem. Sancho Pança, que tambem teve por um milagre as melhoras do seu amo, pediu-lhe que lhe

desse o que ficára na lata em que fôra feito o cozimento, que não era pouca quantidade. Concedeu-lho, D. Quixote, e elle, pegando com as duas mãos e com muita fé, bebeu pouco menos que seu amo. O caso é que o estomago do pobre Sancho não devia ser tão delicado como o do seu amo, e assim primeiro que vomitasse deram-lhe tantas ancias, com tantos tremores e desmaios que elle chegou a pensar que era a sua ultima hora; e ao ver-se tão afflicto maldizia o balsamo e o ladrão que lh'o dera. D. Quixote vendo-o assim disse-lhe: « Eu creio, Sancho, que todo este mal te vem de não seres armado cavalleiro e por isso nada te fez este licôr. » « Se Vossa Mercê sabia isso — replicou Sancho — para que consentiu que o bebesse? » Durou-lhe a borrasca quasi duas horas, ao cabo das quaes não ficou como seu amo, mas sim tão quebrado que não se podia mover. D. Quixote, que como se disse, se sentiu alliviado e são, quiz partir logo em busca de aventuras, e assim elle mesmo apparelhou o Rocinante e albardou o jumento do seu escudeiro, a quem tambem ajudou a vestir e a subir para o burro. Montadas ambos chegaram

a um canto da venda, e D. Quixote agarrou n'uma vara que ahi estava para lhe servir de lança. Dirigiram-se para a porta da venda, D. Quixote chamou o vendedeiro e em voz pausada e grave disse-lhe : « Muitas e mui grandes são as mercês, senhor alcaide, que recebi n'este vosso castello e fico-lhe obrigadissimo para todos os dias da minha vida. » O vendeiro respondeu-lhe com o mesmo socego : « Está bem, senhor cavalleiro ; mas o que é necessario é que Vossa Mercê me pague o gasto que fez esta noite na venda, assim como a palha e a cevada das suas bestas, a ceia e as camas. » « Então isto é uma venda ? » — replicou D. Quixote. « E muita honra », respondeu o vendeiro. « Vim enganado até aqui, — continuou D. Quixote — que na verdade pensei que era um castello ; pois como não é castello, mas sim venda, o que se pode fazer por agora, é que perdoeis o pagamento, que eu não posso fazer, por ser contra as leis dos cavalleiros andantes, e o que é certo (pois até hoje não li o contrario) é que nunca pagaram pousada ou venda onde tivessem estado, porque lhes devem de fôro e de direito, bom acolhimento que lhe fazem, em pagamento do

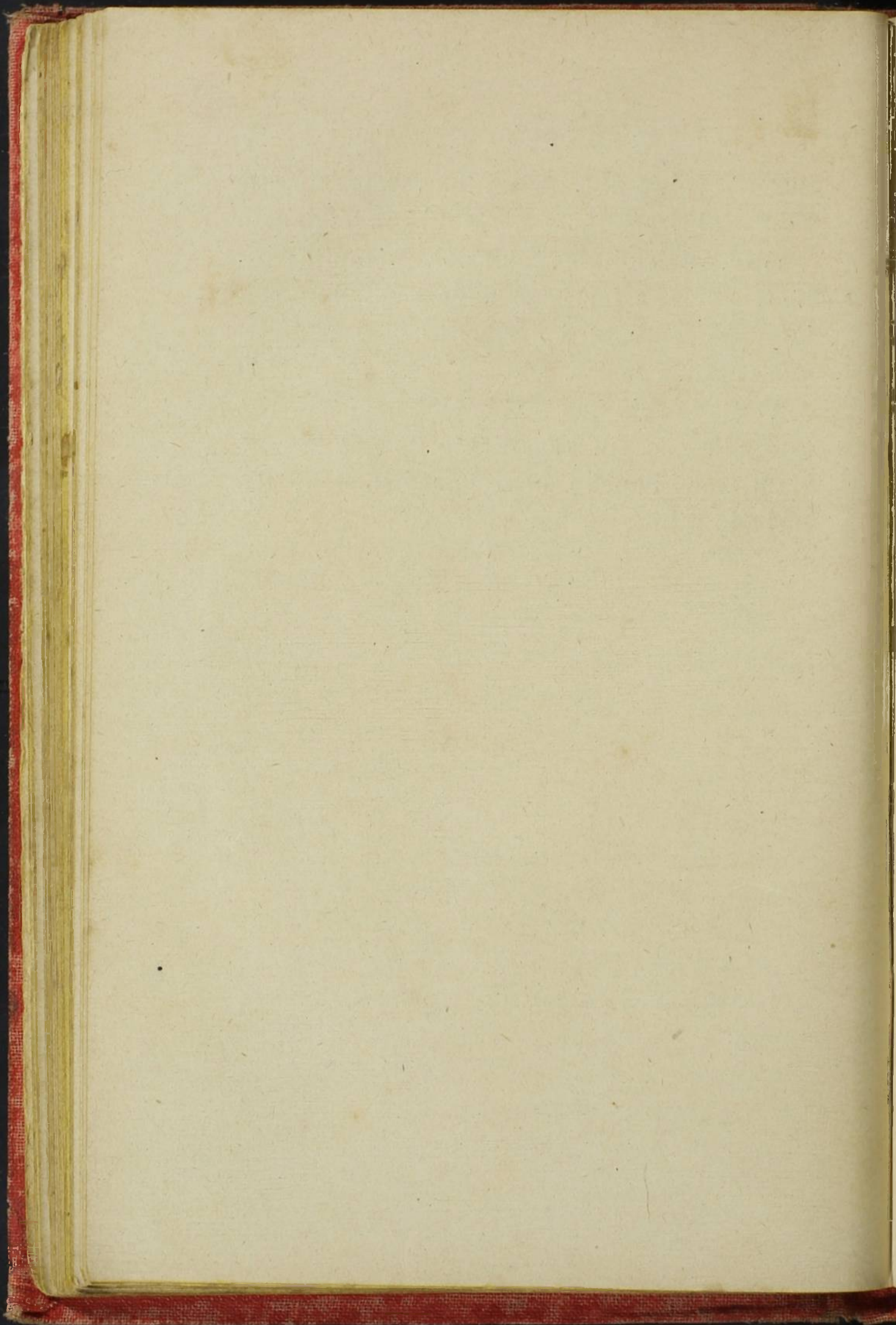
trabalho que padecem procurando aventuras de dia e de noite, no inverno e no verão, a pé e a cavallo, com sede e fome, com calor e frio, sujeitos a todas as inclemencias do céo e a todos os incommodos da terra. » « Pouco tenho eu que ver — respondeu o vendeiro; — pague-se o que se me deve e deixemo-nos de historias de cavalleiros, que eu não tenho nada que ver senão cobrar o meu dinheiro. » « Vois sois um sendeiro e mau hospedeiro », — replicou D. Quixote; e batendo esporas a Rocinante, sahiu da venda sem que ninguem o detivesse; e sem olhar se o seu escudeiro o seguia, afastou-se para longe. O vendeiro, que o viu ir-se sem pagar, apressou-se a cobrar de Sancho, o qual disse que visto que o seu senhor não quizera pagar, elle tão pouco pagaria, porque sendo elle escudeiro de cavalleiro andante como era, seguia a mesma lei de não pagar vendas ou qualquer outra cousa. O vendeiro amofinou-se muito com isto e ameaçou-o que, se não lhe pagassem, faria a cobrança do modo que lhe parecesse. Quiz a má sorte do infeliz Sancho que entre a gente que estava na venda se achassem quatro rapazes de Segovia, tres trabalhadores

de Cordova e dois vizinhos da feira de Sevilha, gente alegre, bem intencionada, os quaes, quasi como instigados e movidos por um mesmo espirito, se chegaram a Sancho e, apeando-o do jumento, um d'elles agarrou a manta da cama do hospede. Dispunham-se á brincadeira que tinham na idéa, mas viram que o tecto era baixo e determinaram sahir para o curral que tinha por limite o ceu, e ali Sancho deitado na manta, começaram a levantal-o. Os gritos que o misero dava foram tantos, que chegaram aos ouvidos do seu amo, o qual, detendo-se a ouvir attentamente, julgou tratar-se d'uma nova aventura, até que percebeu claramente que era o seu escudeiro quem gritava.

Viu-o subir e baixar no ar com tanta graça e destreza, que se não fõra a colera teria rido. Mesmo em cima do cavallo começou a dizer tantos improperios e tolices aos que assim tratavam Sancho, que não é possível descrevermos; os outros nem por isso paravam de rir e continuar a sua obra, e o voador Sancho não deixava de queixar-se, e ameaçar. Porém, estes, de cançados, acabaram por o deixar. Levaram-no até ao jumento, poze-

ram-n'ó sobre elle, embrulharam-no no seu gabão, abriram-lhe a porta da venda de par em par, e deixaram-o sahir por ella muito contente por não ter pago nada segundo a sua intenção, embora á custa dos seus fiadores que eram as costas.

Verdade seja que o vendeiro ficou com os seus alforges em pagamento do que lhe deviam, mas Sancho nem por isso deu, tão turbado sahiu.



CAPITULO IX

Sancho chegou junto ao amo fraco e quasi desmaiado, tanto que nem podia tocar o jumento. Quando D. Quixote o viu assim disse-lhe: « Acabo de crêr agora, meu Sancho, que aquelle castello ou venda é sem duvida encantado, porque aquelles que tão atrozmente fizeram de ti um passatempo, o que podiam ser senão phantasmas e gente do outro mundo? » « Eu cá para mim — disse Sancho — acho que aquillo não eram phantasmas nem homens encantados como Vossa Mercê diz, mas sim homens de carne e osso como nós; e todos, segundo os ouvi nomear quando me batiam, tinham os seus nomes, pois que um se chamava Pedro Martinez, o outro Tenorio Fernandes, e ouvi que o vendeiro se chamava João Palomeque, o Surdo; e o que apurei de tudo isto é que estas aventuras que

andamos procurando hão-de nos trazer por fim tantas desventuras, que acabamos por não saber qual é o nosso pé direito; e o que seria melhor e mais acertado, segundo o meu pouco entendimento, era voltarmos para a nossa terra, agora que é a occasião das sementeiras, deixando-nos de correr Seca e Meca, como dizem. » « Que pouco conheces, Sancho — respondeu D. Quixote — dos males de cavallaria ! » « Será assim — disse Sancho — porque o não sei; só sei que depois que somos cavalleiros andantes, ou Vossa Mercê o é, nunca ganhámos nenhuma batalha senão a do biscainho, e assim mesmo Vossa Mercê sahiu d'ella com meia orelha de menos; porque d'ahi para cá tudo tem sido pancadas e mais pancadas, sendo eu o mais martyrisado. » N'esta conversa seguiam D. Quixote e o seu escudeiro quando D. Quixote viu que pelo caminho em que iam havia uma grande e espessa quantidade de poeira e, volvendo-se para Sancho, disse-lhe: « Sancho, este é o dia, em que se ha-de ver o bem que a sorte me tem guardado: este é o dia, digo, em que se ha-de fazer ver o valor do meu braço e em que tenho de fazer obras que fiquem escriptas no livro de

fama dos futuros seculos. Vês aquella poeirada que se levanta ali, Sancho? Pois tudo é levantado por um grande exercito que vem marchando por ali. » « Deve ser isso — disse Sancho — porque d'este outro lado se levanta a mesma poeirada. » D. Quixote tornou a olhar para elle ; viu que isso era verdade e, alegrando-se sobremaneira, pensou sem duvida alguma, que eram dois exercitos que vinham a investir-se, porque a todos os momentos, phantasiava aquellas batalhas, encantamentos, successos, desatinos, amõres, desafios, que nos livros de cavallaria se contam ; e tudo quanto fallava, pensava ou fazia, era encaminhado a cousas semelhantes ; e a poeirada que via era levantada por dois rebanhos de ovelhas e carneiros que vinham por aquelle mesmo caminho, os quaes com o pó que levantavam só se deixaram vêr quando se avizinharam. D. Quixote affirmava com tanto affinco que eram exercitos, que Sancho acabou por acreditar e dizer : — « Pois, senhor, que havemos nós de fazer ? » « O que havemos de fazer, — tornou D. Quixote, — senão favorecer e ajudar os necessitados e desvalidos ? » E em seguida foi-lhe dando conta dos princi-

paes cavalleiros que via nos exercitos ; e Sancho de quando em quando voltava a cabeça para ver se enxergava os cavalleiros e gigantes que seu amo enumerava, e como nenhum avistava, disse-lhe : « Senhor meu, leve o demo tudo isso, pois não vejo homem nem gigante, nem um só cavalleiro dos que Vossa Mercê menciona : pelo menos não os vejo ; não será tudo encantamento, como os fantasmas de hontem á noite ? » « Como dizes isso ? — observou D. Quixote. — Não ouves o rincar dos cavallo, o ruido dos tambores, o som dos clarins ? » « Não ouço outra cousa, — respondeu Sancho, — senão muitos balidos de ovelhas e carneiros. » E de facto assim era porque se iam approximando dos rebanhos. « O medo que tens, — tornou D. Quixote, — faz, Sancho, que não vejas nem ouças, porque um dos effeitos do medo é perturbar os sentidos e fazer que as cousas não pareçam o que são, e se é que tanto temes, retira-te para qualquer parte e deixa-me só, que só basto para dar a victoria áquelles que ajudar » ; e dizendo isto deu com as esporas em Rocinante partindo como um raio. Sancho gritou-lhe, dizendo : « Volte-se Vossa Mercê, senhor D. Quixote,

que por Deus lhe digo que são carneiros e ovelhas os que vae investir; volte-se. Desgraçado o pae que me fez! Que loucura é esta! O que é que elle faz?» Nem com isso D. Quixote se voltou, pelo contrario seguia dizendo



em altos gritos : « Eia, cavalleiros, os que seguis e militaes debaixo das bandeiras do valeroso imperador Pentapolin, segui-me todos, vereis quão facilmente vos vingo do vosso inimigo Alifanfarrão da Trapobana. » E dizendo isto, entrou no meio do rebanho das ovelhas

e começou a dar-lhes com a lança, com tanta coragem e denodo como se realmente alcançasse os seus mortaes inimigos. Os pastores que vinham com os rebanhos gritavam-lhe que não fizesse aquillo; mas vendo que não conseguiam nada começaram a saudal-o com pedradas. Nem assim com as pedras D. Quixote socegava, e correndo para todos os lados dizia: « Onde estás, soberbo Alifanfarrão? Vem-te a mim, que sou um só cavalleiro que deseja braço a braço experimentar as tuas forças e tirar-te a vida, como pena do que fazéis ao valoroso Pentapolin Geramanta. » N'isto recebeu uma pedrada que lhe quebrou duas costellas Vendo-se tão maltratado julgou que, sem duvida, estava morto e lembrando-se do seu balsamo começou a beber; o mas antes que acabasse de esvasear o que lhe parecia que era bastante, chegou outro calhau e deu-lhe na mão e na lata tão em cheio, que lh'a fez em pedaços, levando-lhe ao mesmo tempo tres ou quatro dentes e esmagando-lhe dois dedos da mão. Tal foi o primeiro e o segundo golpe, que foi forçoso ao pobre cavalleiro atirar-se do cavallo. Chegaram-se a elle o pastores, mas julgando que estava morto e

foram com muita pressa recolher o gado, carregando com as rezes mortas, que passavam de sete, e foram-se sem averiguar mais nada.

Sancho durante todo este tempo estava afastado a vêr as loucuras do seu amo, e arrancava as barbas, maldizendo a hora em que o conhecera; vendo-o, pois, cahido por terra, e que os pastores já se tinham ido, chegou-se a elle e disse-lhe : « Eu não lhe dizia, senhor D. Quixote, que voltasse atraz, que os que ia acommetter não eram exercitos mas sim rebanhos de carneiros ? » « Fica sabendo, Sancho, que este maligno me persegue, envejoso da gloria que viu que eu ia alcançar n'esta batalha, tornou os esquadrões inimigos em manadas de ovelhas ; senão faze uma cousa, Sancho, pela minha vida, para que te desenganes e vejas ser verdade o que te digo : Sobe para o teu jumento e segue-os devagar, e verás como elles afastando-se um pouco d'aqui, voltam ao primeiro estado, e deixando de ser carneiros são homens feitos e direitos como primeiro t'os pinteí. Mas não vás agora, porque preciso dos teus favores e ajudas; chegate para mim e vê quantos dentes me faltam,

porque me parece que não me ficou nem um na bocca. Sancho chegou-se tão perto que quasi lhe mettia os olhos na bocca. N'esta occasião o balsamo já havia obrado no estomago de D. Quixote, e quando Sancho lhe olhava a bocca, vomitou quantotinha dentro de si, nas barbas do escudeiro. « Santa Maria ! — disse Sancho — o que é que me succedeu ? Sem duvida este peccador está mortalmente ferido, pois vomita sangue pela bocca » ; mas reparando n'elle um pouco mais, pareceu-lhe pela côr e pelo cheiro que não era sangue, mas sim o balsamo da lata que o vira beber, e foi tal o nojo que teve que, revolvendo-se-lhe o estomago, vomitou as tripas sobre o seu amo. Procurou logo Sancho o seu jumento para tirar dos alforges com que limpar-se e com que curar o amo, e como não os achou esteve a pontos de perder o juizo; tornou a maldizer a sua vida e propoz-se, de todo o coração deixar o amo e voltar para a sua terra, embora perdesse o salario e as esperanças do governo da promettida ilha. N'isto levantou-se D. Quixote, e vendo-o d'aquella maneira, mostrando tanta tristeza, disse-lhe : « Sabe, San-

cho, que não ha um homem sem o outro : todas estas borrascas que nos succedem são signaes de que em breve ha de serenar o tempo e tudo nos ha-de correr bem ; porque não é possivel que o mal e o bem durem sempre, e d'aqui se segue que, tendo o mal durado muito, o bem está perto de chegar : assim é, pois, que não debes ralar-te com as desgraças que me succedem, pois tu não tens parte n'ellas. » « Como não? — respondeu Sancho ; — por ventura o que hontem mantearam era outro que o filho do meu pae? E os alforges que hoje me faltam não eram meu? » « Como é que elles te faltam? » — disse D. Quixote. « Faltam-me, sim, — respondeu Sancho ; — e vamos agora d'aqui procurando onde ficar esta noite, e queira Deus que seja em sitio onde não haja gente encantada, fantasmas, mouros, porque se os ha, darei ao diabo tudo isto. » « Pede tu a Deus, filho, — disse D. Quixote — e guia tu por onde quizeres, pois d'esta vez quero deixar-te a ti o sitio para nos alojarmos ; mas dá cá a mão, toca-me com o dedo, e vê bem quantos dentes me faltam d'este lado dos queixos, que é onde sinto a dôr : » metteu-lhe Sancho os dedos na bocca e, depois

de apalpar, disse pausadamente : « Quantos lhe parecia ter n'esta parte? » « Quatro, — respondeu D. Quixote, — todos inteiros e em bom estado. » « Veja Vossa Mercê bem o que diz, senhor, — disse Sancho. « Digo quatro, se mesmo não eram cinco — respondeu D. Quixote — porque durante a minha vida nunca me tiraram nenhum dente, nem tão pouco me cahiu ou o enguli. » « Pois n'esta parte debaixo — disse Sancho — não tem Vossa Mercê mais do que dois e meio ; e na parte de cima nem meio nem nada, está tudo raso como a palma da mão. » « Que pouca sorte que tenho! — disse D. Quixote ouvindo as tristes novas que lhe dava o seu escudeiro ; — antes queria que me partissem um braço, comtanto que não fosse o da espada ; porque te faço saber, Sancho, que bocca sem dentes é moinho sem pedra, e mais se deve estimar um dente do que um diamante. Sobe, amigo, e guia que eu seguirei o que tu quizeres. » Assim o fez Sancho ; e encaminhou-se para onde lhe pareceu que podia achar onde recolher-se sem sahir da estrada real.

CAPITULO X

Indo, pois, d'esta maneira, a noite escura, o escudeiro esfomeado e o amo com vontade de comer, viram que pelo caminho por onde se dirigiam vinha uma grande quantidade de luzes que pareciam estrellas que se moviam. Sancho ficou pasmado ao vel-as e D. Quixote não cabia em si : um guiou o seu jumento pelo cabresto e o outro o seu rocim pelas re-deas, e estiveram parados a verem o que podia ser aquillo, e viram que as luzes se iam approximando d'elles e quanto mais perto estavam maiores pareciam, a cuja vista Sancho começou a tremer e a D. Quixote, levantaram-se-lhe cabellos da cabeça os o qual, animando-se um pouco, disse : « Esta, sem duvida, Sancho, deve ser grandissima e perigosissima aventura, em que será necessario que eu mostre todo o meu valor e esforço. »

« Desgraçado de mim! — respondeu Sancho; — se por acaso esta aventura fôr de fantasmas, como me vae parecendo, quanto as costellas irão soffrer? » « Por mais fantasmas que sejam — disse D. Quixote — não consentirei que te toquem nem com um



dedo. » E afastando-se os dois para um lado do caminho, tornaram a olhar attentamente para o que podiam ser aquellas luzes; e d'ali a pouco tempo descobriram enormes vultos brancos, cuja temerosa visão fez bater os dentes a Sancho, como em tremor de febre, cujo estremecimento mais augmentava quando

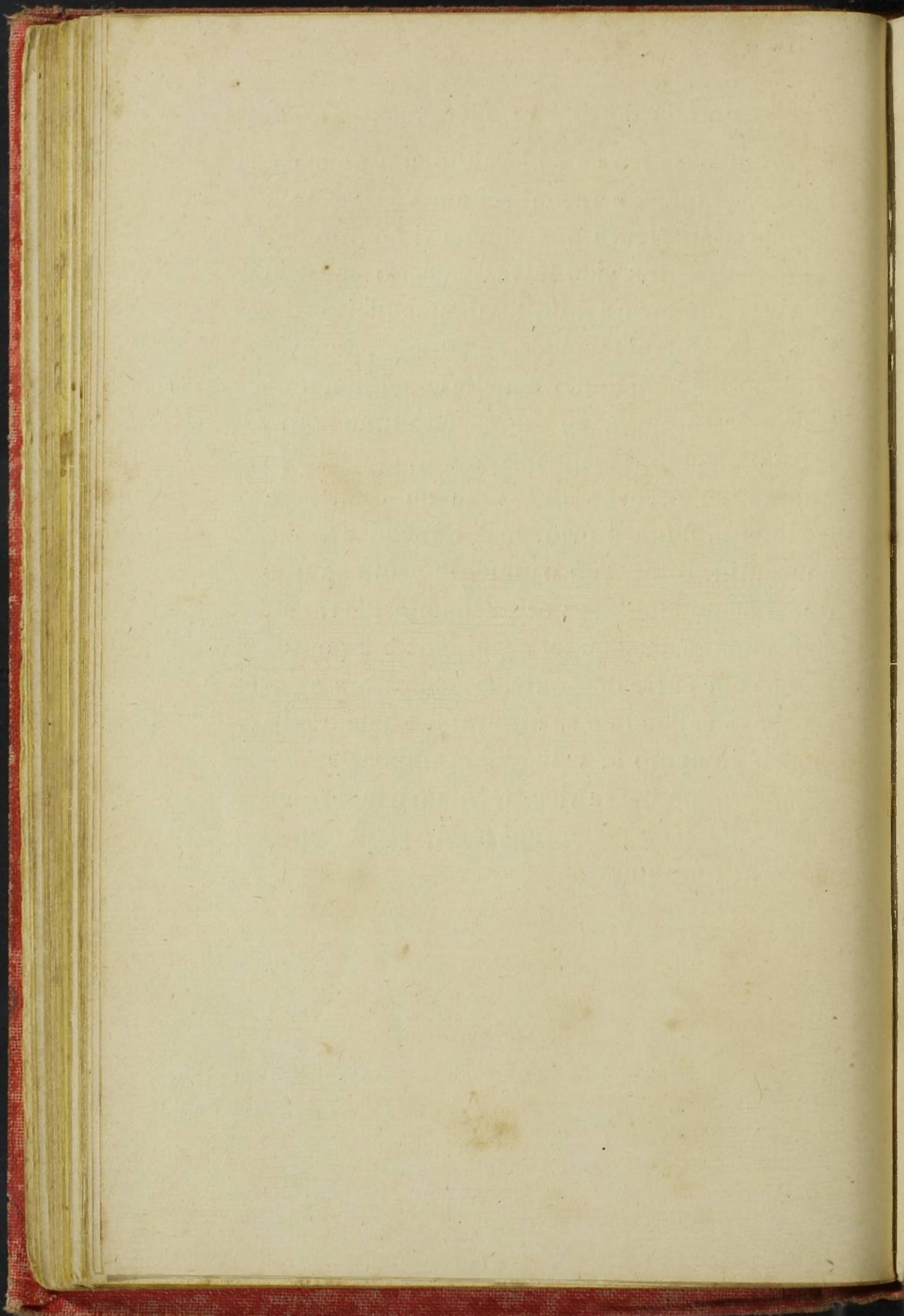
viram que os vultos brancos eram em numero de vinte, todos a cavallo, com tochas accêsas nas mãos, atraz dos quaes vinha uma liteira coberta de luto, seguida de seis cavalleiros enlutados até aos pés das mulas : os vultos brancos vinham psalmodeando em voz baixa e triste. Esta estranha visão tão fóra d'horas, n'um sitio despovoado, se representou ao vivo na imaginação de D. Quixote que aquella era uma das aventuras dos seus livros. Afigurou-se-lhe que a liteira eram andas onde devia ir algum cavalleiro ferido ou morto cuja vingança lhe estava reservada ; e sem fazer mais discursos, enristou a lança, segurou-se bem na sella, e com muito brio atravessou-se no meio do caminho por onde forçosamente os vultos brancos haviam de passar, dizendo-lhes em voz alta : « Detei-vos, cavalleiros, quem quer que sejaes e dizei-me quem sois, donde vindes, para onde ides e que levaeis n'essa liteira ; supponho que sois culpados ou victimas d'alguma contenda, e é mister que eu o saiba afim de castigar-vos ou vingar-vos. » « Vamos com pressa, — respondeu um dos vultos brancos, — estalagem fica ainda longe ; não temos tempo para satisfazer a

vossa curiosidade. » E picando a mula passou adiante. D. Quixote, magoado com esta resposta, travou-lhe do freio e disse: « Deteivos e sêde mais bem creado, e respondei-me ao que vos perguntei, senão todos tendes que ver comigo. » A mula era espantadiça e de tal maneira se sobresaltou que, levantando-se nos dois pés, atirou com o amo para o chão. Um moço que seguia a pé, vendo cahir o vulto branco, começou a admoestar D. Quixote, o qual, accêso em colera, sem mais esperanças, arremette com a lança a um dos enlutados que, ferido, cahiu por terra. E voltando-se para os demais, era para ver como elle os accommettia e desbaratava, parecendo que haviam nascido azas ao Rocinante, por tal fórma elle galopava orgulhoso e ligeiro. Todos os vultos brancos eram gente medrosa e sem armas, e assim n'um dado momento abandonaram a refrega e começaram a correr pelo campo fóra. Os proprios enlutados, envolvidos nos seus compridos mantos, não se podiam mover; e tão pouco se defendiam contra D. Quixote, por se lhes representar ser elle o proprio diabo sahido do inferno para lhes levar o corpo que ia na liteira.

Estava por terra uma tocha a arder junto ao primeiro homem que a mula derrubára, a cuja luz D. Quixote o poudo ver e, chegando-se a elle, apontou-lhe a lança ao rosto e o intimou que se rendesse senão matal-o-ia. « Ai de mim, — respondeu o desgraçado; — rendido já eu estou, pois não me posso mover, tenho uma perna partida. Supplico a Vossa Mercê, se é cavalleiro christão, que não me mate, seria sacrilegio visto eu ser religioso e ter as primeiras ordens. » « Pois quem diabo o trouxe aqui — replicou D. Quichote, — sendo homem da Egreja? » « A minha pouca sorte, — respondeu o derrubado. « Pois peor ainda vos ameaço — disse o fidalgo, — senão respondeis primeiro ao que vos perguntei. » « Facilmente será Vossa Mercê satisfeito, — respondeu o clerigo; — chamo-me Affonso Lopes, sou natural de Alcobendas, venho da cidade de Baeça com onze sacerdotes que Vossa Mercê poz em debandada, vamos a Segovia acompanhando um morto, velho gentilhomem que deseja ser sepultado no tumulo da sua patria. » « E quem o matou? — perguntou D. Quichote. — « Matou-o Deus, por meio d'umas febres malignas. » « D'esse modo não

sou pois obrigado a vingar-lhe a morte, — tornou D. Quixote. Chamou logo por Sancho que viesse ajudar a tirar o reverendo de debaixo da mula que lhe tinha presa a perna entre o estribo e a sella; porém, Sancho não fez caso de acudir porque andava occupado em alliviar uma azémula carregada de vitualhas que os bons dos padres traziam. Engenhou Sancho do seu gabão uma especie de sacco e, recolhendo n'elle tudo o que pode, o carregou para cima do burro e depois é que acudiu aos brados do amo afim de ajudar a levantar o pobre padre e pôl-o em cima da mula. Disse-lhe D. Quixote que seguisse na direcção dos seus companheiros e lhes asseverasse que não tinha estado em sua mão de lhes fazer o que fez e pedisse da sua parte mil perdões do seu agravo. A isto accrescentou Sancho: « Se por acaso esses senhores quizerem saber quem é em o valoroso que tal estado os poz, dirá Vossa Mercê que foi o famoso D. Quixote de la Mancha, que por outro nome se chama o *Cavalleiro da Triste Figura*. » Com isto afastou-se o ferido e D. Quixote perguntou a Sancho porque motivo lhe dera aquelle sobrenome. « Eu lhe digo, — respondeu Sancho, —

é porque o estive considerando um pouco á luz d'essa tocha e reconheci em Vossa Mercê a mais triste figura que jámais vi no mundo, do que deve ter sido talvez causa o cansaço d'este combate ou a falta dos dentes queixaes.» Riu-se D. Quixote da idéa de Sancho, todavia pareceu-lhe bem tomar aquelle appellido, logo que podesse pintar no seu escudo uma figura estranha como Sancho imaginára. D. Quixote quiz ver se o corpo que vinha na liteira era realmente d'um morto, mas Sancho não lhe consentiu. E tocando o jumento pediu ao amo que o acompanhasse; este achando-lhe razão, sem mais resposta o foi seguindo; e a poucos passos por entre dois outeiros chegaram a um espaçoso valle onde se apearam. Sancho alliviou o jumento e, estendidos ambos, amo e escudeiro, na herva viçosa, com o tempero da fome que traziam almoçaram, jantaram e cearam tudo junto.



CAPITULO XI

Sucedeu-lhes, porém, outra desgraça, que a Sancho pareceu a peor de todas, e foi não terem vinho que beber nem agua para matarem a sêde, e disse a seu amo : « Não é possível, senhor meu, que estas hervas não mostrem haver por aqui perto fonte ou qualquer regato que as humedeça » ; e assim era, porque não tinham dado ainda duzentos passos quando chegou aos seus ouvidos um grande ruido como que uma queda d'agua que se despenha de muito alto. Muito lhes alegrou o ruido e, parando a escutarem, ouviram outro estrondo diverso do da agua, o que atemorizou Sancho, que era medroso e de pouco animo. Ouviram que davam pancadas compassadas, como que um ruido de ferros e cadeias, que acompanhados d'um furioso estrondo de agua, fariam pavor a qualquer outro coração que não fosse o de

D. Quixote. Como se disse, era noite escura, e elles encontravam entre umas arvores muito altas, cujas folhas, movidas pelo vento fraco, faziam um lugubre ruido; de modo que a solidão, o sitio, a escuridão, o ruido da agua com o susurro das folhas, tudo causava horror e espanto, e ainda mais por verem que nem os golpes cessavam, nem o vento adormecia, nem chegava a manhã, juntando-se a tudo isto o lugar onde se achavam. Porém, D. Quixote, acompanhado do seu intrepido coração, saltou sobre Rocinante, segurou a sua lança e escudo dizendo: « Amigo Sancho, tudo isto são incentivos do meu animo, que fazem que o coração me estale no peito com o desejo de acommetter esta aventura, por mais difficil que se mostre. Aperta, pois, um pouco a silha a Rocinante, espera-me durante tres dias, não mais, se no fim dos quaes não voltar, podes tu voltar para a nossa aldeia. » Quando Sancho ouviu as palavras do seu amo começou a chorar com a maior ternura do mundo e a dizer-lhe que não acommettesse tão temerosa aventura. « Rogo-te, Sancho, que te cales — disse D. Quixote; — o que tens é que apertar bem a silha ao Rocinante e ficar

aqui, que eu voltarei em pouco, vivo ou morto... » Vendo pois Sancho a ultima resolução do amo, determinou aproveitar-se dos seus meios e fazel-o esperar, se podesse, até ser dia; e assim, quando apertava a silha ao cavallo, atou com o cabresto do seu jumento ambos os pés ao Rocinante, de modo que quando D. Quixote quiz partir, não poudo, porque o cavallo não se podia mover senão aos pulos. Sancho vendo o bom successo da sua partida, disse : « Eis que o ceu, senhor, commovido pelas minhas lagrimas ordenou que o Rocinante não se possa mover. » D. Quixote desesperava-se com isto, e quanto mais dava esporas ao cavallo menos se mexia, e disse-lhe assim : « Pois assim é, Sancho, que Rocinante não se pode mover, estou contente por esperar o romper d'alva, embora chore que ella ainda demore a vir. » « Não ha que chorar — respondeu Sancho — que eu entretenho Vossa Mercê a contar-lhe contos d'aqui até ser dia. Esteja Vossa Mercê com attenção para que eu possa começar ».

« Era não era, o bem que venha para todos assim seja, e o mal para quem o fôr procurar, que vem aqui como anel para o dedo, para

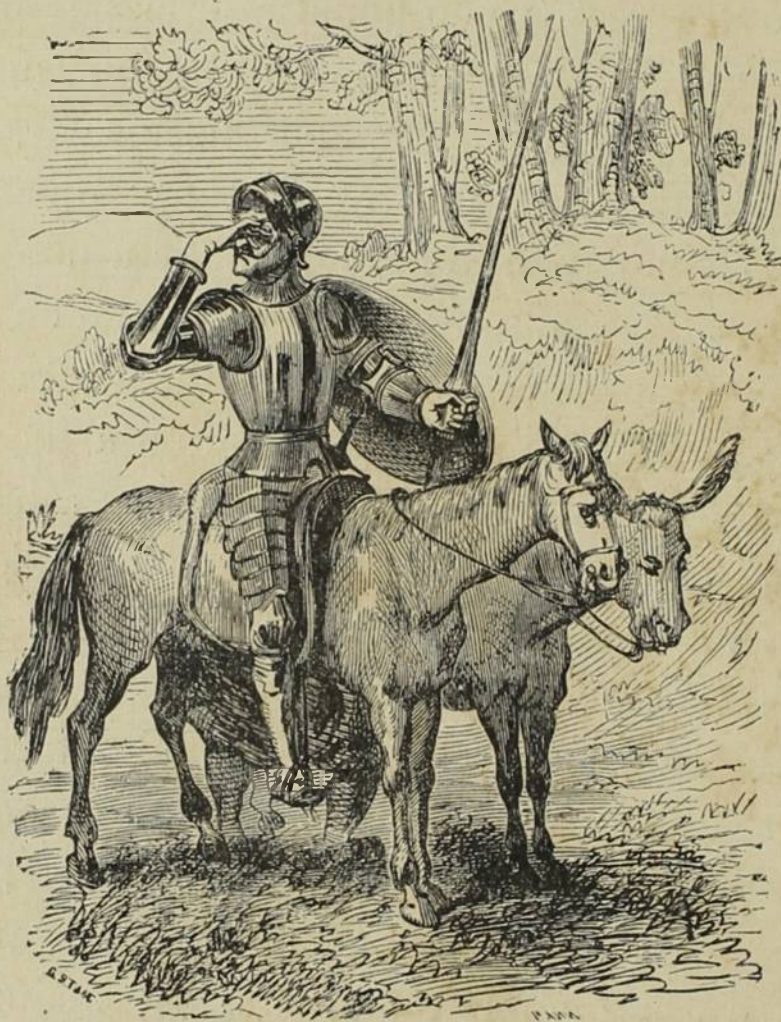
que Vossa Mercê esteja quieto e não vá buscar o mal a nenhum lugar. » « Continua a tua historia, Sancho », disse D. Quixote. « Digo, pois, — proseguiu Sancho, — que n'um sitio da Extremadura havia um pastor cabreiro, quero dizer, que guardava cabras, cujo pastor ou cabreiro se chamava Lopez Ruiz, e este Lopez Ruiz andava enamorado de uma pastora que se chamava Torralva, cuja pastora chamada Torralva era filha d'um rico lavrador, e este rico lavrador... » « Se é d'esta maneira que contas o teu conto, Sancho, — disse D. Quixote — repetindo duas vezes o que vais dizendo, não acabarás em dois dias ; diz seguidamente e conta-o como homem de entendimento, ou então, não digas nada. » « Do mesmo modo que eu conto — respondeu Sancho — se contam na minha terra, e eu não sei contal-os d'outra, nem está bem que Vossa Mercê me peça que mude de uso. » « Diz como quizeres » respondeu D. Quixote. « Assim, pois, senhor meu da minha alma, — proseguiu Sancho — como eu estava dizendo, este pastor andava enamorado de Torralva a pastora, que era uma moça roliça, toda á altura, parece que a estou a vêr. » Por conseguinte tu conhecel-a? »

disse D. Quichote. « Eu não a conheci ; mas quem me contou esta historia disse-me que era tão certo e verdadeiro, que podia bem quando a contasse a outra pessoa affirmar e jurar que vira tudo ; assim que indo e vindo dias sobre dias, o diabo que não dorme, e que tudo lhe serve, fez de maneira que o amôr que o pastor tinha pela pastora, fosse já uma má vontade, e foi tanto, que para não a vêr, guardando as suas cabras encaminhou-se pelos campos da Extremadura para passar aos reinos de Portugal ; a rapariga, que soube, foi atraz d'elle, e seguio-o a pé e descalça desde longe, com um bordão na mão e uns alforges ao hombro, onde levava, como é habito, um pedaço de espelho e outro de pente ; mas levasse o que levasse, só lhe direi que dizem que o pastor chegou com o seu gado a passar o rio Guadiana, e n'aquella parte em que chegou não havia barco ou barcaça, nem quem o passasse a elle nem ao seu gado para o outro lado, o que muito o fez desesperar, porque via que Torralva estava muito proximo ; mas tanto se poz a olhar que viu um pescador que tinha junto a si um barco tão pequeno, que só cabia uma pessoa e uma cabra, e com

tudo! isto fallou-lhe e arranjou com elle que o fizesse passar e ás trezentas cabras que levava; o pescador entrou no barco e passou uma cabra, voltou e passou outra, tornou a voltar e passar outra; tenha Vossa Mercê conta nas cabras que o pescador vae passando, porque se perde uma de memoria acaba-se a historia, e não será possível contar nem mais uma palavra. « Prosigo, pois, e digo que o desembarcadouro da outra parte estava cheio de limbo e escorregadiço, e o pescador levava muito tempo em ir e voltar; com tudo isto voltou a buscar outra cabra, e outra e outra. » « Faz de conta que as passou todas, — disse D. Quixote; — não andes indo e vindo d'esta maneira, que nem em um anno as acabas de passar. » « Quantas passaram até agora? » disse Sancho. « Que demonio sei eu? » respondeu D. Quixote. « Aqui está o que eu disse, que contasse bem; pois por Deus que se acabou a historia, porque assim como perguntei a Vossa Mercê quantas cabras tinham passado e me respondeu que não sabia, n'aquelle mesmo instante varreu-se-me da memoria quanto me ficava para dizer, e creia que era de muita virtude e para alegrar ».

Ou fôsse pelo frio da manhã, que já se approximava, ou por que Sancho tivesse ceiado algumas cousas laxativas, ou por cousa natural, deu-lhe vontade e desejo de fazer o que outra pessoa não poderia fazer por elle; mas era tanto o medo que entrára no seu coração, que não ousava apartar-se nem uma polgada do seu amo. Pois pensar que não fazia o que tinha vontade, tambem não era possivel; e assim o que fez para bem da paz foi soltar a mão direita que tinha posta nas costas, e sem rumor algum soltou a laça da corrediça com que se sustinham os calções, e tirando-a estes foram-se abaixo; depois levantou a camisa o melhor que poude; feito isto (que elle pensou que era o mais que tinha que fazer para sahir d'aquelle terrivel aperto e angustia), sobreveio-lhe outra maior, que foi que não podia mudar-se sem fazer estrepido e ruido, e começou a apertar os dentes e a encolher os hombros, abafando em si quanto possivel o alento; porém, com todos estes esforços e diligencias, foi tão infeliz que acabou finalmente por fazer um pouco de ruido bem diverso d'aquelle que tanto medo lhe fazia. D. Quixote ouviu-o e disse :

« Que rumor é este, Sancho ? » « Não sei, senhor, — respondeu elle; — deve ser alguma cousa nova que as aventuras e desaventuras nunca começam por pouco ; » tornou



outra vez a tentar e succedeu-lhe tambem, que sem mais ruido nem alvoroço, se achou livre da carga que tanto lhe pesava. Mas como D. Quixote tinha o sentido do olfacto tão forte como o dos ouvidos, e Sancho estava tão junto

a elle, que quasi em linha recta lhe subiam os vapores, não podendo evitar que lhe chegassem alguns ao nariz ; e acabavam de chegar quando elle foi em seu soccorro, apertando-o entre os dedos, e com ar de troça disse : « Parece-me, Sancho, que tens muito medo. » « Se tenho — respondeu Sancho — mas porque diz Vossa Mercê que agora mais que nunca ? » « E' que agora mais que nunca cheiras mas não a ambar, — respondeu D. Quixote. « Bem poderá ser — disse Sancho ; — mas eu não sou o culpado, mas sim Vossa Mercê, que me traz fóra d'horas por estes sitios. » « Retira-te tres ou quatro passos para traz, amigo, — disse D. Quixote (tudo isto sem tirar a mão do nariz) — e d'aqui por deante toma mais cuidado com a tua pessoa e com o que deves á minha, que a muita conversa que te tenho dado é a causa d'esta indelicadeza. » « Aposto, — replicou Sancho, — que Vossa Mercê pensa que eu fiz da minha pessoa alguma coisa que não devia. » « Peor é mexel-a, amigo Sancho », respondeu D. Quixote.

N'estas conversas e outras semelhantes, passaram a noite amo e moço ; mas vendo Sancho que se approximava a manhã, soltou com

muita subtiliza as pernas do Rocinante. Assim que o animal se viu livre, embora de si não fosse muito brioso, parece que se resentiu e quasi a pôr-se começou a dar muitos saltos a pino. D. Quixote vendo que Rocinante já se movia, tomou isso por um bom sigal e julgou que era para que acommettesse aquella temerosa aventura. N'isto acabou por apparecer a manhã e por se verem distinctamente as cousas, e D. Quixote reconheceu que estava entre umas arvores altas, que eram castanheiros, que fazem sombra mui escura; e começou a caminhar para o sitio d'onde lhe pareceu que vinha o ruido da agua. Sancho seguia-o a pé, levando, como tinha por costume, o jumento pelo cabresto, companheiro inseparavel das suas prosperas a adversas fortunas; e tendo andado um bom pedaço por entre aquelles castanheiros, chegaram a um pequeno prado, ao sopé d'umas altas penedias, das quaes se despenhava uma grande queda d'agua; proximo ás penedias estavam umas miseraveis casas, que mais pareciam ruinas de edificio, d'ahi verificaram que saía o ruido e o estrondo d'aquelle martellar, que não cessava. D. Qui-

xote foi chegando-se pouco e pouco ás casas. Sancho não se lhe tirava do lado, estendendo quanto podia o pescoço por entre as pernas do Rocinante, a ver se percebia emfim o que tão amedrontado o trazia. Teriam andado cem passos mais, quando ao transporem uma pequena collina, descobriram finalmente a causa d'aquelle medonho ruido: eram seis maços de pisão que sem cessar alternavam os golpes desde o dia precedente.

Vendo D. Quixote o que era, emmudeceu e ficou-se de todo pasmado. Olhou Sancho para elle e viu que tinha a cabeça pendi da para o peito. Olhou tambem D. Quixote para Sancho e viu que estava de bochechas entufadas, prestes a rebentar de riso. Não poudo o nosso fidalgo conter-se tambem que não risse, apesar da sua funda melancolia, e Sancho, vendo que o amo lhe dava o exemplo, rompeu a presa, de maneira que teve de apertar as ilhargas com as mãos ambas. Quatro vezes serenou e outras tantas voltou á mesma explosão de riso, que ia impacientando D. Quixote; e vendo que Sancho fazia mofa d'elle, por tal modo se agastou que alçou a lança e lhe assentou duas bordoadas

taes que, se o apanham pela cabeça, assim como as recebeu nas costas, jámais o pobre escudeiro teria aproveitado do testamento. Vendo Sancho o mau resultado de suas mo-fas, lhe disse : « Tenha mão, por Deus, não vê Vossa Mercê que tudo isto em mim é graça? » « Mas eu é que não lhe acho graça, — respondeu D. Quixote; — e ficas advertido de que d'aqui em diante será bom que te abstenhas de fallar demasiado comnigo. Em todos os livros de cavallaria que tenho lido, nunca achei escudeiro tão familiar como tu; a culpa é tanto minha como tua : tua, por me considerares pouco; minha, porque não me faço respeitar. Do que has-de inferir, Sancho, que é mister fazer differença de amo a moço, de senhor a criado, de cavalleiro a escudeiro. » « E nada mais, senhor », — disse Sancho. « Bem está, meu senhor, e póde Vossa Mercê estar certo que d'ora ávante não torno a abrir bocca, salvo sendo para o honrar como a meu amo e senhor. » « D'essa manear — replicou D. Quixote, — viverás longo tempo em paz sobre a terra, porque abaixo dos pais, é ao amo a quem se deve respeitar como se o fossem. »

CAPITULO XII

Entrementes começou a chover um pouco, e torcendo o caminho para a mão direita, tomaram por aquelle por onde vieram no dia antecedente. D'ali a pouco descobriu D. Quixote um homem a cavallo, que trazia na cabeça uma cousa que brilhava como se fôra de ouro, e logo exclamou, voltando-se para Sancho: « Se eu me não engano, ahi vem caminhando para nós um homem que traz na cabeça o elmo de Mambrino, o qual hei jurado conquistar. » — « Senhor, respondeu Sancho, se me desse licença de fallar pediria a Deus que nos livrasse de que fossem estes agora outros pisões. » — « Valha-te o diabo com os teus pisões, replicou D. Quixote. Não vês tu que aquelle cavalleiro que vem para nós montado n'um cavallo ruço, traz na cabeça um elmo de ouro? » — « O que eu vejo, tornou

Sancho, é um homem montado n'um jumento pardo como o meu e que traz na cabeça uma cousa que reluz. » — « Pois essa cousa é que é o elmo de Mambrino, disse D. Quixote. Arreda-te, e deixa-me só com elle, e tu verás como eu, sem proferir palavra, por não perder

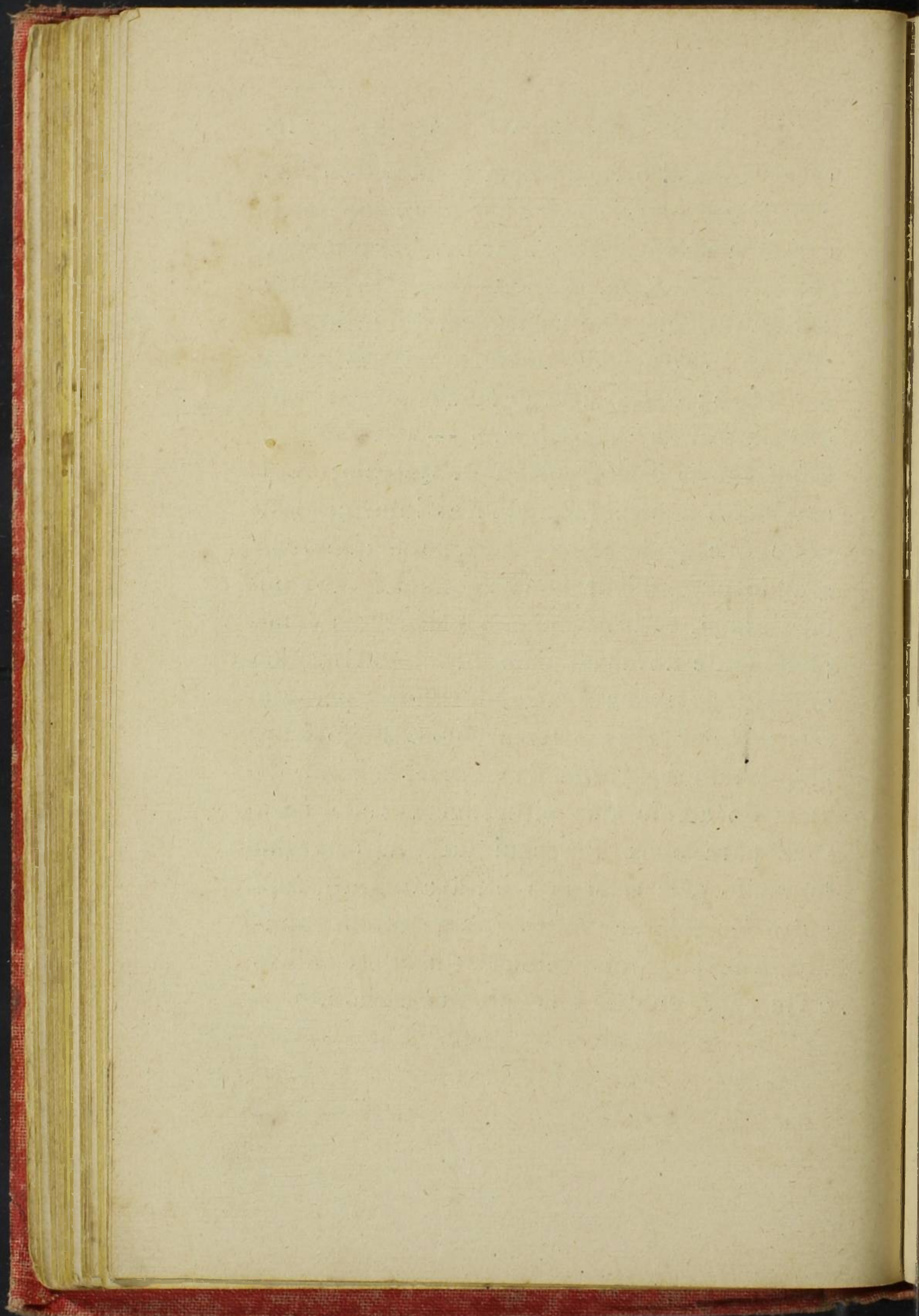


tempo, concluo esta aventura e me aposso do elmo que ha tanto desejo. » — « Fica por minha conta o apartar-me ; mas queira Deus não haja por ahi mais pisões, tornou Sancho a dizer. » — « Já vos hei recommendado, irmão, que não me quebreis a cabeça com isso dos pisões, que voto por todos os diabos apisoarvos a alma. » Calou-se Sancho com medo da colera do amo.

Era o caso que o cavalleiro, cavallo e elmo que via D. Quichote se cifravam n'isto : de dois logares que havia n'aquelles contornos, um era tão pequeno que nem barbeiro nem botica tinha ; o outro que lhe ficava proximo, esse sim ; e por isso o barbeiro do maior, era tambem afreguezado no outro. Deu-se o caso que um enfermo d'esse pequeno logar necessitou de ser sangrado e outro da barba feita ; para esses dois serviços é que o barbeiro vinha e trazia a sua bacia de latão. Surprehendido no caminho pela chuva e receioso de que se lhe estragasse o chapéu, que devia ser novo, poz-lhe por cima a bacia, que resplandecia a meia légua de distancia. Vinha elle montado n'um jumento pardo, como Sancho dissera, mas que a D. Quixote se afigurou cavallo ruço e cavalleiro com elmo de ouro na cabeça ; e quando o pobre barbeiro já vinha perto, o nosso heroe sem mais tir-te nem guar-te, partiu sobre elle com a lança enristada para o atravessar de lado a lado ; quando se approximava, sem deter a furia da carreira, lhe disse : « Defende-te, captiva creatura, ou entrega-me de livre vontade o que com tanta razão me é devido. » O barbeiro que viu crescer contra si aquella fan-

tasma, deixou-se cahir promptamente do burro abaixo e, mais ligeiro que um gamo, poz-se a correr pelo campo fóra, deixando no chão a bacia de latão, com a qual se contentou D. Quixote, e mandou a Sancho que levantasse o elmo, o qual tomando-o nas mãos disse : « Por Deus que a bacia é boa e vale bom dinheiro. » E entregou-a ao amo, que a poz na cabeça, voltando-a d'um lado para outro, buscando o encaixe, mas como o não encontrasse, disse : « Sem duvida que o pagão para quem se fez esta famosa celada tinha uma grandissima cabeça, mas o peor é que lhe falta metade. » Ouvindo Sancho chamar celada á bacia, não ponde suster o riso mas reprimiu-o logo, lembrando-se das iras do amo. « De que te ris, Sancho ? » perguntou D. Quichote. « Rio-me, respondeu elle, de considerar na grande cabeça que tinha o pagão, dono d'este elmo, que me não parece senão uma bacia de barbeiro. Mas pondo isto de parte, diga-me Vossa Mercê o que havemos de fazer d'este cavallo ruço, que se parece com um burro pardo ? Segundo a carreira que tomou o pobre dono, que Vossa Mercê derribou, não leva geito de nos tornar mais a apparecer ; e, por

estas barbas ! o ruço é bem bom. » — « Não é costume meu despojar aos que venço nem é usança na cavallaria tirar cavallos e deixar os cavalleiros a pé. » — « As leis da cavallaria são na verdade bem apertadas, replicou Sancho, se não permittem trocar-se um burro por outro ; e desejaria ao menos saber se poderei trocar os apparelhos. » — « N'isso não estou muito certo,olveu D. Quixote; mas emquanto não tenho melhores informações, julgo que poderás trocal-os, se é que tens grande necessidade d'elles. » Autorisado com tal licença, retirou Sancho os arreios completamente novos do asno pardo, collocando-os para logo na sua cavalgadura que lhe pareceu assim valer cinco vezes mais. Feito isto, almoçaram dos restos da comida, beberam da agua do arroio dos pisões, sem voltarem a cara para elles. Proseguiram seu caminho tomando pela estrada real, á aventura, sem outro designio algum. Depois de terem caminhado um pouco, levantou D. Quixote os olhos e viu o que se dirá no capitulo seguinte.



CAPITULO XIII

Conta Cide Hamete Ben-Enjeli que, quando D. Quixote levantou os olhos, viu que pela estrada real vinham uns doze homens a pé, enlaçados como contas pelo pescoço, n'uma grande cadeia de ferro, e todos algemados. Vinham igualmente com elles dois homens a cavallo com escopetas, e outros dois a pé com dardos e espadas; e assim que Sancho Pança os viu, disse: « Ahi vem a cadeia dos forçados que vão servir nas galés d'el-rei. » « Como forçados? — perguntou D. Quixote. — É possível que el-rei force a nenhuma gente? » — « Eu digo, tornou Sancho, que é gente que por seus delictos vai condemnada a servir o rei nas galés por força. » — « Em resumo — replicou D. Quixote, — como quer que seja, esta gente, embora os levem, vão á força e não de sua vontade. » « Assim é, » disse

Sancho. « Pois d'essa maneira — disse o seu amo — aqui encaixa a execução do meu aficio, desfazer forças, soccorrer e acudir aos miseráveis. » N'isto chegou a levados condemnados e

D. Quixote com palavras muito cortezes pediu aos que iam na sua guarda, que fossem servidos de informar-o e dizer-lhe a causa ou causas porque levavam aquella gente d'aquella maneira. Vossa Mercê pergunte-lhes a elles mesmos — disse umadas guardas — que elles lhe dirão, se quizerem. » Com uma liberdade que se deu a elle proprio, D. Quixote perguntou ao primeiro porque peccado ia em tão má companhia. Elle respondeu que por enamorado. Por mais nada que isso? — replicou D. Quixote — pois que se por enamorados nos mandam para as galés, ha já muitos dias poderia eu estar n'ellas ». « Não são os amôres como Vossa Mercê pensa — disse o preso — porque os meus foram que quiz tanto a uma canastra de côr cheia de roupa branca, que a abracei com tanta força que, a não me arrancar a justiça á força, até agora não a teria deixado por minha vontade: foi em flagrante; concluiu-se a causa; deram-me as galeras por tres annos ». D. Quixote fez

a mesma pergunta ao segundo, o qual não respondeu palavra, triste e melancolico como ia. Mas o primeiro respondeu por elle e disse: « Este, senhor, vae por canario, quero dizer, por musico e cantor. » « Como assim? — repetiu D. Quixote — por musico e cantor se vae tambem para as galé? » « Sim, senhor, — respondeu o forçado, — não ha nada peor que cantar nas agonias. » « Antigamente ouvira dizer — disse D. Quixote — que quem canta seu mal espanta. » « Aqui é o contrario — disse o preso; — a este peccador deram-lhe tormentos e confessou o seu delicto, que era ser ladrão de animaes e por ter confessado condemnaram-no a seis annos de desterro além de duzentos açoutes nos rins; e vae sempre pensativo e triste, porque os demais ladrões que ficam lá e que vão aqui, maltratam-no, aniquilam-no, escarnecem-no e fazem pouco d'elle, porque confessou e não teve animo para mentir. » D. Quixote, passando ao terceiro, perguntou como aos outros, o qual muito promptamente respondeu e disse. « Eu vou por cinco annos para as senhoras galeras por me faltarem dez ducados. » « Eu darei vinte de muito boa vontade

— disse D. Quixote — para livrar-vos d'esse pesadello. » « Isso parece-me — respondeu o homem — como quem tem dinheiros n'um deserto e está a morrer de fome, sem ter onde comprar o que necessita; digo-lhe, porque se a seu tempo eu tivesse esses vinte ducados que Vossa Mercê me offerece agora, teria untado com elles as unhas do escrivão e avivado o engenho do procurador, de maneira que hoje me veria a meio da praça de Zocodover de Toledo, e não n'este caminho como um galgo; mas Deus é grande, paciencia. D. Quixote passou adiante e perguntou a outro o seu delicto, o qual respondeu com muita galhardia: « Eu vou aqui porque fiz demasiada troça de quem não devia. Coudemnam-me ás galés é por seis annos, consenti, o castigo é da minha culpa, moço sou, dure a vida que com ella tudo se alcança. Se Vossa Mercê, senhor cavalleiro, leva alguma cousa com que soccorrer estes pobres, Deus lhe pagará com o ceu, e nós teremos na terra o cuidado de rogar a Deus nas nossas orações, pela vida e saude de Vossa, Mercê, que seja tão longa e tão boa como merece a sua pessoa ». Este ia vestido de estudante e disse um dos guardas, que era um fallador

e muito gentil latino. Atraz de todos estes vinha um homem de muito bom parecer, de trinta annos de idade, mas que era estrabico; vinha atado d'um modo diverso dos outros, com cadeia, argolas e cadeado. D. Quixote perguntou porque ia aquelle homem mais preso do que os outros todos. O guarda respondeu-lhe: « Porque aquelle só tinha mais delictos que todos os outros juntos. Não se queira saber mais senão que este homem é o famoso Guiés de Pasamonte, que por outro nome chamam Guiesillo de Parapilla. » « Senhor cavalleiro — disse o patife — se tem alguma cousa que dar-nos, dê-a já, e vá com Deus, que já enfada com tanto querer saber as vidas alheias; e se quer saber a minha, saiba que sou Guiés de Pasamonte, cuja vida está escripta por estes polgares. » « Diz a verdade — disse o commissario — que elle mesmo escreveu a sua historia, que não deixa nada a desejar, e deixa o livro empenhado no carcere por duzentos reaes. » « E como se intitula o livro? — perguntou D. Quixote. Está acabado? » « Como pode estar acabado — respondeu elle — se ainda não se acabou a minha vida? O que está escripto é desde o meu nascimento até

ao dia em que me mandaram para o presidio. »
« Então já lá estiveste alguma vez ? » — disse D. Quixote. « Para servir a Deus e ao rei, estive ha quatro annos. »

Por ultimo, D. Quixote teve a idéa de pedir ao commissario que soltasse os prisioneiros e os deixasse ir em paz. « Bonita idéa com que se saiu; quer que deixemos os forçados do rei como se tivéssemos autoridade para os soltar, ou elle a tivesse para o mandar; vá-se Vossa Mercê, senhor, em boa hora pelo caminho adeante e não ande procurando o gato pardo » « Vos sois o gato o rato e o velhaco », respondeu D. Quixote; e dizendo e fazendo, arremetteu contra elle tão apressadamente que, sem que podesse pôr-se em defesa, deu com elle por terra ferido pela lança. Os demais guardas ficaram atonitos e admirados do não esperado acontecimento; porém, voltando a si deitaram mãos ás espadas, os que estavam a cavallo, e os que estavam a pé aos dardos, e arremetteram contra D. Quixote que os aguardava muito socegradamente; e sem duvida passaria mal se os presos vendo a occasião que se lhes offerecia d'alcançar a liberdade, não a pro-

curassem rompendo a cadeia a que vinham presos. Tal foi a revolta que os guardas, para acudirem aos presos que se desatavam e para atacarem a D. Quixote, não fizeram cousa de geito. Sancho ajudou pela sua parte á soltura de Guiés de Pasamonte, que foi o primeiro que saltou á campanha, livre e desembaraçado, e arremeteu contra o commissario que estava por terra tirou-lhe a espada, com a qual, dando num e outro fez fugir todos os guardas. D. Quixote, chamando em seguida todos os condemnados que andavam alborotados, estes pozeram-se em volta d'elle para verem o que este lhes queria, e disse-lhes assim : « E' de gente bem creada agradecer os beneficios que recebe, e um dos peccados que mais offende a Deus é a ingratidão; digo-lhes porque já haveis de ter visto senhores, com manifesta experiencia. o que de mim recebesteis, em paga do quae queria, e é da minha vontade, que, carregados com essas cadeias que tirei dos vossos pescoços, vos metteis a caminho e ides á cidade de Toboso, e ali vos apresenteis ante a senhora Dulcinea de Toboso, e lhe digaes que o seu cavalleiro, o da *Triste Figura*,

lhe envia as suas saudações, e lhe conteis, minuciosamente as peripecias d'esta famosa aventura até que vos dei a desejada liberdade, e feito isto, podereis ir para onde quizerdes ». Guiés de Pasamonte respondeu por todos, dizendo: « O que Vossa Mercê nos manda, senhor e libertador nosso, é o impossível dos impossíveis cumpril-o, porque não podemos ir juntos pelo caminho, senão separados e cada um por seu lado, procurando metter-se pelas estradas da terra para não sermos encontrados pela Santa Irmandade, que sem duvida alguma ha-de sahir á nossa procura. O que Vossa Mercê pode fazer, e é justo que faça, é mudar esse serviço da senhora Dulcinea do Toboso em alguma quantidade de *Ave-Marias* e *Credos*, que nós outros diremos por intenção de Vossa Mercê, e isto é o que de noite e de dia se poderá cumprir; porém, pensar que temos que voltar agora a tomar a nossa cadeia, e a pôr-nos a caminho do Toboso, é pensar que agora é noite e não são dez da manhã e quasi como pedir peras a um olmeiro. » « Pois insisto em tal — disse D. Quixote já colerico — dom ladrão, D. Ginesillo de Paropillo, ou como vos

chamais, que vás sosinho com o rabo entre as pernas, com todas as cadeias ás costas. » Pasamonte, que não era de boa tempera, estando já informado que D. Quixote não era rasoavel, tanto que commettera o disparate de lhes dar liberdade, vendo-se tratar mal e



d'aquelle modo, piscou os olhos aos companheiros e, afastando-se, começaram a lançar tantas e tantas pedras sobre D. Quixote, que não tinha mãos para se tapar com o escudo, e o pobre do Rocinante parecia de bronze. Sancho collocou-se atraz do seu jumento e com elle se defendia da nuvem de pedras que

cahia sobre elles. D. Quixote não se pode escudar tão bem que não lhe cahissem não sei quantas pedras sobre o corpo, e com tanta força que o atiraram ao chão; e apenas por terra o estudante deitou-se a elle, tirou-lhe o capacete da cabeça quasi o fez em pedaços. A Sancho tiraram o gabão, deixando-o nú, e repartindo entre si os demais despojos da batalha, foi cada um para seu lado, com mais cuidado de fugirem da Irmandade, que temiam, do que se carregarem da cadeia e irem apresental-a ante a senhora Dulcinea de Toboso. Apenas ficou o jumento e o Rocinante, Sancho e D. Quixote; o jumento, cabisbaixo e pensativo, abanando de quando em quando as orelhas, pensando que ainda não cessára a borrasca das pedras que lhe perseguiam as orelhas; Rocinante estendido ao lado de seu amo, que com uma pedrada cahira tambem por terra; Sancho, á pae Adão, e receioso da Santa Irmandade; e D. Quixote desgostoso por ver-se tão maltratado pelos proprios a quem fizera tanto bem.

CAPITULO XIV

D. Quixote vendo-se em tão maus lençóes disse ao seu escudeiro: « Sempre tenho ouvido dizer, Sancho, que fazer bem a vilões é deitar agua ao mar. Se eu escutasse o que me dizias escusava este pesadello; mas já está feito, paciencia, é ter mais cuidado d'aqui em deante. » Vossa Mercê ha-de-se emendar tanto como eu sou turco — respondeu Sancho; — pois já que diz que se me tivesse ouvido escusaria este pesadello, ouça-me agora e evitaremos outro maior; porque lhe faço saber que com a Santa Irmandade não ha que empregar cavallarias, e assim suba para o Rocinante, se póde, ou se não eu o ajudarei, e siga-me, porque sinto que agora necessito mais dos pés que das mãos. » D. Quixote montou sem replicar nem uma palavra, e Sancho guiando sobre o seu jumento, entraram por

um sitio da Serra Morena, que ficava por ali, tendo Sancho a intenção de a atravessar toda e ir sahir a Viso ou a Almodovar do Campo, e esconder-se alguns dias por ali, para não serem encontrados se a Irmandade os procurasse. N'aquella noite chegaram a meio das entranhas da Serra Morena, onde a Sancho lhe pareceu poder passar aquella noite e mais algumas outras, pelo menos até que durasse aquelle abastecimento que levavam, e assim passaram a noite entre penedos. Porém, a sorte fatal ordenou que Guiés de Pasamonte, o famoso ladrão que pela loucura de D. Quixote se libertára, levado pelo medo da Santa Irmandade, de quem com justa razão temia, resolveu esconder-se n'aquellas montanhas e levou-o a sua sorte e o seu medo ao mesmo sitio onde levára D. Quixote e Sancho Pança, e a horas de os conhecer, a ponto que os deixou dormir; e como sempre os maus são mal agradecidos, roubou o burro de Sancho, de modo que antes que amanhecesse poz-se, bem longe para não ser encontrado. Rompeu a aurora alegrando a terra e entristecendo Sancho, porque não encontrou o seu companheiro: vendo-se sem elle, começou a fazer o mais

triste e doloroso pranto do mundo, e foi de tal modo que D. Quixote despertou aos gritos e ouviu que elle dizia : « Oh filho das minhas entranhas, nascido na mesma casa que eu, brinquedo dos meus filhos, alegria de minha mulher, inveja dos meus vizinhos, allivio das minhas penas e, finalmente, sustento de metade da minha pessoa, porque com vinte seis maravedis que ganhava cada dia mediava eu os meus gastos! » D. Quixote, que viu o pranto e soube a causa, consolou Sancho com as melhores razões que pode, e rogou-lhe que tivesse paciencia promettendo dar-lhe uma ordem, para que lhe dessem em sua casa tres burros dos cinco que ahi deixára. Sancho consolou-se com isto, limpou as lagrimas, parou os seus soluços e agradeceu a D. Quixote a mercê que lhe fazia, ao qual, como entrou por aquellas montanhas se lhe alegrou o coração, parecendo-lhe aquelles logares proprios para as aventuras que procurava. Ia pensando n'estas cousas tão embebido e transportado n'ellas, que não se lembrava de nenhuma outra, nem Sancho levava outro cuidado senão satisfazer o estomago com os viveres que o despojo clerical

havia deixado, e assim seguia atraz de seu amo carregado com tudo o que o burro devia levar; e não se lhe dava para achar outra aventura.

Grandes successos e donosas aventuras acharam na serra D. Quixote e Sancho Pança. Não as relataremos porque este livro não as poderia conter.

Comtudo, para que o leitor não perca o interesse de tão saborosa leitura, diremos que D. Quixote encontrou na Serra Morena e apanhou com a sua lança uma maleta repleta de moedas d'ouro, da qual tirou um precioso manuscripto que guardou para si, cedendo o thesouro ao seu escudeiro. Pelo manuscripto soube que tudo aquillo pertencia a um joven andaluz que se chamava Cardenio, o qual vagueava louco pelas espessuras da serrania chorando penas d'amor. O recheio da maleta serviu de rogosijo a Sancho Pança, mas não o encontro com Cardenio o louco, personagem cujas desventuras occupam muitas paginas.

Na Serra Morena foi onde o heroe da Mancha se propoz imitar o famoso Amadis de Gaula, fazendo penitencia com actos de furia,

de sandice e desespero; estava enamorado, e como tal entregava-se aos maiores raptos de loucura. Assim, pois, o da *Triste Figura* dizia ao seu escudeiro: « Sou louco, e hei-de sel-o até



que voltes com a resposta de uma carta que penso enviar por ti á minha senhora Dulcinea; e se fôr tal qual como julgo acabar-se-ha a minha penitencia, e se fôr ao contrario serei louco a valer, e sendo-o não sentirei nada. »

Chegaram com estas praticas ao pé d'uma alta montanha que quasi talhada como um pinhão estava só entre muitas outras que a rodeavam ; havia em seu torno um prado tão verde e viçoso que alegrava os olhos havia muitas arvores silvestres e algumas plantas e flores que faziam um sitio apreciavel. O cavalleiro escolheu este sitio para fazer a sua penitencia, e assim vendo-o começou a dizer em voz alta, como se estivesse sem juizo : « Este é o logar, oh ceus ! que disputo e escolho para chorar a desventura em que vós outros mesmos me haveis posto ; e dizendo isto apeou-se do Rocinante, e n'um momento tirou-lhe o freio e a sella e, dando-lhe uma palmada nas ancas, disse-lhe : « Liberdade te dá o que fica sem ella, cavallo tão querido pelas tuas obras, quão infeliz pela tua sorte. » Sancho vendo isto, disse : « Na verdade, senhor cavalleiro da *Triste Figura*, se é que a minha partida e a loucura de Vossa Mercê são verdadeiras, será melhor tornar a sellar o Rocinante para que supra a falta do jumento, porque será poupar tempo á minha ida e volta, que se a faço a pé não sei quando chegarei, nem quando voltarei, porque

verdade, sou mau andador. » « Eu digo, Sancho, — respondeu D. Quixote — que seja como tu quizeres, que não me parece mal o teu desejo ; e digo mais que d'aqui a tres dias partirás,



porque quero que n'este tempo vejas o que por ella faço e digo, para que lh'o digas. »

O cavalleiro da *Triste Figura* ficou dando cambalhotas e dançando quando Sancho partiu, no Rocinante, a caminho do Toboso. Levava uma carta de seu amo para

grande Dulcinea, a quem Sancho conhecia, pois não era outra que uma filha de Lourenço Corchuelo de Aldonza Nogales.

CAPITULO XV

Cavalgava o escudeiro a caminho de Toboso quando topou com uns conhecidos, vizinhos do seu sitio, os quaes não eram outros senão o cura e o barbeiro. Desejosos estes de saber noticias de D. Quixote dirigiram-se a elle dizendo-lhe : « Amigo Sancho Pança, aonde ficou o vosso amo? » Sancho Pança conheceu-os logo e determinou esconder o logar e a sorte de seu amo ; e assim lhes respondeu que seu amo ficára occupado em certa parte e em certo negocio que era de muita importancia, o qual elle não podia dizer, pelos olhos que tinha na cara. « Não, não — disse o barbeiro — Sancho Pança, se vós não nos dizeis aonde ficou pensaremos, que o roubaste e mataste, pois vindes sobre o seu cavallo; e na verdade tendes que dar

o dono do rocim... » « Não ha ameaças para mim porque eu não sou homem que roube nem mate ninguem, Deus é que mata aquelles que fez ; o meu amo ficou fazendo penitencia e muito de sua vontade a meio d'esta montanha » ; e em breves palavras sem parar, lhes contou de que modo ficára, as aventuras que lhe haviam succedido, e como levava a carta para a senhora Dulcinea de Toboso, que era a filha de Lourenço Corchuelo, de quem estava enamorado até aos figados.

Cura e barbeiro, tendo pensado entre ambos a maneira que teriam para tirar D. Quixote das serras e leval-o para casa, arranjaram uma cousa muito ao gosto de D. Quixote e para o que elles queriam; e que foi o cura vestir-se com o habito de donzella andante e o barbeiro de escudeiro, como melhor podesse, e que assim iriam onde D. Quixote estava, fingindo ella ser uma donzella afflicta e mysteriosa e lhe pediria um dom, o qual elle não poderia deixar de lhe outorgar como valoroso cavalleiro andante, e que o dom que pensava pedir-lhe era que viesse com ella onde ella o levasse, a desa-

graval-a d'um mal que um cavalleiro lhe fizera. Sem duvida, que D. Quixote viria e que d'este modo o tirariam d'ali e o levariam para a sua terra, onde procurariam ver se tinha algum remedio a sua estranha loucura.

Ao barbeiro não lhe pareceu má a invenção do cura e pozeram-n'a logo em pratica. Pediram n'uma estalagem uma saia e umas toucas, deixando como penhor a sotaina nova do cura. O barbeiro fez uma grande barba d'uma cauda ruiva ou vermelha de boi, em que o vendeiro tinha suspenso um pente. Sancho não pode conter o riso ao vel-os em semelhante traje; porém, guiou-os a caminho da Serra sabendo que ia tirar o seu amo d'aquella vida tão má. Elles pediram-lhe muito que não dissesse a seu amo quem elles eram, nem que os conhecia, e que se lhe perguntasse, como havia de perguntar, se dera a carta á Dulcinea, dissesse que sim, e que por não saber lêr lhe respondera de viva voz, dizendo que lhe mandava, sob pena da sua desgraça, viesse no mesmo momento ter com ella, que era cousa que o interessava muito; porque com isto e com o que elles tencionavam dizer-lhe, tinham como certo

mettel-o em melhor vida dizendo-lhe que se puzesse a caminho par ir ser imperador ou rei. Tudo ouviu Sancho e guardou muito bem na memoria, e lhes agradeceu muito a intenção que tinham de aconselhar o seu senhor. Tambem lhes disse que seria bom que elle fosse adeante procural-o, e dar-lhe a resposta da sua senhora, que ella por si seria o bastante para o tirar d'aquelle logar sem que elles tivessem tanto trabalho. Pareceu-lhes bom o que Sancho Pança dizia, e assim determinaram aguardal-o até que voltasse com novas de seu amo. Sancho entrou por aquella serra deixando os dois n'uma outra onde fazia uma sombra agradavel e fresca. Era no mez de Agosto ás tres horas da tarde, e muito forte o calor; e ali determinaram esperar Sancho.

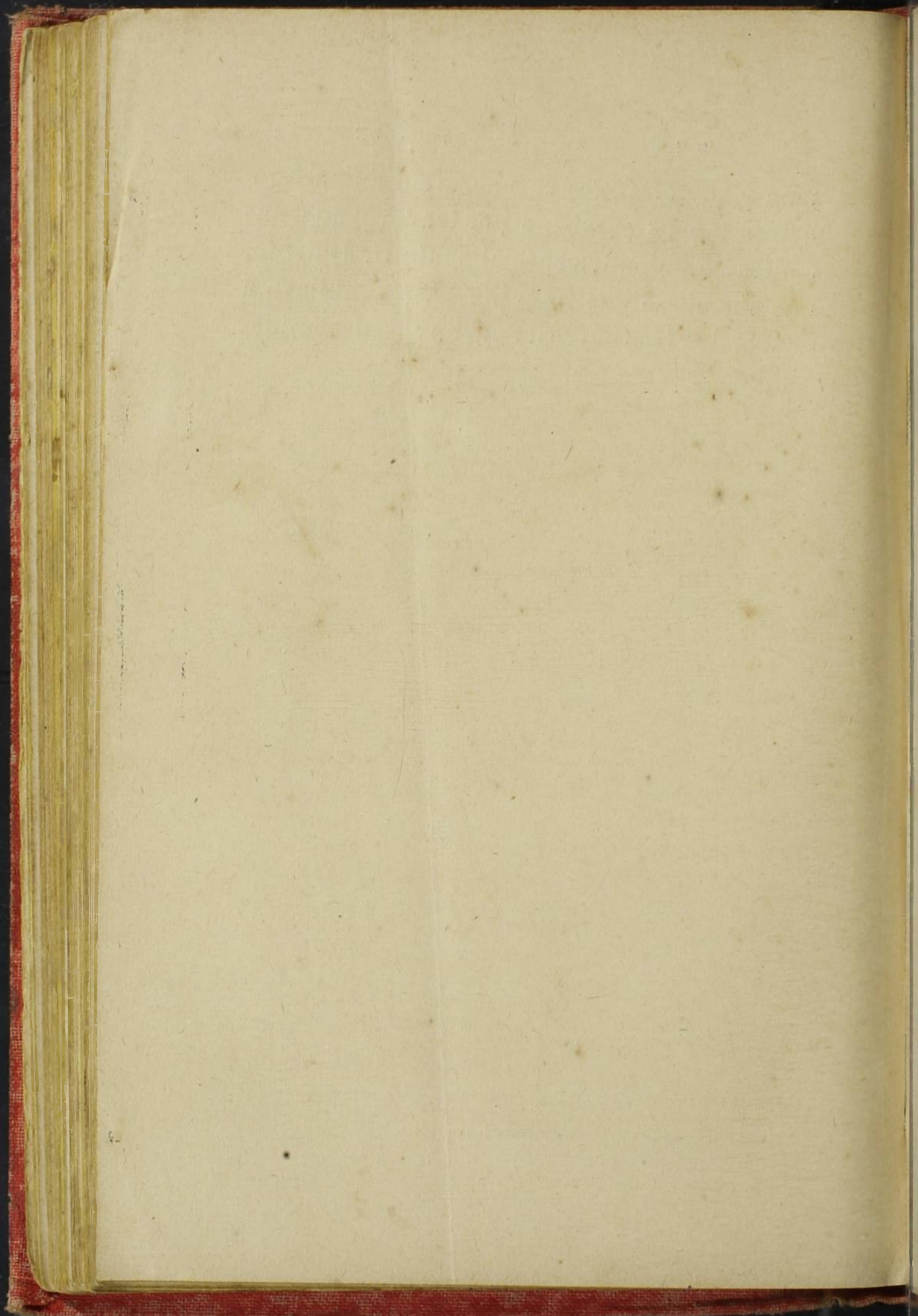
Por fim ouviram vozes e gritos e conheceram que eram de Sancho, que os chamava; sahiram ao seu encontro e perguntaram-lhe por D. Quixote, disse-lhes como o encontrára, em camisa, fraco, amarello, morto de fome e suspirando pela sua Dulcinea; e que posto que lhe dissera que ella o mandava sahir d'aquelle logar e fosse a Toboso onde o es-

perava, respondeu que resolvera não apparecer ante a sua formosa fada sem que tivesse feito façanhas que o tornassem digno da sua graça; e que se aquillo andasse para deante corria perigo de não vir a ser imperador como estava designado, nem mesmo arcebispo, que era o menos que podia ser; por isso que vissem o que se havia de fazer para tiral-o d'ali. O padre respondeu-lhe que não lhe desse isso cuidado que elles o tirariam. E com effeito, com engenhosos ardis e não sem maus trabalhos lograram tirar o cavalleiro d'entre aquellas agrestes serras.

No caminho D. Quixote mandou Sancho andar um pouco adeante, pois tinha que perguntar-lhe e combinar com elle cousas de muita importancia. Assim fez o escudeiro e, adiantando-se os dois, D. Quixote disse: « De pois que voltaste não tive tempo para te perguntar muitas cousas de importancia ácerca da embaixada que levaste e da resposta que trouxeste; e agora, visto a fortuna nos ter concedido tempo e logar, não me negues tu a ventura que podes dar-me com tão boas novas. » « Pergunte Vossa Mercê o que quizer — respondeu Sancho — que para tudo terei

tão bôa sahida como tive entrada. » E ao dizer isto viram vir pelo caminho por onde iam um homem cavalleiro sobre um jumento, e quando se approximou pareceu-lhes que era gitano; porém, Sancho Pança, que logo que via jumentos se lhe iam os olhos e a alma, apenas viu o homem conheceu que era Guiés de Pasamonte, e por o fio do gitano tirou o novello do seu jumento, como era a verdade, pois que o jumento em que Pasamonte vinha era o de Sancho, o qual, para não ser conhecido, se vestira de gitano, cuja lingua e muitas outras sabia fallar como a sua propria. Sancho viu-o e conheceu-o, e logo lhe disse: « Ah, ladrão Guiesillo, deixa a minha joia, larga a minha vida, entrega-me o meu jumento, larga a minha prenda maroto, tunante; retira-te, ladrão, e deixa o que não é teu. Não foram necessarias tantas palavras nem lamentações, porque á primeira Guiés desmontou-se e correu para bem longe de todos. Sancho chegou-se ao seu jumento e, abraçando-o, disse-lhe: « Como tens passado, meu querido, jumento dos meus olhos, meu companheiro? » E com isto beijava-o e acariciava-o como se fosse gente: o burro deixava-se beijar e acariciar sem dizer nem

uma palavra. Todos se chegaram a Sancho e deram-lhe os parabens por ter tornado a encontrar o animal, especialmente D. Quixote, que lhe disse que nem por isso annullava a offerta dos tres burros. Sancho agradeceu-lhe.



CAPITULO XVI

Quando todos iam n'esta conversa, proseguiu D. Quixote com a sua, e disse a Sancho : « Diz-me aonde, como e quando encontraste a Dulcinea ? que lhe disseste ? que respondeu ? que cara fez quando leu a minha carta ? quem t'a passou ? e tudo o que vejas que vale menção e que me pode dar gosto, diz-me e conta-me. » « Senhor — respondeu Sancho — se lhe disser a verdade, ninguem lhe entregou a carta, porque eu não levei carta alguma. » « Assim é como tu dizes — disse D. Quixote — porque o apontamento que tomei encontrei-o em meu poder ao cabo de dois dias depois da tua partida, o qual me causou pena por não saber o que tu farias quando te encontrasses sem carta e julguei que voltarias ao lugar onde a deixáras. » « Assim teria feito — respondeu Sancho — se não a tivesse de memoria

quando Vossa Mercê m'a leu ; de maneira que a disse a um sachristão que m'a transmittiu ponto por ponto e que me disse que em toda a sua vida lera muitas cartas, mas nunca nenhuma como aquella. »



« Tudo isso não me descontenta, prosegue — disse D. Quixote. — Chegaste, e que fazia aquella rainha da formosura? É quasi certo que a encontraste enfiando perolas ou bordando com ouro de canutilho para este seu

captivo cavalleiro. » « Não, encontrei-a — respondeu Sancho — a levar umas bandejas de trigo para um curral de sua casa. » « Pois nota — disse D. Quixote — que os grãos d'aquelle trigo eram grãos de perolas tocadas pelas suas mãos; e se olhaste, amigo, o trigo era caudeal? » « Era amarellado », — respondeu Sancho. » « Pois eu te asseguro, — disse D. Quixote, — que deitado pelas suas mãos fez com certeza pão caudeal; mas passa adeante: quando lhe deste a minha cartabeijou-a? pôla sobre a cabeça? fez alguma cerimonia digna de tal carta? o que fez? » « Quando eu lh'a ia dar — respondeu Sancho — ella estava na faina de passar no crivo uma porção de trigo e disse-me: « Ponha, amigo, essa carta sobre aquelle muro, porque não a posso ler antes de acabar de passar este trigo todo que aqui está. » « Discreta creatura, — disse D. Quixote; — isso é porque a queria ler devagar e recreiar-se com ella; adeante, Sancho; e emquanto estava nos seus affazeres, que conversas teve comtigo? que te perguntou de mim? e tu que lhe respondeste? Acaba, conta-me tudo, não te fique no tinteiro nada. » « Ella não me perguntou nada — disse Sancho — mas eu

disse-lhe de que modo Vossa Mercê ficava fazendo penitencia nú, da cintura para cima, mettido entre estas serras como se fosse selvagem, dormindo no chão, sem comer, e sem penteara barba, chorando e maldizendo a sua fortuna. » « Em dizeres que maldizia a minha fortuna disseste mal — disse D. Quixote — porque ao contrario bemdigo e bem direi todos os dias da minha vida, por ter-me feito digno de merecer ser amado por tão nobre e alta senhora como Dulcinea de Toboso. » « É tão alta — respondeu Sancho — que com franqueza tem mais palmo que eu. » « Pois como assim? — disse D. Quixote — até te mediste com ella? » « Medi-me d'este modo — respondeu Sancho — estando a ajudal-a a pôr um sacco de trigo sobre um jumento; chegamos tão juntos que notei que tinha mais de um grande palmo. » « E depois, — perguntou D. Quixote, — tendo acabado de limpar o trigo e mandal-o ao moinho, que fez quando leu a carta? » « A carta — disse Sancho — não a leu, porque disse que não sabia ler nem escrever; rasgou-a e fel-a em mil pedaços, dizendo que não a queria dar a ler a ninguem para que não soubessem os seus segredos; e

finalmente disse-me que em vista d'aquillo Vossa Mercê sahisse d'estas serras, se deixasse de fazer disparates e se pozesse logo a caminho de Toboso, se não tivesse nada mais importante, porque tinha grande desejo de ver Vossa Mercê. Riu-se muito quando lhe disse o seu nome : *O cavalleiro da Triste Figura*.

Sem que lhe succedesse cousa alguma digna de ser contada, chegaram todos no outro dia á estalagem, espanto e assombro de Sancho Pança, e se bem que não quizesse entrar n'ella, não lhe poude fugir. A vendedeira, o vendeiro, sua filha e Maritornes que viram vir D. Quixote e Sancho, sahiram para os receber mostrando muita alegria, e aquelle recebeu-os com muita gravidade e disse-lhes que lhe arranjassem um leito melhor que da vez passada; ao que a hospedeira lhe respondeu que, contanto que lhe pagasse melhor queda outra vez, ella lhes daria camas de principes. D. Quixote disse que sim, que faria, e assim lhe armaram uma razoavel no mesmo caramanchão que da outra vez, e elle deitou-se logo, porque vinha muito quebrado e com vontade de dormir. O cura pediu para lhe darem de comer e o hospedeiro, com espe-

rança de melhor paga, deu-lhes uma comida razoavel; e D. Quixote dormia a tudo isto, e resolveram não o acordar porque lhe faria mais proveito que comer. Trataram da refeição, estando presentes o vendeiro, sua mulher, sua filha e Maritornes, da estranha loucura de D. Quixote e do modo como o tinham encontrado; a hospedeira contou-lhes o que lhe succedera com elle e com o escudeiro, olhando para ver se Sancho estava ali: como não o visse contou todas as suas proezas; e como o cura disse que os livros de cavallaria que D. Quixote lera lhe tinham voltado o juizo, o vendeiro disse: « Eu não sei como isso póde ser, porque ao que eu tenho ouvido dizer não ha melhor leitura no mundo, e tenho ahi tres d'elles que me têm dado vida, não só a mim, como a muitos outros. » « Pois bem, — disse o cura — traga-me aqui esses livros, senhor hospedeiro, que os quero ver. » « Porque não?... » respondeu elle; e entrando no seu quarto tirou d'uma mala velha, fechada a cadeado, tres livros grandes e uns papeis escriptos á mão com muito bonita letra. O primeiro livro que abriu viu que era de D. Cirongilio de Tracio, o outro Felix-

mar de Hircania e o terceiro a historia do grande capitão Gonzalo Fernandez de Cordoba com a vida de Diogo Garcia Paredes.

Na discussão do cura com o vendeiro sobre a inutilidade e mentiras dos livros de cavallarias e em lerem uma novella manuscrita, cujo titulo era : *Novella do curioso impertinente* que, com aquelles livros, deixára por esquecimento um hospede da estalagem, estiveram até que do caramanchão onde repousava D. Quixote sahiu Sancho Pança todo alborotado a gritar : « Acudam, senhores, depressa, dêem soccorro ao meu amo que anda envolvido na mais renhida batalha que meus olhos têm visto ; por Deus, que deu uma cutilada no gigante seu inimigo que lhe rachou a cabeça e lh'a deixou como se fosse um nabo. » « Que dizes, irmão ? — disse o cura — estais em vós, Sancho ? Como diabo póde ser isso ? » N'isto ouviram um grande ruido no aposento e D. Quixote que gritava : « Pára, ladrão, malandrim, que te tenho preso », e parecia dar grandes cutiladas pelas paredes. E Sancho disse : « Não têm que estar parados a ouvir, é entrar e ajudar o meu amo na peleja, se bem que já não seja necessario, porque

sem duvida alguma o gigante está morto e dando conta a Deus da sua pesada e má vida, que eu vi correr o sangue no chão e a cabeça cahida e cortada posta a um lado, que é tão grande como um barril de vinho. »

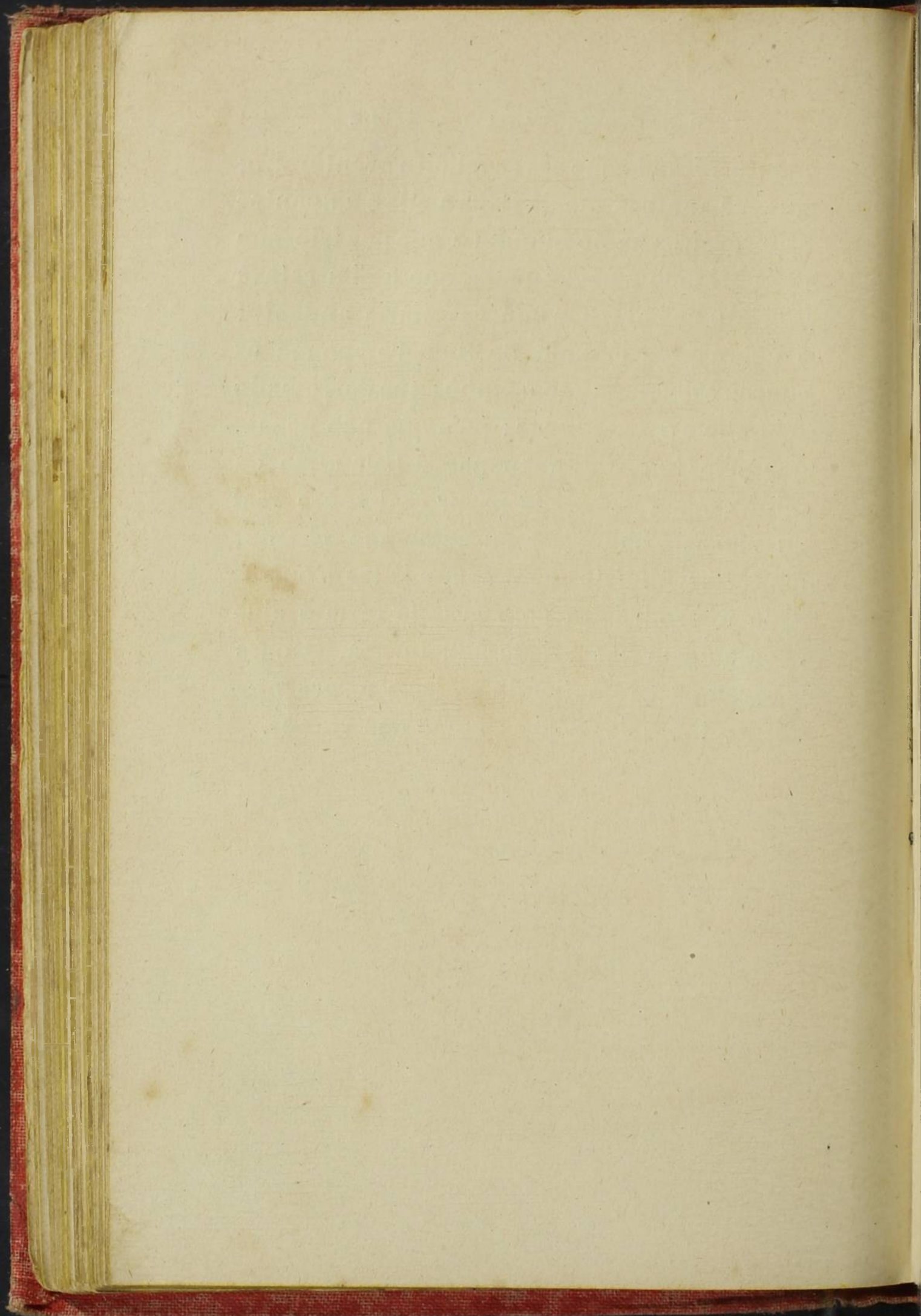
« Que me matem, — disse o vendeiro ao ouvir isto — se D. Quixote ou D. Diabo não deu alguma cutilada em algum dos barris de vinho tinto que estavam cheios á cabeceira da sua cama, e o vinho derramado deve ser o que parece sangue a este homem »; e com isto entrou no aposento e todos atraz d'elle, e acharam D. Quixote no mais estranho traje do mundo. Estava em camisa, a qual não lhe chegava aos joelhos; na mão direita segurava a espada, com a qual dava cutiladas para todos os lados, dizendo palavras como se realmente estivesse pelejando, e para melhor, não tinha os olhos abertos, porque estava dormindo e sonhando que estava n'uma batalha com um gigante; e dera tantas cutiladas nos barris, que eram de couro, julgando que as dava no gigante, que todo o aposento estava cheio de vinho. O que visto pelo vendeiro teve tanta furia que se atirou a D. Quixote e lhe começou a dar pancadas com a mão fe-

chada, e com tudo aquillo não despertava o pobre cavalleiro, até que o barbeiro trouxe um grande balde com agua fria do poço, e lhe deitou de repente por todo o corpo, com o que D. Quixote despertou, mas não ficou tão acordado que visse de que maneira estava. Sancho andava procurando a cabeça do gigante pelo chão, e como não a achava, disse: « Eu já sei que tudo n'esta casa é encantamento, que da outra vez n'este mesmo logar onde agora me acho me deram muitas pancadas e nunca pude vêr ninguem, e agora não me apparece aqui esta cabeça que vi cortar com os meus olhos, e o sangue corria do corpo como uma fonte. » « Que sangue nem que fontes dizes tu, inimigo de Deus e dos Santos! — disse o estalajadeiro; — não vês, ladrão, que o sangue e a fonte não é outra cousa mais que os barris que estavam aqui guardados, e este é o vinho que nada pelo chão e assim eu vejo a tua alma nadando nos infernos! » « Não sei nada — disse Sancho; — só sei que ficarei tão infeliz por não encontrar esta cabeça, que o meu condado ha-de ficar em agua e sal. » E Sancho acordado estava peor que seu amo dormindo, tanto o apo-

quentavam as promessas que lhe fizera o seu amo. O vendeiro desesperava-se de ver a fleugma do escudeiro e os feitos do seu amo e jurava que não havia de ser como da vez passada, que se foram sem pagar, e que agora não lhe haviam de valer os privilegios da sua cavallaria para deixar de pagar uma e outra, até mesmo os remendos que tinha a deitar nos barris de couro.

.
Todos riam, menos o vendeiro que se dava a Satanaz. O barbeiro e o cura pregaram com D. Quixote na cama, o qual ficou dormindo com mostras de grande canceira. Deixaram-n'o dormir e sahiram á porta da estalagem para consolar Sancho Pança de não ter achado a cabeça do gigante, se bem que tiveram mais trabalho em aplacar o vendeiro, que estava desesperado pela morte repentina dos seus couros, e a vendedeira gritava : « Em má hora entrou em minha casa este cavalleiro, que nunca meus olhos o tivessem visto e que tão caro me custa. Da vez passada foi-se embora com o custo d'uma noite de ceia, cama, palha e cevada para elle e para o seu escudeiro, um rocim e um ju-

mento, dizendo que era cavalleiro aventureiro; que má ventura lhe dê Deus a elle e a quantos aventureiros ha no mundo, e que por isto não era obrigado a pagar nada, que assim estava escripto nos arsenaes da cavallaria andante; e agora para cumulo de tudo rompe-me os couros e derrama-me o vinho; que derramado seja elle e o seu sangue: pois que não pense, que pelos ossos de meu pae e pela alma da minha mãe me hão-de pagar real sobre real ou não me chamasse eu como me chamo, nem fosse filha de quem sou. » Estas e outras dizia a vendedeira com grande furia e ajudava-a a sua boa criada Maritornes. O cura socegou-as promettendo satisfazer taes prejuizos, tanto dos couros como dos vinhos.



CAPITULO XVII

Em toda a estalagem se guardava um grande silencio : só não dormiam a filha da estalajadeira e Maritornes, sua criada, as quaes, como já sabiam o humor de D. Quixote, e que este já estava lá fóra armado e a cavallo fazendo a guarda, determinaram as duas fazer-lhe uma partida. E foi que, chamando-o por uma fresta d'um palheiro e pedindo-lhe uma mão, ataram-lh'a sem elle dar por isso com o cabresto do jumento de Sancho Pança, fazendo uma laçada corredia ao cabresto, deitando-a á boneca e atando o que ficava á fechadura da porta do palheiro com muita força. Feito isto, foram-se embora mortas de riso e deixaram-n'o de tal modo que não podia soltar-se. Estava assim, de pé sobre Rocinante, com o braço todo mettido pela fresta, com grandissimo temor e cuidado que se o

Rocinante se desviasse um quasi nada ficaria pendurado pelo braço, e assim não ousava fazer movimento algum, posto que da paciencia do Rocinante bem se podia esperar que estaria um seculo sem se mover. Com tudo isto puxava pelo braço para vêr se o podia tirar; mas estava tão bem atado que todas as suas experiencias foram em vão. Ali foi desejar a espada de Amadis, contra quem não tinha força alguma de encantamento; ali foi maldizer a sua sorte; ali foi exagerar a falta que elle faria no mundo assim como a sua presença durante o tempo que estivesse encantado, que sem duvida alguma se julgaria que estava; ali lembrar-se novamente da sua querida Dulcinéa do Toboso; ali chamar o seu bom escudeiro que, sepultado no somno e estendido sobre a albarda do seu querido jumento, não se lembrava n'aquelle momento da mãe que o dera á luz; e finalmente ali o surprehendeu a manhã, tão desesperado e confuso que bramava como um touro, porque elle não esperava que com o dia se remediasse a sua posição porque a julgava eterna, como encantado. Porém, enganou-se muito na sua crença porque, apnase

começou a amanhecer, chegaram á estalagem quatro homens a cavallo muito bem postos e armados. Bateram á porta da estalagem, que



ainda estava fechada, o que visto por D. Quixote que nunca deixára de fazer sentinella, em voz alta e arrogante lhes disse : « Cavalheiros ou escudeiros, ou quem quer que sejaes,

não tendes que chamar á porta d'este castello, porque é bem claro que a taes horas os que estão dentro dormem, ou não têm por costume abrir as fortalezas até que o sol esteja estendido por todo o solo; ide para fóra e esperae que aclare o dia, e veremos então se será justo ou não que vos abram. « Que diabo de fortaleza ou castello é isto — disse um — para nos obrigarem a guardar cerimonia? Se sois o estalajadeiro, manda que nos abram, que somos caminhantes que não queremos mais do que dar cevada ás nossas cavalgadas e passar adiante, porque vamos depressa. » « Parece-lhes, cavalleiros, que eu tenho typo de estalajadeiro? » perguntou D. Quixote. « Não sei de que tens typo, — respondeu outro — porém sei que é um disparate chamar castello a esta venda. » « E' castello — disse D. Quixote — e um dos melhores de toda esta provincia e tem dentro gente que já teve sceptro na mão e corôa na cabeça. » « Melhor seria o contrario — disse o caminhante — o sceptro na cabeça e a corôa na mão. — Sabeis pouco do mundo — replicou D. Quixote, — pois ignoraes os casos que devem occorrer na cavallaria andante ». Os mais

caminhantes cançavam-se com a conversa que se passava com D. Quixote e assim tornaram a chamar com grande furia, e foi de tal modo que as cavalgadas se alvorotaram; e Rocinante como que triste, com as orelhas caídas, continuava sem se mover, afastou-se do ponto em que estava com o que se desviaram os pés de D. Quivote e, resvalando da sella, ficou pendurado pelo braço, o que lhe causou tanta dôr que julgou que lhe cortavam o braço, porque ficou tão perto do chão, que com as pontas dos pés tocava na terra, que era em seu prejuizo, porque como sentia o pouco que lhe faltava para pôr as plantas em terra fatigava-se e estirava-se quanto podia para alcançar o chão.

Tantos foram os gritos que D. Quixote deu, que abrindo-se rapidamente as portas da estalagem, sahio o dono d'ella espavorido a ver quem dava taes gritos. Maritornes, que já despertára aos mesmos gritos, imaginando o que podia ser, foi ao palheiro e desatou, sem que ninguem visse, o cabresto que sustinha D. Quixote, que cahiu logo no chão á vista dos caminhantes e do estalajadeiro que, chegando-se a elle, lhe perguntaram o que tinha para

gritar assim. Este, sem responder palavra, tirou o cordel da boneca e pondo-se em pé montou sobre o Rocinante, segurou na adarga, enristou a lança e andando um bom bocado de campo voltou a galope, dizendo : « Quem quer que diga que eu fui encantado com razão, eu o desminto e o desafio para uma batalha. » Os caminhantes ficaram admirados das palavras de D. Quixote; porém, o vendeiro tirou-os d'aquella admiração dizendo-lhes quem era e que não se devia fazer caso d'elle porque estava fóra de juizo.

.

Ora, pois, muitas cousas se passaram na venda quando fez dia, entre ellas a chegada do barbeiro, a quem D. Quixote tirára o famoso *elmo* de Mambrino e Sancho os apparelhos do burro, travando-se uma renhida batalha entre Sancho e o barbeiro, com muitos outros successos que o historiador refere a miudo. Nós outros diremos apenas que, achando-se na venda alguns homens da quadrilha da Santa Irmandade, quizeram atar D. Quichote, que era reclamado pela justiça como salteador por ter protegido a fuga dos galeotes. E então D. Quixote disse-lhes com todo o socego :

« Vinde aqui, gente reles e de mau nascimento, assaltar á estrada; chamais o dar a liberdade aos presos, soccorrer os miseraveis; salteadores de estradas com licença da Santa Irmandade, vinde aqui e dizei-me: quem foi o ignorante que assignou o mandado de prisão contra um tal cavalleiro como eu sou? Quem é que ignora que os cavalleiros andantes são isentos de tudo o que é judicial e que a sua lei é a sua espada, seus foros seus brios, suas prematicas a sua vontade? Quem é o mentecapto, volto a dizer, que não sabe estas leis? E finalmente, que cavalleiro andante houve, ha ou haverá no mundo, que não tenha brios para dar no chão com quatrocentos homens que se lhe ponham adiante? »

.

Acaba a primeira parte d'este famoso livro, com a volta de D. Quixote á sua aldeia e a sua casa. O cura, o barbeiro e outras pessoas, todos disfarçados, conseguiram persuadir-o que estava encantado, valendo-se do ardil de lhe atarem as mãos e os pés quando dormia, de modo que, quando elle despertou, não poudes fazer outra cousa senão admirar-se e surprehender-se de vêr diante de si tantas

caras estranhas e logo viu o que a sua desvai-rada imaginação lhe representava e que era aquellas figuras serem todas fantasmas do encantado castello. E d'este modo poderam encerrar-o n'uma jaula e conduzil-a sobre uma carreta, passando-se entre o cavalleiro e o escudeiro os mais interessantes colloquios durante aquella viagem, indo o cavalleiro bem persuadido de que era verdade o seu encantamento.

Ao cabo de seis dias chegaram á aldeia de D. Quixote, onde entraram por meio do dia, que acertou ser um domingo, e a gente estava toda na praça, por meio da qual atravessou o carro de D. Quixote. Acudiram todos para ver o carro e quando viram D. Quixote ficaram encantados, e um rapaz apressou-se a ir dar esta nova á sua ama e sua sobrinha de que seu senhor e tio vinha fraco, amarello e estendido sobre um carro de bois. Era de lastimar os gritos que deram as duas boas mulheres, as bofetadas que se deram, as maldições que deitaram de novo aos livros de cavallaria e o que se renovou quando viram entrar pela porta dentro D. Quixote.

A' nova d'esta vinda de D. Quixote appa-

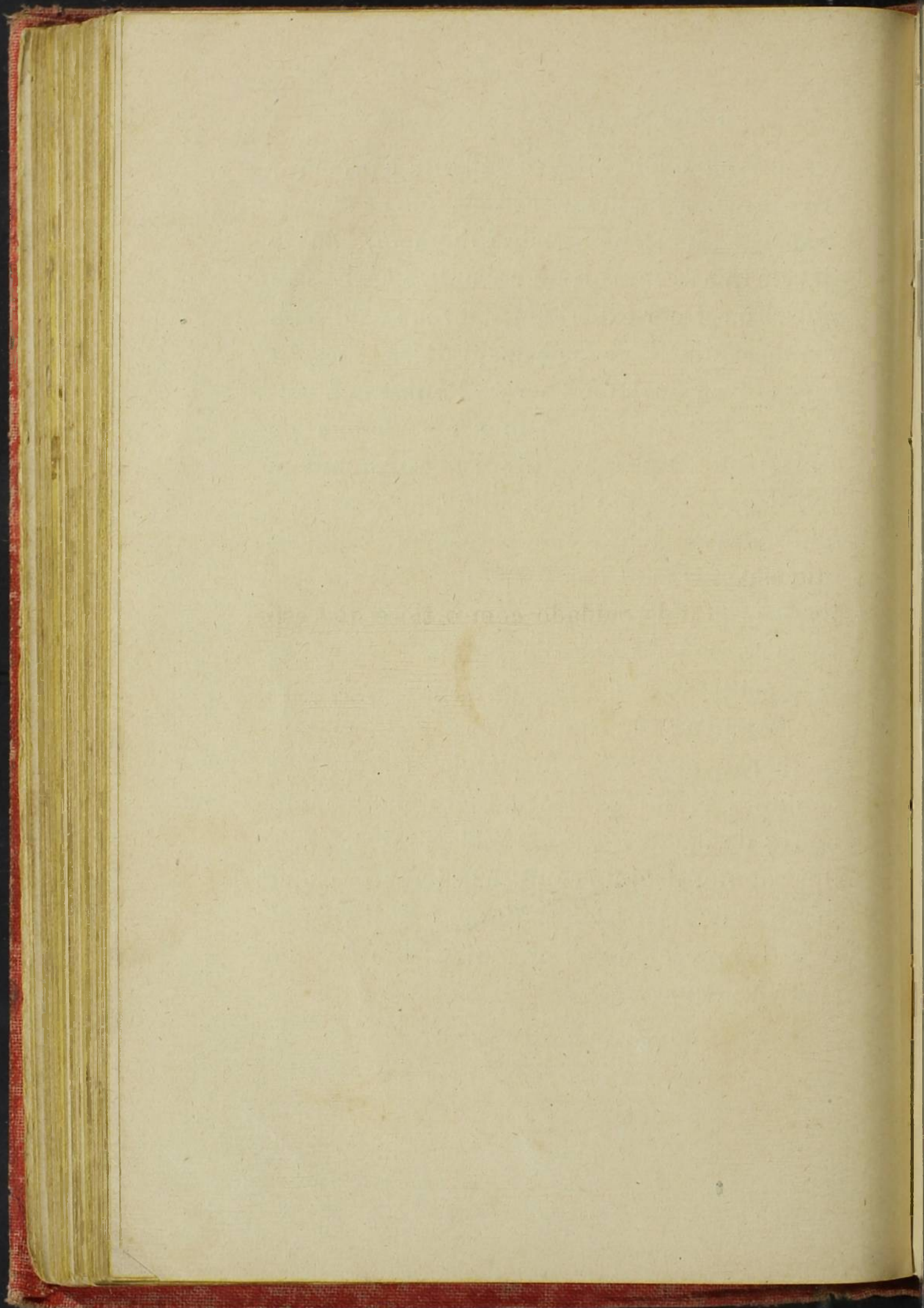
receu a mulher de Sancho Pança, que já sabia que Sancho fôra com elle como escudeiro, e assim que viu Sancho o que primeiro lhe perguntou foi se o burro estava bom. Sancho respondeu-lhe que vinha melhor que o seu amo. « Graças sejam dadas a Deus, —



replicou ella — que tanto bem me fez; porém, conta-me agora, amigo, que bem tiraste em seres escudeiro? Que me trazes a mim? Que sapatinhos trazes aos filhos?» « Não trago nada d'isso — disse Sancho — mas trago cousas mais importantes. » « Isso alegra-me muito — respondeu a mulher; —

mostra-me essas cousas mais importantes, amigo meu, que as quero ver para que se me alegre este coração, que esteve tão triste durante os seculos da tua ausencia. » « Em casa as mostrarei, — disse Sancho — e por agora contenta-te, que sendo Deus servido que se saia outra vez á procura d'aventuras, tu me verás em pouco feito conde, ou governador d'uma ilha, e não d'essas d'ahi, mas sim da melhor que possa haver. » « Assim o queira Deus, porque bem necessitamos ». « Mas diz-me o que é isso de ilhas, que não comprehendo! » « Não é o mel para a bôca do asno — respondeu Sancho; — a seu tempo verás, mulher, e ficarás admirada de ouvires ser chamada a senhora dos teus vassallos. » « O que é que dizes, Sancho, de senhora, ilhas e vassallos? » perguntou Thereza Pança, que assim se chamava a mulher de Sancho, embora não fossem parentes, mas porque é costumena Mancha as mulheres tomarem o appellido do marido. « Não te rales, Thereza, para saber isso tão depressa; basta que te diga a verdade, e guarda segredo : só te digo de passagem que não ha nada que dê mais gosto no mundo que ser um homem honrado,

escudeiro d'um cavalleiro andante e procurar aventuras. E' facto que as más que se encontram não saem tão ao gosto do homem, porque de cem que se encontram noventa e nove saem más. Eu sei por experiencia porque sahí bem moido d'ellas. » Todas estas praticas se passaram entre Sancho e Thereza Pança, sua mulher, entretanto que a ama e sobrinha de D. Quixote o recebiam, despiam e o estendiam sobre o seu antigo leito. Elle olhava-as com olhos atravessados e não percebia em que sitio estava. O cura encarregou a sobrinha que tivesse grande cuidado com o tio e que estivesse áleria para que elle não se fosse outra vez, contando-lhe o que fôra necessario para elle voltar a casa. Aqui novos gritos das duas mulheres, maldições, e pedidos ao céu que confundisse no centro do abysmo os auctores de tantas mentiras e disparates. Ellas, finalmente, ficaram confusas e temerosas que ficariam de novo sem seu amo e tio logo que este tivesse algumas melhoras; e assim foi como imaginavam.



SEGUNDA PARTE

CAPITULO I

Conta Cide Hamete Benengeli na segunda parte d'esta historia e terceira sahida de D. Quixote, que o cura e o barbeiro estiveram quasi um mez sem o ver, para não renovar-lhe e trazer-lhe á memoria as cousas passadas ; porém que informados pela sua sobrinha e pela ama de que o seu senhor por momentos dava mostras de estar em seu juizo perfeito, determinaram por fim visital-o e fazerem uma experiencia das suas melhoras, se bem que tivessem quasi por impossivel que as houvesse, e combinaram não tocar-lhe em nenhum ponto da cavallaria andante para não pôrem em perigo de abrir-se a ferida que estava ainda tão fresca. Visitaram-n'o, encontrando-o sentado na cama.

Foram muito bem recebidos por elle; perguntaram-lhe pela saude e deu conta d'ella com muito juizo e com palavras muito elegantes; e no meio do seu discurso vieram a tratar do que se chama, modos de governo, e fallou D. Quixote tão bem de todas as materias que se discutiram que os dois examinadores julgaram que estava sem duvida melhor de todo e de perfeito juizo. Estavam presentes á conversa a sobrinha e a ama, e não se fartavam de dar graças a Deus por verem o seu senhor com tanto e tão bom entendimento; porém o cura mudando o primeiro proposito, que era não tocar-lhe em cousas de cavallaria, quiz fazer uma completa experiencia, se o estado de saude de D. Quixote era falso ou verdadeiro; e assim pouco a pouco veio a contar algumas novas que tinham vindo da côrte, e entre outras disse que se dava como certo que o Turco se approximava com uma poderosa armada, e que não se sabia o seu designio nem onde descarregar tanta cousa. Não foi necessario fazer outra experiencia, pois D. Quixote tomando a palavra, viram n'um instante como, mettendo-se em cheio no labyrintho das suas historias de cavalla-

rias e cavalleiros andantes, se despenhava do cume da sua loucura até o profundo abysmo da sua simplicidade, acabando por dizer que cavalleiro andante havia de morrer, baixasse



ou subisse o Turco quando elle quizesse e possesse. E estando concentrado em pintar a altura que tinha o gigante Morgante e como eram os rostos de Reinaldos de Montalváu, de D. Roldão e dos demais doze pares de França, ouviram que a ama e a sobrinha, que

já tinham deixado a conversa, davam muitos gritos no pateo, e accudiram a tal ruído.

Os gritos que ouviram D. Quixote, o cura e o barbeiro, eram dados pela ama e pela sobrinha, dizendo a Sancho Pança, que pugnava para entrar e ver D. Quixote : « Que quer este mostrengo n'esta casa? Ide para a vossa, que sois nem mais nem menos que um mau conselheiro para o nosso amo. » Ao que Sancho respondeu : « Ama de Satanaz, o culpado é vosso amo e não eu ; elle levou-me por esses mundos ; e vós outras enganaes-vos : elle arrancou-me de minha casa com promessas de me dar uma ilha de que ainda estou á espera. » « Más ilhas te afoguem — respondeu a sobrinha — Sancho maldito ; e o que são ilhas? É alguma cousa de comer, goloso e comilão que tu és? » « Não é de comer — replicou Sancho — mas de governar. » « Com tudo isso — disse a ama — não entras aqui, sacco de maldades e malicias : vai governar a tua casa, e deixa-te de pretender ilhas nem ilhos. » Com que prazer o cura e o barbeiro ouviam a conversa dos tres ; porém D. Quixote, receioso que Sancho se descozesse, e tocasse em pontos que não iriam bem com o seu credito,

chamou-o e fez com que as duas se calassem e o deixassem entrar. Sancho entrou e o cura e o barbeiro despediram-se de D. Quixote, de cuja saude desesperaram, vendo como estava entranhado nos seus desvairados pensamentos, e embebido na simplicidades dos seus projectos de cavalleiro andante; e assim disse o cura e o barbeiro : « Vereis, compadre, como quando menos pensarmos o nosso fidalgo sahirá outra vez. » « Não ponho duvida n'isso — respondeu o barbeiro ; — porém não me admiro tanto da loucura do cavalleiro, como da simplicidade do escudeiro, que tão certo tem aquillo da ilha, que julgo não lhe sahe da cabeça apesar de todos os desenganos que possa ter. »

« Deus lhe dê remedio — disse o cura — temos que nos pôr de atalaia a ver em que pára esta machina de disparates de tal cavalleiro e de tal escudeiro, que parece que forjaram os dois no mesmo molde, e que as loucuras do amo sem as tolices do criado, nada valeriam. »

D. Quixote encerrou-se com Sancho no seu aposento e estando sós disse-lhe : « Muito me custa, Sancho, que tenhas dito e digas que fui

eu que te tirei de tua casa sabendo que tambem não fiquei na minha. Sahimos juntos, fomos juntos e juntos peregrinamos : uma mesma fortuna e uma mesma sorte correu para os dois ; se a ti te molestaram uma vez, a mim molestaram-me cincoenta vezes, e esta é a vantagem que tens. » « Isso é bem claro — respondeu Sancho — porque, segundo Vossa Mercê disse, mais frequentes são as desditas dos cavalleiros andantes do que dos seus escudeiros. » « Enganas-te, Sancho, — disse D. Quixote; — porém ponhamos de parte isto por agora, que virá tempo em que seja opportuno fallar-se d'este ponto; e dize-me, Sancho, amigo, o que é que dizem de mim aqui pelo sitio? Em que opinião me têm, qual a do fidalgo e qual a do cavalleiro? Que dizem da minha valentia? Do meu porte e das minhas cortezias? Que dizem da resolução que tomei de fazer reviver a esquecida ordem cavalleiresca? Finalmente, quero Sancho que me digas o que ácerca d'isto chegou aos teus ouvidos ; a tudo me has-de responder sem modificar cousa alguma ; porque é dos vassallos leaes dizer a serdade aos seus amos no seu proprio ser, vem acrescentar nem diminuir em nada.

Sirva-te esta advertencia, Sancho, para que discreta e bem intencionadamente ponhas nos meus ouvidos a verdade das cousas que souberes do que te perguntei. » « Isso farei de muito boa vontade, senhor meu — respondeu Sancho — com a condição de que Vossa Mercê se não ha-de enojar com o que disser, pois quer que lhe diga a verdade crua e nua sem vestil-a de outras roupas senão aquellas com que me chegou a noticia. » « De modo algum me causará affronta — respondeu D. Quixote; — bem podes, Sancho, fallar livremente e sem rodeio algum. »

« Pois o que primeiro digo, é que a maioria tem Vossa Mercê por um grandissimo louco e a mim por um não menos maniaco. Os fidalgos dizem que Vossa Mercê não se contendo nos limites da fidalguia, acrescentou o Dom e armou em cavalleiro com quatro palmos de terra e com um trapo atraz e outro adiante. Dizem os cavalleiros, que não queriam que os fidalgos se sobrepozessem a elles, especialmente aquelles fidalgos especiaes, que dão fumo aos sapatos. » « Isso — disse D. Quixote — não tem que ver comigo, pois ando sempre bem vestido e nunca remendado; roto póde bem ser que

sim, e mais roto pelas armas do que por os fatos serem velhos. » « No que diz respeito — proseguiu Sancho — á valentia, cortezias, etc., ha diversas opiniões : uns dizem que é louco, mas gracioso; outros valente, mas infeliz ; outros cortez, mas impertinente ; e por aqui vão discorrendo em tantas cousas, que nem a mim nem a Vossa Mercê deixam um osso são. » « Ouve, Sancho, — disse D. Quixote — onde quer que esteja a virtude é sempre perseguida ; poucos ou nenhuns dos famosos varões conhecidos deixaram de ser calumniados pela malicia. Julio Cesar, animosissimo, prudentissimo e valentissimo capitão, foi notado como ambicioso e pouco limpo nos seus fatos e nos seus costumes. Alexandre, a quem as suas façanhas lhe deram o nome de Magno, dizem d'elle que se embriagava. Assim pois, Sancho, entre tantas calumnias de bons, bem podem passar as minhas, não sendo mais do que as que acabas de dizer. » « Ahi é que bate o ponto » — replicou Sancho. « Pois ha mais ? » — perguntou D. Quixote. « Ainda ha a cauda para esfollar — disse Sancho ; — isto é pouco até agora ; mas se Vossa Mercê quer saber tudo e todos

os insultos que lhe fazem, eu logo trago-lhe aqui quem lhos diga, sem que lhe falte nada; esta noite chegou o filho de Bartholomeu Carrasco, que vem de estudar em Salamanca, feito bacharel, e tendo-lhe eu ido dar as boas vindas, disse-me que já nos livros da historia de Vossa Mercê andava o seu nome chamando-lhe *Historia do engenhoso fidalgo D. Quixote de la Mancha*, que a mim me mettem com o meu nome de *Sancho Pança*, e á senhora Dulcinêa do Toboso, com outras cousas que se passaram só comnosco, e de espantado até fiz cruces como as poderia saber o historiador que as escreveu. E diz que o autor da historia se chama *Cide Hamete Benengeli* ou *Berengena*. » « Esse nome é de mouro » respondeu D. Quixote. « Assim será — replicou Sancho — porque pela maioria ouvi dizer que os mouros são amigos de bernigelas. Mas volto a dizer que se Vossa Mercê deseja que eu faça vir aqui o bacharel, vou procural-o por toda a parte. » « Muito prazer me darás, amigo, — disse D. Quixote — porque tenho atravessado na garganta o que me acabas de dizer e não comerei nada que me saiba bem, até ser informado de tudo. » « Pois eu vou

em busca d'elle — respondeu Sancho. » E deixando o seu senhor, foi em busca do bacharel com o qual voltou d'ahi a pouco tempo, e entre os tres passou-se um engraçadissimo colloquio.

CAPITULO II

D. Quixote ficou muito pensativo em quanto esperava pelo bacharel Carrasco, de quem esperava ouvir o que dizia o livro a seu respeito, como dissera Sancho, e não se queria convencer que existisse tal historia, pois que não estava enxuto na sua espada o sangue dos inimigos que matara, e já queria que andassem estampas representando as suas cavallarias. Com tudo isto imaginou que algum sabio, amigo ou inimigo, por artes de encantamento as tinha dado a espada. E assim perdendo-se em imaginações o encontrou Sancho e Carrasco, a quem D. Quixote recebeu muito cortezmente. Era o bacharel, se bem que se chamasse Samsão, não muito grande de corpo, embora bastante gordo, de côr macilenta, mas bastante intelligente ; devia ter vinte e quatro annos : cara redonda.

nariz chato e bôca grande, tudo signaes de ser malicioso, e amigo de intrigas e troças como o mostrou pondo-se de joelhos ao ver D. Quixote e dizendo-lhe : « Dê-me Vossa



Mercê as mãos, senhor D. Quixote de la Mancha, que por o habito de S. Pedro que visto, se bem que não tenha outras ordens que as primeiras quatro, que é Vossa Mercê um dos mais famosos cavalleiros andantes que houve e haverá em todo o mundo. Bem haja

Cide Hamete Benengeli, que escreveu a grandeza dos seus feitos e bem haja o curioso que teve o cuidado de fazel-a traduzir do arabe para o nosso castelhano para entretenimento do universo. » D. Quixote fel-o levantar, e disse : « D'esse modo, é então verdade que existe a minha historia, e que foi mouro e sabio que a compoz ? » « É tão verdade, senhor — disse Samsão — que julgo para mim mesmo que até ao dia de hoje estão impressos mais de doze mil livros da sua historia. » « Mas diga-me Vossa Mercê, senhor bacharel, quaes as minhas façanhas que pozeram n'essa historia ? » « A esse respeito — respondeu o bacharel — ha diversas opiniões, como ha diversos gostos : uns admiram a aventura dos moinhos de vento, que a Vossa Mercê pareceram gigantes ; outros a descripção dos exercitos que pareciam duas manadas de carneiros ; e outros a aventura do valente biscaino. O sabio não deixou ficar nada no linteiro, diz tudo e aponta tudo, até as cabriolas que o bom Sancho fez na manta. » « Na manta não fiz cabriolas — respondeu Sancho ; — no ar sim, e mais do que as que queria fazer. » « Tambem ha — proseguiu o

bacharel, — quem diga que Vossa Mercê andou demasiadamente credulo em crêr que podia ser verdade o governo d'aquella ilha offerecida por o senhor D. Quixote, aqui presente. »
« Por em quanto é noviço — disse D. Quixote ; — e quanto mais Sancho for entrando na idade, com a experiencia que dão os annos estará mais apto e mais habil para ser governador, do que está agora. »

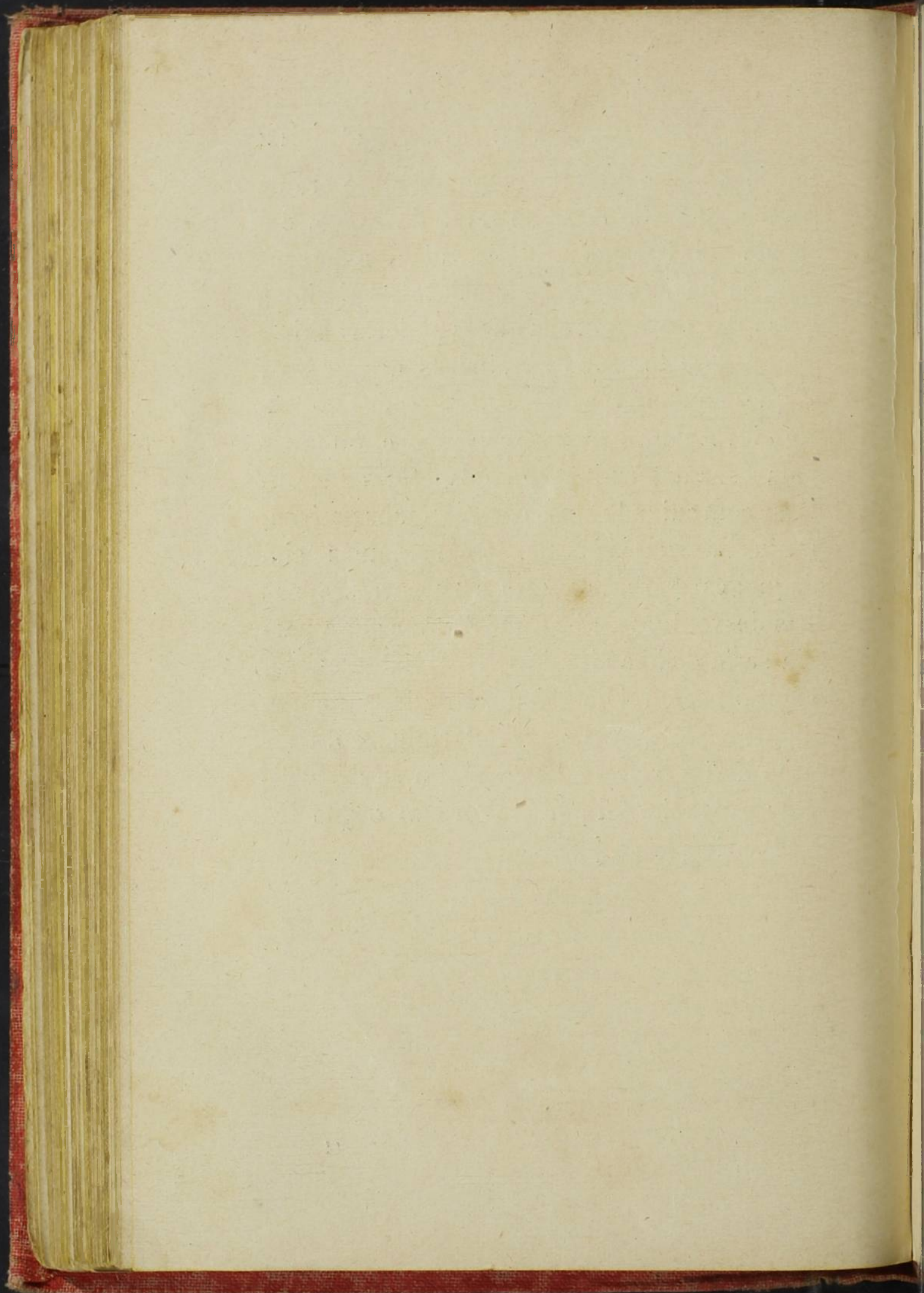
« Por Deus, senhor, — disse Sancho — ilha que eu não governasse com os annos que tenho, não a governaria com os annos de Mathusalem ; a questão é que a dita ilha está não sei aonde, e não é por faltar-me saber para a governar. Mas deixando isto do governo nas mãos de Deus, digo-lhe, senhor bacharel Carrasco, que me deu infinito gosto que o autor da historia fallasse de mim sem causar enfado ; que á fé de bom escudeiro, que se tivesse dito de mim cousas que não fossem muito christãs, velho como sou, os surdos haviam de me ouvir. » « Isso era fazer milagres » — disse o bacharel. « Milagres ou não milagres — disse Sancho — cada um que veja como falla ou como escreve das pessoas, e não ponha ao Deus dará o primeiro

que lhe vem á cabeça. » « Entre outras cousas que conta a historia — disse Samsão — falta, e a culpa é do autor, pois esqueceu, de contar o que fez Sancho d'aquelles escudos encontrados na mala em Serra Morena, de que nunca mais fallou, e ha muitos que desejam saber o que fez d'elles ou em que os gastou, pois é um dos pontos essenciaes que falta na obra. » Sancho respondeu : « Eu, senhor Samsão, não estou agora para pôr-me com historias, porque estou muito fraco, e se não tomo dois tragos do que tenho em casa, desmaio. Acabando de comer satisfarei a sua pergunta e a todo o mundo que me queira perguntar, do gasto dos cem escudos ». E sem esperar resposta nem dizer mais palavra foi-se para casa. D. Quixote pediu e rogou ao bacharel que ficasse a fazer penitencia com elle. Aceitou o convite, e ficou; fallou-se de cavallarias, o Carrasco seguiu-lhe o humor, acabou-se o banquete, dormiram a sesta, Sancho voltou e renovou-se a conversa.

Voltando Sancho a casa de D. Quixote, e voltando-se ao passado, isto é, ao que o senhor Samsão disse, que desejava saber o fim que levaram os escudos : « Devo dizer —

disse Sancho — que se desfizeram; gastei-os em proveito da minha pessoa, de minha mulher, e de meus filhos, e elles foram a causa de minha mulher levar com paciencia os caminhos por onde andei servindo a meu amo D. Quixote; que se ao cabo de tanto tempo voltasse sem prata e sem jumento para casa, negra sorte me esperava; e que ha mais que saber de mim, aqui estou, e ao rei em pessoa responderei o mesmo; e ninguem se tem que metter com o que fiz ou não fiz, se gastei ou se não gastei; que se as pancadas que levei n'esta viagem se devessem pagar a dinheiro, mesmo a quatro maravedis que fosse, com outros cem escudos não me pagavam nem metade; e cada um ponha a mão na sua consciencia e não se ponha a julgar o branco por negro e o negro por branco, que cada um é como Deus o fez, e muitas vezes peor.» Bem não acabara de dizer estas palavras, quando lhe chegaram aos ouvidos relinchos do Rocinante, os quaes D. Quixote tomou por um feliz agouro, e determinou fazer d'ahi a tres ou quatro dias outra sahida; e declarando a sua intenção ao bacharel, pediu-lhe conselho por que parte começaria a

sua jornada, o qual lhe respondeu que era de parecer que elle fosse ao reino d'Aragão, e á cidade de Saragoça, onde, d'ahi a poucos dias, se haviam de fazer umas solemnissimas festas de São Jorge, nas quaes poderia ganhar fama sobre todos os cavalleiros aragonezes, o que equivalia a ser sobre todos os do mundo. Achou ser honrosissima e valentissima a sua determinação e advertiu-o que andasse com cuidado em accommetter os perigos, porque a sua vida não era sua, mas sim d'aquelles que amparasse e soccorresse nas suas desventuras. Ficaram n'isto, e que a partida seria d'ahi a oito dias. D. Quixote encarregou o bacharel de não dizer nada, para que ninguem estorvasse a sua determinação. Carrasco assim o prometteu e assim se despediram; e Sancho foi pôr em ordem o que era necessario para a jornada.



CAPITULO III

Sancho chegou a casa tão regozijado e alegre, que a sua mulher conheceu logo a sua alegria, tanto que lhe perguntou : « Que tens, Sancho, por que vens tão alegre? » « Ouve, Thereza, eu estou alegre por que determinei voltar a servir meu amo D. Quixote, o qual quer pela terceira vez sahir em busca de aventuras, e eu volto com elle, porque a necessidade assim o quer, junto com a esperança d'outros cem escudos como os que já gastámos, posto que me entristece ter-me que separar de ti e de meus filhos; e se Deus quizer dar-me de comer a pé enxuto e em minha casa, sem andar commigo por montes e vales, é claro que a minha alegria seria maior, porque a tenho misturada com a tristeza de te deixar. E assim advirto-te, que convem cuidar durante estes tres dias do burro :

renovar-lhe os pensos, cuidar da albarda e dos demais arreios, porque não vamos a bodas, mas sim a volta do mundo lutar com gigantes e outras feras, ouvir silvos, rugidos, e tudo isso seriam rosas se não tives-



semos que lutar com biscainos e mouros encantados. »

« Creio bem, marido — replicou Thereza — que os escudeiros andantes não comem o pão de balde, e assim ficarei rogando a Nosso Senhor os tire em breve de tanta má ventura. » « Eu te digo, mulher — respondeu

Sancho — que se não pensasse ser em pouco tempo governador d'uma ilha, cairia aqui morto. » « Isso não, marido meu — disse Thereza; — vivas tu, e leve o diabo quantos governos ha no mundo; sem governo vieste ao mundo; sem governo tens vivido até agora; e sem governo irás ou te levarão á sepultura quando Deus for servido. A melhor cousa do mundo é a fome, e como esta não falta aos pobres, comem sempre com gosto; mas ouve, Sancho, se por ventura te vires com algum governo, não te esqueças de mim nem dos teus filhos. Lembra-te que o Sanchito já tem quinze annos feitos, e deve já ir á escola, se é que o seu tio abbade o ha-de fazer da igreja. Vê tambem que Maria Sancha, tua filha, não morre sem a casarmos; pois já me vae dando signal que deseja tanto ter marido, como tu de te veres com um governo. » « Pela minha boa fé, respondeu Sancho — que se Deus me leva a ter algo que seja governo, casarei Maria-Sancha tão altamente que só será tratada pelo nome de senhora. » « Isso não, Sancho, — respondeu Thereza — casa-a com um seu igual, que é o mais acertado, para que depois não esteja a cada passo mos-

trando o que era e de que qualidade o seu panno. » « Cala-te tola — disse Sancho — tudo é questão de pratica de tres annos, e depois lhe virá a senhoria e a gravidade; e quando não, que importa? Seja-se senhoria e venha o que vier. » « Contenta-te Sancho, com o teu estado — respondeu Thereza — não te queiras elevar a maiores. É certo que seria linda cousa casar a nossa Maria com um conde ou com um cavalleiro; mas sabes bem o que as linguas teriam que dizer; não em meus dias, marido meu, para isso creei a minha filha; deixa a meu cargo o casamento d'ella, Sancho, ahi está Lope Tocho, o filho de Juan Tocho, moço roliço e são, a quem conhecemos, e sei que não vê com mau olho a nossa pequena; e com este que é nosso igual ficará bem casada, e tel-a-hemos sempre debaixo dos nossos olhos e seremos todos um, paes e filhos, netos e bisnetos, e andarà a paz e a benção de Deus entre todos nós; porém não casal-a agora n'essas côrtes e n'esses grandes palacios, onde ella não se entenda nem ninguem a entenda a ella. » « Vem cá, estúpida e mulher de Barrabáz — replicou Sancho — para que queres tu agora, sem quê nem para quê, estorvar-

me que eu case a minha filha com quem me dê netos que tenham senhoria? Ouve, Thereza, sempre ouvi dizer aos que são mais do que eu, que o que não sabe gozar da ventura quando esta lhe chega, que se não deve queixar se esta se vae embora; e não está bem que hoje que ella se chega para a nossa porta nós a fechemos: deixemo-nos levar por este vento favoravel que nos sopra.»

« Não te parece, palerma — proseguiu Sancho — que será bom dar com o meu corpo n'algum governo proveitoso que nos tire o pé do lodo, e casar Maria-Sancha com quem eu quizer? E verás como te chamam a ti Dona Thereza Pança e te sentam na igreja sobre alcatifa, almofadas e almofadões, a despeito das fidalgas do povo. Não fallemos mais n'isto, e embora digas o que disseres, a nossa filha ha-de ser condessa.» « Vês tu o que dizes, marido? — respondeu Thereza; — pois com tudo isto temo que este condado da minha filha ha-de ser a sua perdição: tu faze o que quizeres, fal-a duqueza ou princeza; porém devo dizer-te que isso não será com vontade nem consentimento meu. Sempre fui amiga da igualdade, e não posso

vêr cousas sem fundamentos : Thereza me pozeram no baptismo, nome simples e modesto, sem cornecopias, nem dons nem donas ; Cascajo se chamou meu pae, e a mim por ser a vossa mulher chamam-me Thereza Pança, que com razão me deviam chamar Thereza Cascajo, e com este nome me contento sem que m'ò encimem com um dom que pese tanto que não o possa trazer, e tão pouco quero dar que fallar aos que me virem andar vestida de condessa ou governadora, dizendo : Olha que tola vai aquella ; ainda hontem trabalhava com a estopa, e ia a missa com a cabeça coberta com a saia em lugar do manto, e já hoje com prôa, com broches e mais broches, como se não a conhecessemos. — Se Deus me guarda os meus cinco ou sete sentidos ou os que tenho, não penso dar occasião de me-ver em taes apertos ; tu irmão, vai ser governador da ilha, e installa-te a teu gosto, que pela fé de Deus nem eu nem a minha filha arredamos um passo da nossa aldeia. Vai com o teu D. Quixote para as tuas aventuras e deixa-nos a nós, com a nossa má ventura, que Deus nos dará melhor sendo nós boas ; e eu não

sei ao certo quem lhe poz a elle esse *dom* que nunca seus paes nem avós o tiveram. »

« Agora digo — replicou Sancho — que tens algum demonio n'esse corpo. Valha-te Deus mulher e mais as misturadas que fazes sem pés nem cabeça ! que tem que ver o Cascajo, os broches, etc., com o que eu digo? Vem cá, mentecapta e ignorante (que assim te posso chamar que não entendes o que é razoavel) : se eu tivesse dito que a minha filha se deitasse da janella d'uma torre abaixo, ou que se fosse por esses mundos, como quiz ir a infanta D. Urraca, tinhas razão de não ser da mesma opinião que eu ; mas se n'um abrir e fechar d'olhos lhe ponho ás costas um *dom* e uma *senhoria*, tiro-a dos trapos, ponho-t'a n'uma pianha e n'um estrado de mais almofadas de velludo do que tiveram mouros em Marrocos. Porque não has-de consentir e querer o que eu quero ? » « Sabes porquê, marido? — respondeu Thereza ; — pelo proverbio que diz : quem te cobre te descobre ; pelos pobres todos passam os olhos como de corrida, e fixam-n'os nos ricos ; e se o rico em tempos foi pobre, ahi é que é murmurar, e maldizer, e é melhor preservar-se dos maldizentes, que os ha por essas ruas

aos montes como enxames de abelhas. »

« Olha Thereza — respondeu Sancho — e escuta o que te quero dizer agora : talvez não o tenhas ouvido em toda a tua vida; e eu agora não fallo de mim, que tudo o que penso dizer são sentenças do padre predicador que a Quaresma passada predicou n'esta aldeia, o qual, se bem me lembro, disse que todas as cousas presentes que os olhos estão vendo apresentam-se, e assistem na nossa memoria muito melhor e com mais vehemencia que as cousas passadas. D'onde vem que quando vêmos alguma pessoa bem arranjada com ricos vestidos e com pompa de criados, parece que por força nos move e convida a que lhe tenhamos respeito; e se a memoria n'aquelle instante nos representa alguma baixaza em que vimos a tal pessoa seja de pobreza ou de linhagem, que já não é como foi, e é só o que vêmos presente; e se este a quem a fortuna tirou da sua baixaza á alteza da sua prosperidade fôr bem criado, liberal e cortez com todos, e não se puzer em historias com aquelles que pela sua antiguidade são nobres, tem por certo, Thereza, que não haverá quem se lembre do que foi, mas

sim do que é, excepto os individuos de quem nenhuma prospera fortuna está segura. » « Eu não os entendo, marido — replicou Thereza; — faz o que quizeres e não me quebres mais a cabeça com as tuas rhetoricas; e se estás resolvido a fazer o que dizes, não te ponhas a contender commigo, marido; eu fallo como Deus é servido e não faço mais floreados; e digo se estás decidido a arranjares governo, que leves comtigo o teu filho Sancho para que desde agora lhe ensines a ter governo, que está bem que os filhos herdem e aprendam os officios dos paes. » « Em tendo governo — disse Sancho — envio-te a ti e a elle dinheiro pelo correio, porque terei bastante, pois nunca falta quem o empreste a governadores quando estes o não têm; e veste-o de modo que dissimule o que é e pareça o que ha-de ser. » « Manda tu dinheiro — disse Thereza — que eu os vestirei como um palmito. » « Assim, ficamos d'accôrdo — disse Sancho — que a nossa filha ha-de ser condessa. » « O dia em que eu a vir condessa — respondeu Thereza — farei de conta que a enterro; mas digo-te pela segunda vez que faças o que quizeres, que com este peso a mulher nasceu, de ser obe-

diente aos seus maridos. » E n'isto começou a chorar tão convencida como se já visse morta e enterrada a Maria-Sancha. Sancho consolou-a, dizendo-lhe que já que a tinha que fazer condessa a faria o mais tarde que podesse. Com isto se acabou a polemica, e Sancho voltou a vêr D. Quixote para receber as ordens de partida.

CAPITULO IV

Em quanto Sancho Pança e sua mulher Thereza Cascajo estiveram disputando, a sobrinha e a ama de D. Quixote não perderam o seu tempo, e por mil cousas comprehenderam que pela terceira vez seu tio e senhoria voltar aos exercicios da maldita cavallaria andante. Procuravam por todos os meios possiveis tirar-lhe tal pensamento, mas tudo era pregar no deserto e malhar em ferro frio: com tudo isto, entre outras muitas cousas que se passaram com elle, disse-lhe a ama. « Com verdade, senhor meu, que se Vossa Mercê não me affirma que socega em sua casa, e se deixa de andar pelos montes e pelos valles como alma em pena, buscando essas que diz que se chamam aventuras, a que eu chamo desditas, tenho que queixar-me em gritos e voz bem alta a Deus e ao rei, que o

remedêem. » Ao que D. Quixote respondeu : « Ama, o que Deus responderá ás tuas queixas, eu não sei, nem tambem o que ha-de responder Sua Majestade; só sei que se eu fosse rei não me incommodaria responder a uma infinidade de memoriaes impertinentes que lhe enviam cada dia, que um dos maiores trabalhos que os reis têm, entre muitos outros, é estarem obrigados a ouvir a todos e responder a todos; e por isso eu não queria que cousas que me dizem respeito lhe dessem incommodo. Ha dois caminhos, filhas, por onde podem ir os homens e chegar a ser ricos e honrados : um é o das lettras, outro o das armas. Eu tenho mais armas do que lettras, e nasci, segundo me parece, para as armas, debaixo da influencia do planeta Marte; assim quasi me é forçoso seguir pelo seu caminho, e por elle tenho que ir com pezar de todo o mundo; e será debalde cançar-vos para persuadir que eu não queira o que os céus querem, a fortuna ordena, a razão pede, e sobre tudo a minha vontade deseja; pois com saber, como sei, os innumeraveis trabalhos que respeitam a cavallaria andante, sei tambem os infinitos bens que se alcançam com ella; e sei que a

senda da virtude é pouco grande, e o caminho do vicio longo e espaçoso, e que os seus fins e paradeiros são diferentes; porque o do vicio acaba em morte, e o da virtude acaba em vida, não em vida que se acaba, mas sim que não tem fim.

« Ai infeliz de mim! — disse a sobrinha — o meu senhor sabe tudo, está ao alcance de tudo; aposto que se quizesse ser pedreiro, fazia tão bem uma casa como uma jaula. » « Eu te prometto, sobrinha — respondeu D. Quixote — que se estes pensamentos cavalheirescos não me levassem atraz de si todos os sentidos, não haveria cousa que não fizesse, nem curiosidade que não sahisse das minhas mãos, especialmente jaulas e palitos de dentes. » « A este tempo chamaram á porta, e perguntando quem chamava, respondeu Sancho Pança que era elle; e apenas a ama o conheceu correu a esconder-se para não o ver, tanto o aborrecia. A sobrinha abriu-lhe a porta, e sahiu a recebê-lo com os braços abertos o seu senhor D. Quixote, fechando-se os dois no seu aposento, onde tiveram outro colloquio.

Apenas a ama viu que Sancho Pança se fe-

chava com o seu senhor, tratou de imaginar mil cousas e entre ellas qued'aquella consulta havia de sahir a resolução da sua terceira sahida; e pegando na capa, toda cheia de tormentos, foi procurar o bacharel Samsão Carrasco, parecendo-lhe que por ser esperto e amigo recente do seu senhor o poderia persuadir a deixar tão desvairado proposito. Encontrou-o passeando pelo pateo da casa, e vendo-o deixou-se cair ante seus pés humilde e queixosa. Quando Carrasco a viu com ares tão dolorosos disse-lhe sobresaltado : « Que é isto, senhora ama? O que é que aconteceu, que parece que se lhe quer arrancar a alma? » « Não é nada, senhor Samsão, senão que meu amo sahe, sahe sem duvida alguma. » « E por onde sahe, senhora? perguntou Samsão ; — rompeu-se-lhe alguma parte do corpo. » « Não sahe — respondeu ella — senão pela porta da sua loucura : quero dizer, senhor bacharel da minha alma, que quer sahir outra vez, e com esta será a terceira, a buscar por esse mundo o que elle chama venturas, e que eu não posso comprehender como elle lhe dá este nome. A primeira vez nol-o devolveram atravessado n'um

jumento moido de pancadas ; a segunda vinha n'um carro de bois encerrado n'uma jaula, onde elle julgava estar encantado ; e vinha em tal estado que não o conheceria a mãe que o deu á luz, fraco, amarello, os olhos encovados nos ultimos torecans do cerebro, que para fazel-o voltar a si, gastei mais, de seiscentos ovos, como Deus e todo o mundo o sabem, e as minhas gallinhas que me não deixam mentir. » « Isso acredito eu bem, — respondeu o bacharel — que ellas são tão boas, tão gordas e tão bem criadas, que não dizem uma coisa por outra sem reben-tarem. Com effeito, senhora ama, não succede realmente mais nada senão o receio da sahida que quer fazer o senhor D. Quixote? « Não, senhor », respondeu ella. « Nada tema, — respondeu o bacharel — vá em boa hora para casa, e tenha-me arranjado para o almoço alguma coisa quente, que eu lá vou já. »

Durante o tempo que estiveram encerrados D. Quixote e Sancho, passaram-se os factos que com toda a exactidão se contam. Disse Sancho ao seu amo : « Senhor, já tenho minha mulher resolvida a deixar-me ir com Vossa Mercê aonde quizer levar-me. » « E que te disse The-

reza? — perguntou D. Quixote. « Thereza disse, respondeu Sancho — que ligue bem o meu dedo com o seu, que antes que cases vê o que fazes, que mais vale um passaro na mão que dois a voar; » e eu digo que o conselho da mulher é pouco, e quem o toma mais louco é. » « E eu tambem o digo — respondeu D. Quixote. — Decide, Sancho amigo; passa adiante, que hoje fallas com acerto. » « É o caso — replicou Sancho — que como Vossa Mercê sabe melhor, todos estamos sujeitos á morte, o que somos hoje e o que podemos ser amanhã, e tão depressa se vaé o cordeiro como o carneiro, e que ninguem póde dar-se n'este mundo mais horas de vida do que as que Deus lhe quizer dar; porque a morte é surda e quando chega a chamar ás portas da nossa vida vem sempre depressa, e não a fazem deter nem rogos, nem forças, nem sceptros, nem mitras, segundo é voz publica por todos esses pulpitos. » « Tudo isso é verdade — disse D. Quixote — porém não sei onde vaes parar. » « Vou parar — disse Sancho — em que Vossa Mercê me estipule um salario em cada mez do tempo que o servir, e que o tal salario me seja

pago da sua propriedade, que não quero estar á mercê, que chega tarde, mal ou nunca: com o meu me Deus ajude. Emfim, eu quero saber o que ganho, pouco ou muito que seja: grão a grão enche a gallinha o papo, e muitos poucos fazem muito, e em quanto se ganha alguma cousa não se pede nada. » « Ouve, Sancho, eu bem te indicaria salario se tivesse encontrado em alguma das historias, dos cavalleiros andantes, exemplo que me descobrisse e mostrasse por alguma pequena indicação quanto ganhavam os seus escudeiros cada mez ou cada anno; mas eu li todas ou a maior parte d'essas historias, e não me recordo ter visto que cavalleiro algum estipulasse salario ao seu escudeiro: só sei que todos serviam á mercê; e que quando menos pensavam, se aos seus senhores lhes corria boa sorte, achavam-se premiados com uma ilha ou com outra cousa equivalente, ou pelo menos ficavam com titulo e senhoria; se com estas esperanças, tu, Sancho, gostas de voltar a servir-me, seja em boa hora. Assim pois, Sancho, volta a tua casa e declara á tua Thereza a minha intenção; e se ella gostar, e tu gostares de estar á mercê commigo

muito bem ; e se não, amigos como antes. » Quando Sancho ouviu a firme resolução de seu amo, toldou-se-lhe o céu e caiu-lhe a alma aos pés ; porque julgava que o seu senhor não se iria sem elle por cousa nenhuma do mundo ; e quando estava assim pensativo, entrou Samsão Carrasco, a ama e a sobrinha, desejosos todos de ouvir como persuadiria seu senhor para não sahir em busca de aventuras.

Chegou Samsão, grande pandego, e abraçando-o como da primeira vez, disse-lhe em voz alta : « Eia, senhor D. Quixote, formoso e bravo, antes hoje que amanhã se ponha Vossa Mercê a caminho ; e se lhe faltar alguma cousa para o pôr em execução, estou eu aqui para suppril-a com a minha pessoa e bens ; se fôr necessario servir a sua magnificencia de escudeiro, terei o maior gosto. » A estas fallas, disse D. Quixote, voltando-se para Sancho : « Não te disse eu, Sancho, que me haviam de sobrar escudeiros ? Olha quem se offerece sel-o, o inaudito bacharel Samsão Carrasco, grande sabio das escolas salmaticenses, são da sua pessoa, agil dos seus membros, calado, soffredor tanto do calor

como do frio, da fome e da sede, com tudo o que se requer para ser escudeiro d'um cavalleiro andante; porém queira Deus que para seguir o meu gosto quebre a columna-das lettras e o vaso das sciencias: fique o joven Samsão na sua patria e honrando-a honre juntamente ascans de seus antepassados, que eu com qualquer escudeiro estarei contente, já que Sancho não se digna vir commigo.»

«Digno-me sim — respondeu Sancho enternecido e cheio de lagrimas: — de mim não se dirá, senhor meu, comida feita companhia desfeita; sim, porque não sou um ingrato, e já sabe todo o mundo, especialmente os da minha terra, quem foram os Panças de quem descendo, demais tenho conhecido por muitas e boas obras e por melhores palavras, o desejo que Vossa Mercê tem de fazer-me mercê, e se me quiz arranjar por causa do salario, foi para ser condescendente com minha mulher, a qual quando lhe dá para querer persuadir alguém não ha quem lhe chegue. Mas com effeito, o homem ha-de ser homem e a mulher mulher; e eu que não posso negar que sou homem em qualquer parte, tambem o quero ser em

minha casa, peze a quem pezar, e assim não resta mais que fazer senão Vossa Mercê ordenar o seu testamento com o seu codicillo, e eu de novo me offereço a servir Vossa Mercê fiel e legalmente, tão bem e melhor que quantos escudeiros têm servido a cavalleiros andantes nos tempos passados e presentes. »

N'aquelles tres dias Sancho aplacou a sua mulher, e D. Quixote, a sua sobrinha e sua ama; e ao anoitecer do terceiro dia, sem que ninguem os visse senão o bacharel que os acompanhou meia legua, pozeram-se a caminho de Toboso : D. Quixote sobre o seu bom Rocinante, e Sancho sobre o seu antigo rucinho, providas as alforjas de cousas necessarias, e a bolsa de dinheiros que lhe deu D. Quixote para o que se offerecesse. Samsão supplicou-lhe que o avisasse da sua boa ou má sorte, como o pedia a sua amizade. D. Quixote assim o prometteu. Samsão voltou para o sitio d'onde partira, e os dois seguiram para a grande cidade de Toboso.

CAPITULO V

Samsão voltara costas, quando D. Quixote disse : « Sancho amigo, com o andar vai-se chegando a noite e mais densa do que devia ser para alcançarmos avistar com dia Toboso, onde determinei ir antes que me appareça outra aventura, e ali tomarei a benção e a licença da sem igual Dulcinêa, com a qual tenho por certo triumphar de qualquer perigosa aventura, porque nada na vida faz mais valentes cavalleiros andantes, que ver-se favorecido das suas damas. » « Eu assim o julgo — respondeu Sancho ; — porém tenho como difficil que Vossa Mercê possa fallar-lhe ou vê-la em sitio pelo menos onde ella o possa abençoar, senão dentro das grades do curral, onde a vi pela primeira vez, quando lhe levei a carta com novas das suas tolices e loucuras, e Vossa Mercê ficou em Serra

Morena fazendo oração. » « Grades de curral é imaginação tua, Sancho, — disse D. Quixote — onde viste essa gentileza e formosura, deviam ser galerias, corredores, ou qualquer outra cousa, de ricos palacios reaes. » « Póde bem ser tudo isso — respondeu Sancho, mas a mim pareceram-me grades, ou então estou sem memoria. » « Com tudo isso vamos lá, Sancho » replicou D. Quixote; e no dia seguinte ao anoitecer des cobriram a grande cidade de Toboso, com cuja vista se alegraram os espiritos de D. Quixote, e entristeceram os de Sancho, porque não sabia onde era a casa de Dulcinêa, nem nunca na sua vida a vira como a vira o seu senhor, de modo que um para vê-la e outro por a não ter visto estavam alvorotados, e Sancho não sabia o que havia de fazer quando o seu amo o mandasse a Toboso. Finalmente D. Quixote ordenou a entrada na cidade ao anoitecer, e em quanto não chegava a hora deixaram-se ficar nas cercanias de Toboso, entrando depois na cidade onde lhes succederam cousas espantosas.

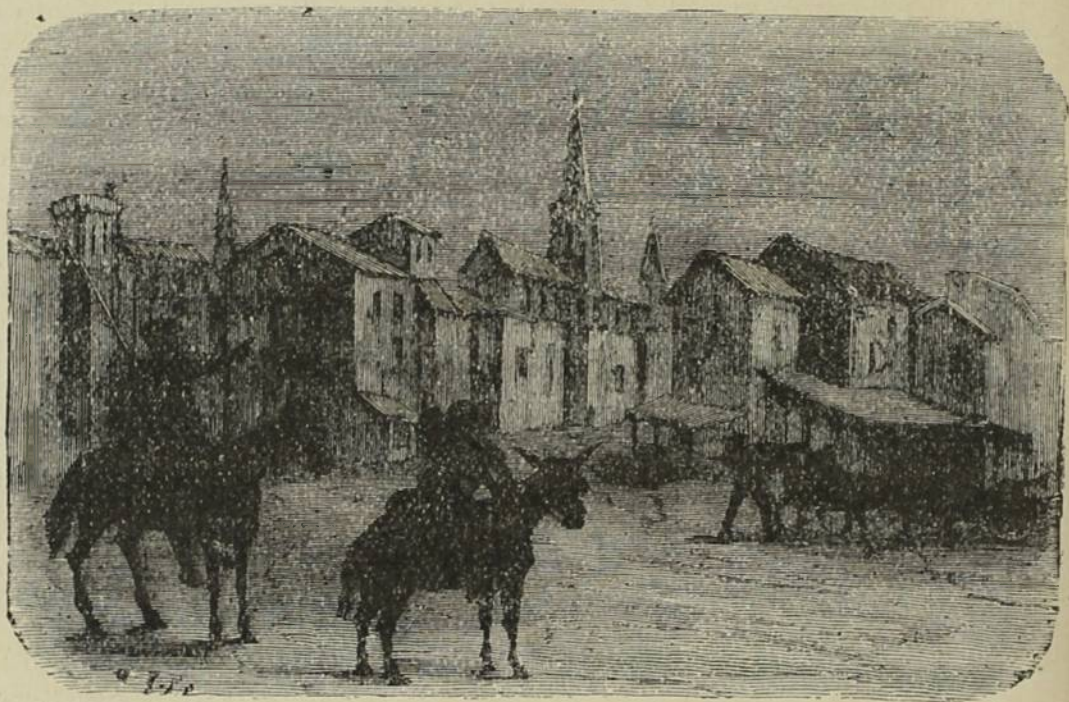
Era meia noite em ponto, quando D. Quixote e Sancho deixaram o monte e entraram em

Toboso. Estavam os habitantes n'um profundo silencio, de perna estendida, como costuma dizer-se. Havia uma certa claridade na noite, embora Sancho a quizesse escura de todo, por achar na escuridão desculpa á sua mandria. No sitio apenas se ouviam latidos de cães, que atordoavam os ouvidos de D. Quixote e perturbavam o coração de Sancho. De quando em quando zurrava um jumento, grunhiam porcos, miavam gatos, cujos differentes sons augmentavam com o silencio da noite : tudo o que o enamorado cavalleiro teve como mau agouro ; mas comtudo isto disse a Sancho : « Meu filho Sancho, guia-me ao palacio da Dulcinêa ; é possivel que a encontremos acordada. » « A que palacio tenho que guiar — perguntou Sancho — que aquelle em que eu vi a sua amada era apenas uma casa muito pequena. » « Devia então estar retirada — respondeu D. Quixote — em algum pequeno aposento do alcacer, com as suas donzellas, como é uso e costume das grandes senhoras e princezas. » « Senhor, — disse Sancho — já que Vossa Mercê quer, com pezar meu, que seja palacio a casa da senhora Dulcinêa, é isto por ventura hora de achar a porta

aberta? E está bem que se faça ruido para que nos ouçam e nos abram, pondo em movimento toda a gente?» « Procuremos primeiro o palacio — replicou D. Quixote — que depois te direi, Sancho, o que devemos fazer; e previno-te que, ou vejo pouco ou aquelle grande vulto e sombra, que se vê d'aqui, deve ser o palacio de Dulcinêa. » « Pois guie Vossa Mercê — respondeu Sancho — oxalá assim fosse, e não o acreditarei como acredito que agora é dia, senão quando lhe toque com as mãos e o veja com os olhos. » D. Quixote encaminhou, e tendo andado duzentos passos deu com o vulto que fazia a sombra, e viu uma grande torre, conhecendo logo que o edificio não era palacio, mas sim a igreja principal da terra; e disse: « Com a igreja démos nós, Sancho. » « Bem o vejo, e seja Deus servido não darmos com a nossa sepultura; que não é bom signal andar pelos cemiterios a taes horas, e demais tendo eu dito a Vossa Mercê, se bem me lembro, que a casa d'essa senhora deve estar n'um becco sem sahida. » « Deus te maldiga ente capto — disse D. Quixote: — onde é que viste palacios e paços reaes

edificados em beccos sem sahida ? » « Senhor — respondeu Sancho — em cada terra o seu uso ; é possível que seja costume aqui em Toboso edificar em beccos os palacios e edificios grandes ; e assim supplico a Vossa Marcê me deixe procurar por estas ruas ou beccos que se me apresentem : é possível que em algum canto tope com esse palacio, que o veja eu comido por cães, já que nos traz assim tão apoquentados. » « Falla com respeito, Sancho, das cousas da minha senhora — disse D. Quixote, — e que a festa corra bem. » « Tomarei cuidado — respondeu Sancho ; — mas com que paciencia poderei levar que Vossa Marcê queira que uma só vez que vi a casa da nossa ama, a saiba sempre encontral-a á meia noite, não a encontrando Vossa Mercê que a deve ter visto milhares de vezes ? » « Tu has de fazer-me desesperar, Sancho — disse D. Quixote. — Vem cá hereje, não te disse mil vezes que nunca em dias da minha vida vi a sem igual Dulcinêa, nem jamais atravessei os humbraes do seu palacio, e que apenas estou enamorado da grande fama que tem de formosa e discreta ? » « Ouço-o agora — respondeu Sancho, — e digo, que se

Vossa Mercê não a viu, eu também não. » Estando os dois n'esta conversa viram que passava por o sitio onde se achavam um homem com duas mulas, que, pelo ruido que o solo fazia, julgaram ser um lavrador que ma-



drugara para ir á sua lavoura; e assim era.

O lavrador vinha cantarolando uma romança, que terminava com : a casa de Roncesvalles. « Que me matem, Sancho — disse ao ouvil-o D. Quixote — se nos succede cousa boa esta noite. Não ouves o que vem cantando esse vilão ? » « Ouço sim — respondeu Sancho — mas que nos importa o

que elle canta ? Podia muito bem cantar a romança de Calanios, que era a mesma cousa para nos succeder bom ou mau negocio. » N'isto chegou o lavrador, a quem D. Quixote perguntou : « Sabes dizer-me, bom amigo, onde são por aqui os palacios da nunca igualada princeza Dona Dulcinêa de Toboso ? » « Senhor — respondeu o lavrador — eu sou forasteiro, e ha poucos dias que estou servindo n'esta terra um lavrador rico na lavoura do campo; n'esta casa da frente vivem o cura e o sachristão: um d'elles deve saber dizer a Vossa Mercê onde mora essa senhora princeza porque tem a lista de todos os habitantes de Toboso, embora me pareça a mim que em todo elle não vive nenhuma princeza; muitas senhoras sim, que cada uma na sua casa póde ser princeza. » « Pois entre essas — disse D. Quixote — deve estar, amigo, aquella por quem pergunto. » Póde ser — respondeu o moço — e adeus, que já rompe o dia; » e batendo nas mulas, não esperou por mais perguntas. Sancho, que viu o seu senhor pensativo, e pouco contente, disse-lhe: « Senhor, já faz bastante dia, e não será acertado deixar que o sol nos apa-

nhe na rua ; será melhor irmos para fóra da cidade e que Vossa Mercê se embosque em qualquer floresta perto, e eu voltarei de dia e não deixarei cantoalgum onde não procure a casa ou palacio da minha senhora ; e muito infeliz seria se a não encontrasse ; encontrando-a, fallarei com Sua Mercê, e lhe direi como e onde está Vossa Mercê aguardando e que lhe dê ordem para a vir ver sem perigo para a sua honra e fama. » « Disseste, Sancho — observou D. Quixote — mil sentenças em poucas palavras : o que agora me aconselhaste assim o desejo e acceito da melhor boa vontade ; vem, filho, e vamos procurar onde me occulte. E a duas milhas do sitio encontraram uma floresta onde D. Quixote se emboscou emquanto Sancho voltava á cidade para fallar á Dulcinêa, em cuja embaixada lhe succederam cousas que pedem attenção e merecem credito.

Chegando o autor d'esta grande historia a contar o que descreve este capitulo diz que assim que D. Quixote se emboscou na floresta, mandou Sancho voltar á cidade e que não voltasse á sua presença sem primeiro ter fallado da sua parte á sua senhora, pedindo-lhe

fosse servida deixar-se ver pelo seu captivo cavalleiro, e se dignasse deitar-lhe a sua benção para que podesse esperar por ella felicissimos successos de todos os acontecimentos e arriscadas emprezas. « Vê amigo — disse-lhe — e que te guie outram melhor sorte que a minha e que melhor seja o teu successo do que a amarga solidão em que me deixas. » « Eu irei e voltarei promptamente — disse Sancho — e retenha Vossa Mercê esse seu coraçãozinho que o não deve ter maior do que uma avellã. » Dito isto, Sancho voltou costas, deu com as esporas no burro, e quando perdeu D. Quixote de vista, apeou-se do jumento, e sentando-se ao pé d'uma arvore começou a fallar consigo mesmo, acabando por dizer: « Todas as cousas têm remedio menos a morte, e a todos ha-de chegar o seu dia quando menos pense. Este meu amo por mil cousas que vi é um louco para camisa de forças, se bem que eu não lhe fique atraz, pois sou mais ente capto do que elle, pois sigo-o e sirvo-o, se é verdade o refrem que diz: diz-me com quem andas, te direi quem és; e o outro: diz-me com quem lidas, te direias manhas que tens. Sendo, pois, louco como é, e de loucura que as mais

vezes toma umas cousas por outras, tendo o branco por negro e o negro por branco, como lhe pareceu quando disse que os moinhos de vento eram gigantes, e as mulas dos religiosos dromedarios, e as manadas de carneiros exercitos de inimigos, e muitas outras cousas por este estylo, não será muito difficil fazel-o acreditar que uma lavradora, a primeira com quem topar por aqui, é a senhora Dulcinêa; e quando elle não o acredite, jurarei e tornarei a jurar; e se porfiar, eu porfiarei mais, de maneira que fique sempre por cima, dê por onde der; e com esta porfia espero conseguir que não me envie outra vez com mensagens d'estas vendo quão mal me tiro d'ellas; ou talvez pensará, como eu imagino, que algum mal encantador d'esses que elle diz que lhe querem mal, lhe terá mudado de cara por causar-lhe mal e damno.

Com isto, que Sancho Pança pensou, socce-gou-lhe o espirito, e teve por bem acabado o seu negocio, demorando-se ali até de tarde para dar logar a que D. Quixote pensasse que elle fôra a Toboso; e succedeu-lhe tudo tão bem, que quando se levantou para subir para o jumento, viu do sitio onde estava que vinham de To-

boso tres lavradoras sobre tres burros ou burras, que o autor não declara, se bem que mais depressa fossem burras, por ser muito ordinaria a cavallaria aldeã. Resumindo, tão depressa Sancho viu as lavradoras, voltou apressadamente para junto de D. Quixote. Este logo que o viu, disse-lhe: « Que ha, Sancho amigo? Poderei assignalar este dia com pedra branca ou negra? » « Será melhor — respondeu Sancho — que Vossa Mercê o assignale com almagre. » « D'esse modo — replicou D. Quixote — trazes boas novas. » « Tão boas — respondeu Sancho — que Vossa Mercê não tem mais que fazer senão picar o Rocinante e sahir para ver a Dulcinêa de Toboso que vem com outras donzellas a visitar Vossa Mercê. » « Santo Deus! que dizes, Sancho amigo? — exclama D. Quixote. — Olha não me enganes, nem queiras com falsas alegrias alegrar as minhas verdadeiras tristezas. » « Que ganharia em enganar Vossa Mercê — respondeu Sancho — e demais podendo Vossa Mercê bem depressa descobrir a verdade? Pique, senhor, e venha, e verá vir a princeza nossa ama, vestida e adornada, emfim, como ella é. Ama e donzellas são um mar d'ouro,

todas cheias de perolas, rubis, etc.; os cabellos soltos pelas costas abaixo que são outros tantos raios de sol, e sobre tudo vêm a cavallo sobre uns animaes nunca vistos. São as mais galantes senhoras que se póde imaginar, especialmente a senhora Dulcinêa, minha ama, que nos deixa pasmados. » « Vamos, Sancho filho, — respondeu D. Quixote — e como alviçaras d'estas boas novas dar-te-hei o melhor despojo que ganhar na primeira aventura que tiver; e se isto não te contenta, mando-te as crias que este anno me derem as tres eguas que tu sabes. » « Pelas crias opto eu — disse Sancho — porque de serem bons os despojos da primeira aventura não estou muito certo. »

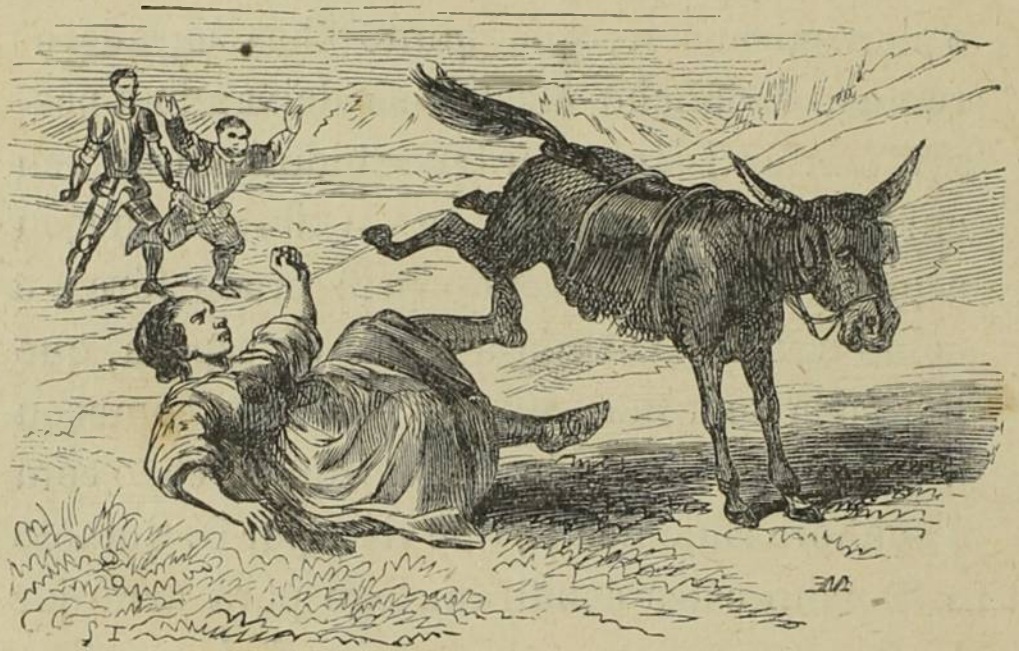
N'isto sahiram da selva e descobriram perto as tres aldeãs. D. Quixote olhou por todo o caminho de Toboso, e como não viu senão as tres lavradoras, turvou-se todo, e perguntou a Sancho se as tinha deixado fóra da cidade. « Como, fóra da cidade? — respondeu Sancho — como tem Vossa Mercê os olhos, que não vê que são estas que aqui vêm resplandecentes como o sol do meio dia? » « Eu não vejo, Sancho — disse D. Quixote — senão tres la-

vradoras sobre tres burros. » « Agora salve-me Deus ou o diabo — disse Sancho — será possível que tres animaes como esses, brancos como a neve, lhe pareçam a Vossa Mercê burros? Que Deus me tire estas barbas se isto não é a verdade. » « Pois eu te digo, Sancho amigo — disse D. Quixote — que é tão verdade que são burros ou burras, como eu sou D. Quixote e tu Sancho Pança; pelo menos a mim assim me parecem. » « Cale-se, senhor — disse Sancho — não diga tal palavra, senão abra-me esses olhos e venha fazer reverencia á senhora dos seus pensamentos que se aproxima » — E dizendo isto, adiantou-se para receber as tres aldeãs, e apeando-se do jumento segurou pelo cabresto o burro d'uma das tres lavradoras, e ficando os dois joelhos em terra, disse : « Rainha, princeza e duqueza da formosura, vossa altivez e grandeza seja servida receber em sua graça o vosso captivo cavalleiro, que está ali feito de pedra ou marmore, todo perturbado e sem pulsos por ver-se ante a vossa magnifica presença. Eu sou Sancho Pança, seu escudeiro e elle o destemido cavalleiro D. Quixote de la Mancha, por outro nome o *Cavalleiro da Triste Figura*. »

A este palavreado todo, já D. Quixote se collocara junto de Sancho, e olhava com olhos desmesuradamente abertos e a vista torvada aquella que Sancho chamava rainha e senhora; e como não descobria n'ella senão uma moça aldeã e não de muito bello rosto, porque era de cara redonda e chata, estava suspenso e admirado, sem ousar despregar os labios. As lavradoras estavam attonitas vendo aquelles dois homens tão differentes postos de joelhos, que não deixavam passar para diante a sua companheira; mas rompendo o silencio a prisioneira disse com ar muito desengraçado: « Afastem-se do caminho e deixem-nos passar; que vamos com pressa. » Ao que Sancho respondeu: « Oh princeza e senhora universal do Toboso! como o vosso magnanimo coração não se enternece vendo ajoelhado ante a vossa sublime presença o mais nobre dos cavalleiros? » Ouvindo isto, disse uma d'ellas: « Olhem agora estes fidalgotes que se vêm divertir com as camponezas, como se aqui não soubessemos mangar com elles; sigam o seu caminho e deixem-nos seguir o nosso que será melhor. » « Levanta-te, Sancho — disse n'este ponto D. Quixote — já vejo que é

sempre a desdita que me persegue e que me amesquinha a pobre alma. E tu, oh boa, oh adorada, rainha da gentileza, não deixes de olhar-me amorosamente, não deixes de ver que no meu ajoelhar existe a humildade com que a minha alma te adora. » « Lá que me gabem — respondeu a aldeã — gosto eu. Afastem-se e deixem-nos ir, que muito lhes agradeceremos. » Sancho afastou-se deixando-a passar, contentissimo por ter sahido bem do seu enredo. A aldeã apenas se viu livre, começou a picar o burro correndo pelo prado fóra; e como o animal sentia a ponta da espora, que lhe fazia doer mais que de costume, começou a dar pulos, de modo que atirou ao chão com a senhora Dulcinêa; o que visto por D. Quixote e Sancho estes acudiram logo para arranjar a albarda que estava na barriga do burro. Arranjada, pois, a albarda, e querendo D. Quixote levantar a sua encantada senhora nos braços para a pôr sobre o jumento, a aldeã levantou-se evitando-lhe aquelle trabalho, e montada como um homem seguiu a jornada, dizendo Sancho; « Viva Roque, que esta nossa ama é mais leve que o algodão: agora sem esporas faz correr o animal como uma zebra,

e as suas donzellas não lhe ficam atraz, pois todas correm como o vento. » E assim era verdade, pois logo que Dulcinêa se viu de novo a cavallo, as outras picaram e desapareceram a correr. D. Quixote seguiu-as com a vista, e quando as viu desaparecer, fallou



com Sancho sobre o desprezado que era dos encantadores. O endiabrado de Sancho dissimulava o riso ouvindo as sandices do seu amo enganado tão delicadamente. Depois de muita conversa que se passou entre elles, tornaram a subir para os seus cavallos e seguiram seu caminho.

CAPITULO VI

Cavalleiro e escudeiro caminhavam silenciosos; porém D. Quixote assaz moido, pensando na sua desventura e nos perfidos encantadores que tinham encantado a Dulcinêa, convertendo-a de gentil princeza em aldeã e camponeza ignorante. E estes pensamentos punham-no tão fóra de si, que Sancho Pança teve que dizer-lhe: « Senhor, as tristezas não se fizeram para os animaes, mas sim para os homens; porém se os homens as sentem demasiado, tornam-se animaes. Vossa Mercê que volte a si, pegue nas redeas de Rocinante, avive e desperte, e mostre aquella galhardia que convem que tenham os cavalleiros andantes. » Que diabo é isto? Que des fallecimento é este? Estamos aqui ou em França? Que leve o diabo quantas Dulcinêas ha no mundo, pois vale mais a saude d'um só cavalleiro an-

dante, que todos os encantos e transformações da terra. » « Cala-te, Sancho — respondeu D. Quixote com voz muito desmaiada; — cala-te, repito, e não digas blasfemias contra aquella senhora encantada, que eu sou 'o unico culpado da sua desgraça e desventura: da inveja que me têm nasceu esta pouca sorte. » « O mesmo digo eu — respondeu Sancho: — quem a viu e quem a vê agora, qual é o coração que não chora? »

.

A jornada não se passou sem torpeços; porém este livro não tem proporções que bastem para conter as innumeraveis aventuras e os grandes desatinos do valoroso cavalleiro errante, nem a ousadia do mais pacifico e manso dos escudeiros. O autor relata detalhadamente as originaes fantasias do amo, os extraordinarios contos do escudeiro, as aventuras que succederam; porém nós contentar-nos-hemos em indicar algumas, por não dispormos de mais espaço.

Uma noite estavam D. Quixote e Sancho sentados sobre a herva discutindo renhidamente; a noite estava já muito adiantada, quando Sancho lhe deu vontade de fechar

as palpebras, como elle dizia quando queria dormir, e desalbardando o jumento lhe deu pasto abundante e livre. Sem tirar a silha a Rocinante, deu-lhe a mesma liberdade que ao jumento, cuja amizade com Rocinante foi tão unida, que o autor d'esta historia escreve que assim que os dois animaes se enroscavam Rocinante cruzava o pescoço sobre o do jumento e olhando os dois attentamente o chão ficavam n'aquella posição tres dias. Digo, que dizem, que Sancho adormeceu, e D. Quixote dormitou; porém passara pouco tempo quando os despertou um ruido atraz das suas costas e levantando-se em sobresalto poz-se a olhar e a escutar donde vinha o ruido, e viu que eram homens a cavallo, e que um, deixando-se cair da sella, disse ao outro : « Apeia-te, amigo, e tira o freio ao teu cavallo, porque ao que me parece este sitio abunda de herva para elles, e esta solidão dá larga aos meus pensamentos amorosos. » Dizer isto e pôr-se no chão foi obra d'um momento, e ao descer fizeram ruido as armas de que vinha armado, manifesto signal pelo qual D. Quixote conheceu que devia ser cavalleiro nandate; e chegando-se a Sancho, que

dormia, agarrou-o pelo braço, e com não pouco trabalho o acordou, dizendo-lhe em voz baixa : « Irmão Sancho, temos aventura. » « Deus nol-a dê boa — respondeu Sancho ; — e onde está essa senhora aventura ? — Aonde ? Sancho — replicou D. Quixote — volta os olhos e olha ; » e mostrou-lhe o cavalleiro andante, o qual depois de ter cantado ao som d'uma viola, com voz dolente, disse : « Oh, a mais formosa e a mais ingrata mulher do universo ! Como ! será possível, senerissima Casildea de Vandalia, que consintas que se consumma e acabe em continuas peregrinações e em asperos e duros trabalhos este teu captivo cavalleiro ? Não basta já o que fiz, que fosses tida por a mais formosa do mundo por todos os cavalleiros de Navarra, todos os Leonezes, todos os Castelhanos e finalmente todos os cavalleiros da Mancha ? » « Isso não — protestou D. Quixote — que eu sou da Mancha, e nunca ta confessei, nem podia nem devia confessar uma cousa tão prejudicial á belleza da minha senhora ; e este tal cavalleiro, já tu vês, Sancho, que diz tolices. » O cavalleiro do Bosque ouviu que fallavam perto d'elle, e sem ir para diante com a sua lamentação poz-se de

pé, e disse com voz sonora e comedida :
« Quem vem lá? que gente? fazeis parte do
numero dos contentes ou dos afflictos? »
« Dos afflictos », respondeu D. Quixote. « Pois
chegue-se a mim — respondeu o do Bosque —



e farei de conta que se chega á mesma tristeza
e afflicção. » D. Quixote, que viu ser respon-
dido tão terna e comedidamente, chegou-se a
elle, e Sancho imitou-o. O escudeiro do caval-
leiro do Bosque pegou no braço de Sancho
dizendo-lhe : « Vamos os dois para sitio onde

possamos conversar escudeiramente tudo quanto quizermos, e deixemos os senhores a contarem os seus amores, e ainda ha-de fazer dia sem elles terem acabado de conversar. » « Seja em boa hora — replicou Sancho — e eu direi a Vossemecê quem sou. » Com isto se afastaram os dois escudeiros, entre os quaes se passou um tão gracioso colloquio, como foi grave o que se passou entre os seus senhores.

Escudeiros e cavalleiros achavam-se separados, aquelles contando a sua vida e estes os seus amores; porém a historia conta primeiro a conversa dos moços, e logo depois a dos amos, e assim diz que, afastando-se um pouco d'elles, o do Bosque disse a Sancho : « Trabalhosa vida é a que passamos e vivemos, senhor meu, nós os escudeiros de cavalleiros andantes; é bem verdade que comemos o pão do suor do nosso rosto, que é uma das maldições que Deus deitou sobre os nossos pais. » « Tambem se póde dizer — accudiu Sancho — que o comemos no gelo do nosso corpo, porque quem soffre mais calor e mais frio que os miseraveis escudeiros da cavallaria andante? E devemo-nos dar por con-

tentes se comemos, pois ha dias que nem se quebra o jejum. » « Tudo isso se póde supportar — disse o do Bosque — com a esperanza que temos do premio; porque se o cavalleiro andante que o escudeiro serve não é muito desgraçado, em pouco tempo será premiado com um bom governo de qual-quer ilha, ou um razoavel condado. » « Eu — replicou Sancho — já disse ao meu amo que me contento com o governo de qual-quer ilha; e elle é tão nobre e tão liberal que me prometteu muitas e varias vezes. » « Eu — disse o do Bosque — ficarei satisfeito com um canonicato, e isso já o meu amo me prometteu... Porém julgo melhor seria que os que isto professam se retirassem para as suas casas, e ali estariamos entretidos em exercicios mais suaves, como se dissessemos caçando e pescando, pois qual é o escudeiro tão pobre a quem falte um jumento, e um par de galgos, e uma cana para pescar? »

« A mim nada d'isso me falta — respondeu Sancho; — verdade é que não tenho jumento, porém tenho um burro que vale duas vezes mais que o cavallo do meu amo: má paschoa me dê Deus e que seja a primei-

ra a vir, se o trocava, mesmo que me dessem por cima quatro moios de cevada. » « Digo-lhe realmente senhor escudeiro, — respondeu o do Bosque — que tenho determinado deixar esta historia de cavalleiros, e retirar-me para a minha aldeia, criar os meus filhos, que tenho tres como tres perolas orientaes. » « Dois tenho eu — disse Sancho — que se podem apresentar ao Papa em pessoa, especialmente uma rapariga a quem crio para condessa, se Deus fôr servido, se bem que com pezar de minha mulher. E para a fazer mudar, rogo eu a Deus me tire d'este peccado mortal, que será o mesmo que tirar-me d'este perigoso officio de escudeiro, no qual incorri segunda vez, fascinado e enganado por uma bolsa com cem escudos que encontrei um dia em Serra Morena, e que o diabo me põe diante dos olhos aqui, ali, acolá, que me parece que a cada passo lhe toco com a mão, e me abraço com ella e a levo para minha casa, e faço castellos que vivo como um principe; e no momento que penso n'isto parecem-me faceis os trabalhos que levo com o ente capto do meu amo, que sei que tem mais de louco que de cavalleiro. » Por

isso — respondeu o do Bosque — o que dizem é bem verdade. » « E a proposito dos nossos amos, diga-me : o seu está enamorado de...? » « Sim — disse o do Bosque — d'uma tal Casildêa de Vandalia, a mais crua senhora que o universo comporta. » « Não ha ninguem que não tenha o seu defeito — replicou Sancho — mas voltando á vacca fria ; diz-se que ter companheiros nos trabalhos serve de allivio, com Vossemecê posso consolar-me, pois serve a outro amo tão tonto como o meu. » « Tonto, mas valente — respondeu o do Bosque — e mais velhaco que tonto e que valente. » « Isso não é o meu — respondeu Sancho : — digo que não tem nada de velhaco ; é pelo contrario, uma boa alma ; não sabe fazer mal a ninguem, nem tem nenhuma malicia : uma criança é capaz de o convencer que é noite ao meio dia, e por esta simplicidade o estimo como ao meu coração e não me resolvo a deixal-o por mais disparates que faça. » « Com tudo isso, irmão e senhor — disse o do Bosque — se o cego guia o cego, ambos vão cair no perigo. É melhor sabirmos a tempo, do que andarmos em busca de aventuras que nem sempre sahem boas. »

O do Bosque tirou dos alforjes do burro uma empada do tamanho de dois palmos e uma cabaça de vinho. Sancho comeu e bebeu, sem fazer-se rogar, continuando a conversa até a cabaça estar vazia, e a mascarem adormeceram os dois escudeiros.

Entre muitas cousas que se passaram com D. Quixote e o cavalleiro do Bosque, diz a historia que este ultimo disse a D. Quixote : « Finalmente, senhor cavalleiro, quero que saibeis que me destino, ou para melhor dizer, fui eleito para enamorar a sem par Casildêa de Vandalia que pagou os meus amorosos pensamentos e comedidos desejos em fazer-me occupar, como sua madrinha a Hercules, em muitos e diversos perigos, promettendo-me no fim de cada um que no fim do outro chegaria o da minha esperanza ; porém assim andaram os meus trabalhos que não têm conta, nem eu sei qual ha-de ser o ultimo que dê principio ao fim dos meus desejos. Ultimamente mandou-me percorrer todas as provincias de Hespanha e fazer confessar a todos os cavalleiros andantes que por ella penarem, que é a mais formosa de quantas existem, e que eu sou o mais valente e mais

enamorado cavalleiro do universo ; em cuja demanda andei a maior parte de Hespanha, e n'ella venci muitos cavalleiros que se atreveram a contradizer-me ; porém do que me ufano mais é de ter vencido em singular batalha aquelle tão famoso cavalleiro D. Quixote de la Mancha, e tel-o feito confessar que a minha Casildêa é mais formosa que a sua Dulcinêa ; e só com isto faço de conta ter vencido todos os cavalleiros do mundo, porque o tal D. Quixote de quem fallo venceu-os a todos.

D. Quixote ficou admirado de ouvir o cavalleiro do Bosque, e esteve mil vezes tentado a dizer-lhe que mentia, e teve o *mentis* na ponta da lingua ; porém susteve-se o melhor que poude para fazel-o confessar pela sua propria bôca a sua mentira, e assim disse-lhe socegradamente : « Que Vossa Mercê, senhor cavalleiro, tenha vencido os mais cavalleiros andantes de Hespanha e mesmo de todo o mundo, não digo que não ; mas que tenha vencido D. Quixote, ponho eu duvida. » « Como não ? — replicou o do Bosque ; — Pelo céu que nos cobre que pelejei com D. Quixote e o venci ! E' um homem alto magro de

corpo, tenebroso de cara, nariz aquilino e um tanto curvado, grandes bigodes pretos e caídos : campeia debaixo do nome de *Cavalleiro da Triste Figura*, e traz por escudeiro um lavrador chamado Sancho Pança ; monta um cavallo chamado Rocinante e, finalmente, tem por senhora da sua vontade uma tal Dulcinêa do Toboso, chamada em tempos Aldonza Lourenço, como a minha, que por chamar-se Casildêa e ser da Andaluzia, eu a chamo Casildêa de Vandalia. Se todos estes attestados não bastam para me acreditar, aqui está a minha espada que a fará dar credito á mesma incredulidade. » « Socegai, senhor cavalleiro — disse D. Quixote — e escutai o que vos quero dizer. Sabei que esse D. Quixote de quem fallais é o maior amigo que tenho no mundo, e tanto que poderei dizer que o tenho no lugar da minha pessoa e que pelos signaes que me haveis dado tão certos, não posso pensar senão que seja o mesmo que haveis vencido ; mas isso não é possivel, a não ser que um d'essês malditos encantadores que o perseguem tenha imitado a sua pessoa. E aqui está o mesmo D. Quixote, que sustenta a verdade do que fica dito, a pé ou a cavallo,

ou de qualquer modo que vos agrade. » E dizendo isto, poz-se de pé empunhando a espada, esperando a resolução que tomaria o cavalleiro do Bosque, o qual, com voz socegada, respondeu : « Quem, bem paga, bem ganha ; mas ha-de ser condição da nossa batalha que o vencido ficará á disposição do vencedor. » « Estou muito contente com essa condição », respondeu D. Quixote ; e dizendo isto foram ter aonde estavam os seus escudeiros, a quem encontraram roncando e na mesma posição em que se haviam deitado. Despertando-os deram-lhes ordem para preparar os cavallos, porque ao nascer o sol haviam de fazer os dois uma sangrenta, singular e sem igual batalha, a cujas novas Sancho ficou attonito e pasmado, temendo pela vida do amo pelas valentias que ouvira dizer do seu ao escudeiro do Bosque ; mas sem dizer palavra foram os dois escudeiros buscar as cavalgaduras que já se tinham juntado todas, cavallos e burros.

Pelo caminho o do Bosque disse a Sancho : « Hade saber, irmão, que têm por costume os guerreiros d'Andaluzia quando são padrinhos d'alguma pendencia, não cruzarem

os braços em quanto os senhores combatem : digo-lhe para que esteja avisado que, em quanto os nossos amos batalharem, nós outros temos que pelejar e ficarmos em estilhas. » « Esse costume, senhor escudeiro — disse Sancho — póde ser usado com os pelejantes que diz ; mas com os escudeiros dos cavalleiros andantes, nem por pensamento ; pelo menos eu não ouvi dizer ao meu amo semelhante costume e elle sabe de memoria tudo o que diz respeito a cavallaria andante ; mesmo que assim seja eu antes não quero pagar a multa, que deve ser imposta aos escudeiros pacificos, do que gastar dinheiro em pontos para a cabeça que já tenho em dois bocados. »

« Para isso ha um remedio — disse o do Bosque ; — eu trago aqui dois taleigos e lutaremos com elles. » « D'essamaneira sim — respondeu Sancho ; — porque de tal peleja resultaria ficarmos escovados em lugar de feridos. » « Não ha-de ser assim — replicou o outro — porque se hão-de deitar nos taleigos para que o vento não as leve, meia duzia de seixos que pesem tanto uns como os outros. » « Pois eu digo, corpo de meu pai ! — respondeu

Sancho — que não hei-de pelear. Pelejem os nossos amos, e vivamos nós outros que o nosso dia ha-de chegar. » « Comtudo — replicou o do Bosque — temos que pelear pelo menos meia hora. » « Isso não — respondeu Sancho; — não serei tão descortez nem tão desagradecido que tenha questões com quem comi e bebi; tanto mais, sem ter odio, quem diabo se atreveria a pelear assim? » « Mas a isso — disse o do Bosque — darei eu um remedio; antes de começarmos a pelear, chegar-me-hei delicadamente a Vossemecê e dar-lhe-hei tres ou quatro bofetadas que o atirem por terra e com as quaes lhe farei despertar a colera, se bem que esteja com mais somno que uma creancinha. » « Contra isso sei eu outra cousa que não lhe fica atraz — respondeu Sancho — agarrarei n'um garrote, e antes que Vossemecê chegue a despertar-me a colera, dar-lhe-hei tanto com elle, que não desperta senão no outro mundo, no qual se sabe que não sou homem que deixe ninguem tocar-me na cara; e cada um veja o que faz, se bem que o mais acertado seria deixar dormir a colera a cada um; pois ninguem conhece a alma do outro,

e ás vezes quem vai buscar lã fica tosquiado; e Deus bemdiz a paz e maldiz as luctas; e assim desde já intimo a Vossemecê, senhor escudeiro, que corra por sua conta todo o mal e damno que resultar da nossa pendencia.» « Está bem — replicou o do Bosque — Deus nos fará crescer e madurecer. »

CAPITULO VII

N'isto já começavam a gorgear nas arvores mil especies de passarinhos, e nos diversos e alegres cantos pareciam saudar a fresca aurora, que pelas portas e janellas do Oriente ia descobrindo a formosura do seu rosto, sacudindo dos seus cabellos um numero infinito de liquidas perolas, em cujo suave licor molhando as hervas parecia que ellas mesmas brotavam e choviam branco e miudo aljofar ; riam-se as fontes, murmuravam os arrosos, alegravam-se as selvas e enriqueciam-se os prados. Mas apenas deu logar a claridade do dia para distinguir as cousas, a primeira que se apresentou aos olhos de Sancho Pança foi o nariz do escudeiro do Bosque tão grande que quasi lhe fazia sombra

ao corpo; passava-lhe dois dedos abaixo da bôca, e Sancho ao vê-lo prometeu a si proprio deixar apanhar duzentas bofetadas antes que batalhar com semelhante monstro. Dom Quixote olhou para o seu antagonista, e viu-o já com a armadura posta, de modo que não



lhe pôde ver o rosto; mas notou que era homem musculoso e não muito alto de corpo. Sobre as armas trazia um casaco d'um tecido que parecia ouro finissimo, e semeadas de pequenas rodellas resplandecentes como es-

pelhos, que o tornavam muito vistoso, o que certamente lhe valeu o nome de Cavalleiro dos Espelhos. Em resumo, os dois cavalleiros pelearam, atacando D. Quixote com tanta força o seu antagonista que o fez cair por terra; e o mais extraordinario foi que tirando-lhe D. Quixote as laçadas do capacete, para ver se estava morto, viu o mesmo rosto, a mesma figura, o mesmo aspecto, a mesma physionomia, a mesma ephige, a mesma perspectiva do bacharel Samsão Carrasco. E o bom foi que quando Sancho, aos gritos do seu amo viera soccorrer o derribado cavalleiro, poz-se a benzer por tel-o reconhecido tambem, e vendo o outro escudeiro já sem o nariz postico, poz-se a gritar: « Santa Maria me valha! Este não é Thomé Cecial meu vizinho e meu compadre? » « Está claro que sou — respondeu elle. — Sou Thomé Cecial, compadre e amigo de Sancho Pança; pedi e supplicai ao senhor vosso amo que não mate o Cavalleiro dos Espelhos, que tem a seus pés, porque é sem duvida alguma o atrevido e mal aconselhado bacharel Samsão Carrasco nosso compatriota.

Diz, pois a historia, que quando o bcharle

Samsão Carrasco aconselhou a D. Quixote que voltasse a proseguir as suas cavallarias, foi por ter entrado primeiro em combinação com o cura e o barbeiro sobre o modo de mais tarde reter D. Quixote em casa quieto e socegado, sem que lhe voltasse a mania de proseguir as suas aventuras, de cujo conselho sahiu por voto commum de todos e parecer particular de Carrasco, que deixassem ir D. Quixote, pois detel-o parecia impossivel, e que Samsão lhe sahisse ao caminho como cavalleiro andante, e travasse batalha com elle, pois não faltaria pretexto, e o vencesse, e que fosse pacto que o vencido ficasse á mercê do vencedor. E assim vencido D. Quixote, havia de mandal-o o bacharel cavalleiro que voltasse para a sua terra, e não sahisse d'ella durante dois annos, até que por elle fosse mandado outra cousa, o que é claro que D. Quixote vencido cumpriria para não faltar ás leis da cavallaria, e poderia ser que no tempo da sua reclusão lhe esquecessem as suas vaidades, ou se desse o caso de encontrar para a sua loucura algum remedio conveniente. Carrasco accitou; e offereceu-se para escudeiro Thomé Cecial, compadre e vizinho de Sancho Pança,

homem alegre e de lucido entendimento. Samsão armou-se como referimos, e Thomé Cecial poz o nariz d'uma mascara, para que não fosse conhecido pelo seu compadre quando o visse, e assim seguiram a mesma viagem que levava D. Quixote alcançando-o no bosque onde se passou o que narramos ha pouco.

Com a alegria, contentamento e ufania, D. Quixote continuou em campanha, dizendo para comsigo que se achasse modo de desencantar a Dulcinêa, seria o mais venturoso cavalleiro andante dos seculos passados e futuros.

Uma vez afastou-se Sancho Pança do caminho para pedir um pouco de leite a uns pastores que andavam por ali perto com umas ovelhas; e já estava de volta, quando D. Quixote levantando a cabeça viu que vinha pelo caminho por onde elles iam um carro cheio de bandeiras reaes, e julgando que devia ser alguma nova aventura, poz-se agritar por Sancho Pança; este, ouvindo chamar, deixou os pastores, e a toda a pressa picou o burro, chegando onde estava o seu amo, a quem succedeu uma espantosa e desatinada aventura.

Quando D. Quixote gritava por Sancho para que lhe trouxesse o elmo, estava elle comprando uns requeijões que os pastores vendiam, e despachando-se por causa da pressa do seu amo, não soube que fazer d'elles nem onde pol-os, e para os não perder, porque já estavam pagos, resolveu deital-os na armadura do seu senhor, e veio ver o que elle lhe queria quando D. Quixote lhe disse : « Dá-me, amigo, essa armadura, que eu sei pouco de aventuras ou o que ali descubro é uma que me obriga a pegar em armas. Homem descoberto, meio combatido; não se perde nada que me prepare, que sei por experiencia que tenho inimigos visiveis e invisiveis, e não sei quando nem onde, nem em que tempo, nem em que figuras me hão de accommetter ». E voltando-se para Sancho pediu-lhe a armadura, a qual como não teve tempo de tirar os requeijões, lhe foi forçoso dar-lhe como estava. D. Quixote pegou n'ella, e sem olhar para o que vinha dentro, metteu na cabeça com toda a pressa, e como os requeijões se apertaram e espremeram, começou a correr o soro por todo o rosto e bigodes de D. Quixote, pelo que se assustou e disse a Sancho : « Que será isto,

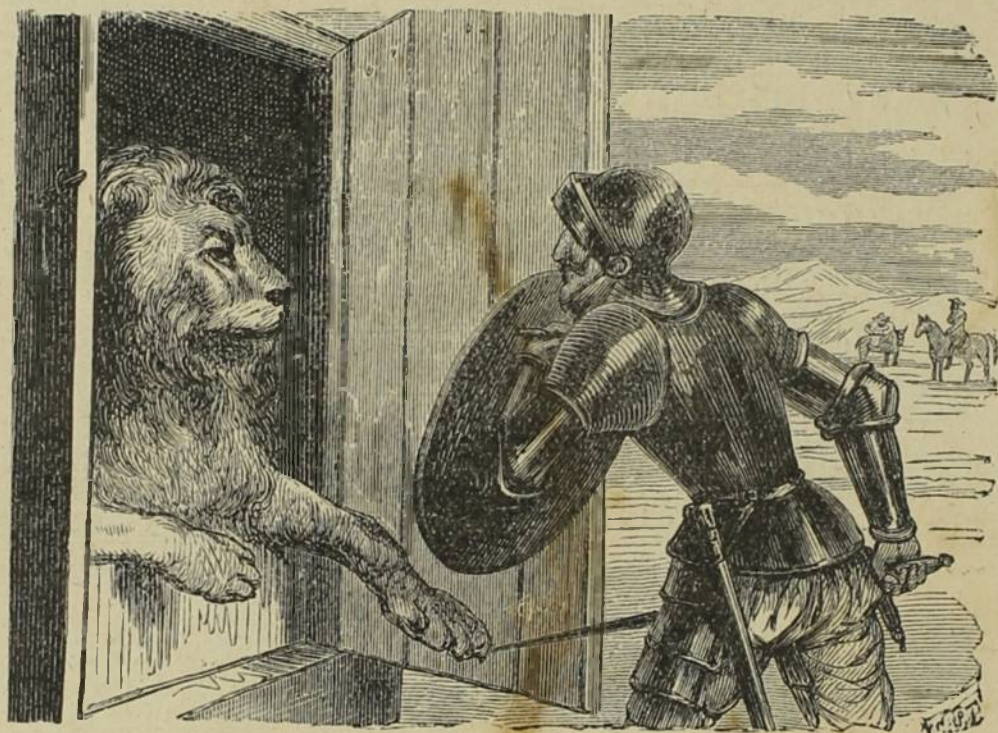
Sancho, que parece que me amollece a cabeça, ou me derrem os miolos, ou transpiro dos pés á cabeça? E se é que transpiro é verdade que não é de medo; sem duvida creio que é terrivel a aventura que vai agora succeder-me: dá-me se tens com que me limpe, que a copiosa transpiração me céga.» Sancho calou-se, deu-lhe um panno e Graças a Deus por o seu senhor não ter dado com o caso. D. Quixote limpou-se, e tirou a armadura para vêr o que é que lhe fazia esfriar a cabeça, e vendo aquellas cousas brancas dentro do capacete levou-as ao nariz, e cheirando-as, disse: «Pela vida da minha senhora Dulcinêa de Toboso, que são requeijões o que me pozeste aqui, traidor e mal encarado escudeiro.» Ao que com grande paz de espirito e dissimulação Sancho respondeu: «Se são requeijões Vossa Mercê que m'os dê, que eu os comerei; quero dizer, que os coma o diabo, que deve ter sido elle que os poz ahi. Teria eu o atrevimento de sujar o elmo do meu amo? Com certeza, senhor, que tambem devo ter encantadores que me perseguem, e metteram isso ahi para que Vossa Mercê me bata, como deveria fazer; mas d'esta vez enganaram-se, pois confio no

bom senso do meu senhor, que deve pensar que en não tenho requeijões, nem leite, nem cousa que o valha, e que se os tivesse antes os mettia no meu estomago do que no capacete. » D. Quixote limpou os bigodes, fincou-se bem nos estribos, segurou na espada e na lança, dizendo : « Agora venha o que vier, sinto-me com animo de lutar com o proprio Satanaz em pessoa. » N'isto chegou o carro das bandeiras, na qual só vinha o carroceiro, e um homem sentado na dianteira.

D. Quixote collocou-se diante, e disse : « Aonde vais, irmãos? Que carro é este? Que levais n'elle? E que bandeiras tem collocadas? » Ao que o carroceiro respondeu : « O carro é meu ; o que vai n'elle são dois bravos leões majestosamente sentados ; as bandeiras são do rei nosso senhor, como signal que aqui vai cousa sua. » « E são grandes os leões? » perguntou D. Quixote. « Tão grandes — respondeu o homem que ia na porta do carro — que d'África até Hespanha nunca se viram maiores ; eu conheço-os bem, e como estes nunca vi outros : é macho e femea ; o macho vai n'esta primeira jaula, e a femea na de

traz, e estão esfomeados porque não comeram hoje, e Vossa Mercê que se desvie agora que é preciso chegar depressa onde se lhes dê de comer. » Ao que D. Quixote disse : « Leõesitos a mim ! A mim leõesitos ! Pois por Deus que hão de ver esses senhores que os mandam aqui, se sou homem que se assuste com leões. Desce do carro, bom homem, abre essas jaulas e põe-me esses animaes cá fóra, que n'esta campanha lhes darei a conhecer quem é D. Quixote de la Mancha, a despeito e pezar dos encantadores que m'os enviam. » Sancho assustado chegou-se a D. Quixote e disse-lhe : « Senhor cavalleiro, isso não é valentia mas sim temeridade ; esses leões não vêm contra Vossa Mercê nem sequer sonham tal. » « Deixa-me empaz — respondeu D. Quixote — já que me dás mais guerra que todos os meus inimigos ; eu sei se vêm a mim ou não estes senhores leões. » E voltando-se para o guarda dos leões, disse : « Asseguro-te, dom velhaco, que se não abris immediatamente as jaulas, enfio-te n'esta lança ! » O carroceiro tirou as mulas, protestando que o fazia á força, tomando por testemunha Sancho Pança e dizendo que deixava toda a responsabilidade ao

entremettido cavalleiro. Por sua vez, Sancho dizia : « Olhe, senhor, que aqui não ha encanto algum, que eu vi por entre as grades da jaula uma unha de leão verdadeiro, por tal signal que o tal leão deve ser maior que uma montanha. » « O medo pelo menos — respondeu



D. Quixote — te fará parecer maior que a metade do mundo. Retira-te, Sancho, e deixa-me ; se aqui morrer, já sabes a nossa antiga combinação : accudirás a Dulcinêa e não te digo mais.

Sancho picou o burro e o guarda dos leões as suas mulas, mas este voltou a intimar no-

vamente D. Quixote, o qual respondeu que tudo quanto dissesse era trabalho baldado, e que se desse pressa. Durante o tempo que o guarda levou em abrir a primeira jaula, D. Quixote esteve considerando se seria melhor fazer a batalha a pé ou a cavallo, determinando por fim fazel-a a pé, temendo que Rocinante se espantasse com a vista dos leões : por isso saltou do cavallo, atirou com a lança, segurou no escudo e desembainhando a espada, passo a passo, com maravilhoso denodo e animo valente, foi pôr-se diante do carro, encommendando-se a Deus de todo o coração, e a seguir á sua senhora Dulcinêa. O guarda dos leões, vendo D. Quixote preparado e não podendo deixar de soltar o leão macho sob pena de cair nas mãos do indignado e atrevido cavalleiro abriu, de par em par a primeira jaula, onde estava, como se disse, o leão, o qual lhe pareceu de tamanho extraordinario e de espantosa e feia catadura. A primeira cousa que fez, foi remexer-se na jaula onde vinha deitado, estender a garra e espreguiçar-se todo ; abriu depois a bôca e bocejou demoradamente e com quasi dois palmos de lingua, que deitou de fóra, abriu os

olhos e lavou a cara. Feito isto, deitou a cabeça fóra da jaula e olhou para todos os lados com os olhos em braza, olhos e modos assustadores. Só D. Quixote o olhava attentamente, desejando que saltasse do carro e viesse por-se-lhe nas mãos, entre as quaes pensava fazel-o em pedaços.

Até aqui chegou o extremo da sua nunca vista loucura; mas o generoso leão, mais comedido do que arrogante, não fazendo caso de ninharias, depois de ter olhado para um e outro lado, voltou as costas e fez ver as partes trazeiras a D. Quixote; e com mais descanzo se estendeu novamente na jaula. Vendo isto, D. Quixote disse ao guarda que lhe batesse para o pôr furioso e para que elle sahisse da jaula. « Isso não faço eu — respondeu o guarda — porque se o instigo, será primeiro a mim que fará em pedaços. Vossa Mercê, senhor cavalleiro, que se contente com o feito, que é tudo quanto se pôde dizer em genero de valentia, e não queira tentar segunda fortuna: nenhum bravo pelejante, segundo a mim me parece, está obrigado a mais que a desafiar o seu inimigo e esperal-o em campanha; e se pelo contrario não se sahe, n'elle fica a infamia, e

o que desafia ganha a corôa do vencimento. »
« Essa é a verdade — respondeu D. Quixote ; —
fecha amigo a porta, e dá-me por attestado da
melhor forma que poderes o que me viste fazer
aqui ; convem saber : como abriste a jaula, eu
esperei o leão, elle não sahiu, voltei a espe-
ral-o, tornou a não sahir e voltou a deitar-se.
E fóra com os encantos, Deus pela verdade e
pela verdadeira cavallaria ! » Assim o fez o
guarda dos leões, e D. Quixote, pondo na
ponta da lança o lenço com que limpara a
cara do soro dos requeijões, chamou por
signaes o fugitivo Sancho. Este começou a
perder o medo ao vêr seu amo vivo, pois
deu os leões por mortos. Chegou-se ao seu
senhor perguntando-lhe ancioso o que fizera
às feras ; o guarda então detalhadamente con-
tou o fim da contenda, exagerando o valor
de D. Quixote.

« Que te parece isto, Sancho — perguntou
D. Quixote ; — ha por ventura encantos que
valham a verdadeira valentia ? Bem poderão
os encantadores tirar-me esta aventura ; po-
rém o esforço e o animo será impossivel. »
O carroceiro prometeu contar a aventura
quando se achasse na côrte, e D. Quixote

disse-lhe : « Se acaso o rei perguntar quem o fez, diz-lhe que foi o *Cavalleiro dos Leões*, que de hoje em diante quero ter este nome em troca do que tenho tido de *Cavalleiro da Triste Figura*; e n'isto sigo o antigo costume dos cavalleiros andantes, que mudavam os nomes quando queriam ou quando melhor lhes convinha.

CAPITULO VIII

Passando por alto a visita que D. Quixote fez ao cavalleiro do Gabão Verde e os successos peregrinos das bodas de Camacho, e a famosa descida á não menos famosa cova de Montesinos onde o nosso cavalleiro andante julgou ver a Dulcinêa encantada; deixando de lado as mais aventuras e entre ellas a memoravel do macaco adivinhador; vamos apenas narrar a aventura do barco encantado em que D. Quixote mettido n'um barco e passando d'um lado ao outro do Ebro se imaginava a duas braças da margem da linha equinocial. Prescendendo d'estas cousas, que bem podem supprimir-se, mas que nunca será licito abrevial-as, contaremos o encontro de D. Quixote e Sancho com os duques, em cujo palacio succederam as cousas mais extraordinarias.

Julgavam-se o duque e a duqueza, como a si mesmos os personagens do alto e do baixo servilismo — se bem que tenha para mim que em sendo servilismo tudo é baixo — com o discorrer do amo e as simplicidades do moço. Cada dia imaginava nova cousa ou ideava nova misti-



ficação. Não passava uma hora que não fosse de gosto e regozijo. N'aquelle palacio se averiguou, com grande contentamento do cavalleiro andante, mas não do seu escudeiro, que este podia desencantar a formosa Dulcinêa deixando-se applicar uns milhares de açoites. O duque offereceu uma ilha de mui-

tas que lhe sobravam, e que ao tempo estava sem governo, para que D. Quixote fizesse como promettera e era costume de cavalleiros andantes, governador d'ella o seu escudeiro andado. Aceitou-se o offerecimento, Sancho escreveu á mulher que já era governador, e o generoso duque disse a Sancho que se preparasse para a ir governar, pois os insulanos o esperavam como a agua de Maio. N'isto D. Quixote, sabendo da celeridade com que Sancho tinha que partir para o seu governo, com licença do duque tomou-o pela mão e foi com elle á sua estancia afim de aconselhar-lhe como se havia de haver com o seu officio. Entrados, pois, no seu aposento, fechou a porta, e fez quasi á força com que Sancho se sentasse junto d'elle, e com voz pausada disse-lhe :

« Primeiramente, ó filho, has-de temer a Deus, porque em temel-o está a sabedoria, e sendo sabio não poderás errar em nada.

« Segundo, has-de pôr os olhos em quem és, procurando conhecer-te a ti mesmo, que é o mais difficil conhecimento que se póde imaginar. Do conhecer-te resultará não inchares como uma rã, que quiz igualar-se ao

boi; porque se fazes isto a tua loucura te fará lembrar que guardaste porcos na tua terra. » « Isso é bem verdade — respondeu Sancho — mas foi quando moço; que depois já homemsinho guardei gansos, e não porcos; mas isto parece-me que não vem para o caso, que nem todos os que governam vêm de reis. » « É essa uma verdade — replicou D. Quixote — pela qual os que não são de principios nobres devem acompanhar a gravidade do cargo que exercem com uma branda suavidade que, guiada pela prudencia, os livre dos murmurios maliciosos.

« Faz gala, Sancho, da humildade da tua linhagem e não te envergonhes de dizer que vens de lavradores, e aprecia-te mais de ser humilde virtuoso, que peccador soberbo.

« Se acaso algum dos teus parentes te vier vêr quando estejas na ilha, não o desdenhes nem o affrontes, debes antes acolhel-o, agasalhal-o e regalal-o, que com isto satisfarás o céu, que gosta que ninguem se envergonhe do que elle fez.

« Que achem em ti mais compaixão as lagrimas do pobre; mas não mais justiça que as informações do rio.

« Procura descobrir a verdade por entre as promessas e dadivas do rico, como por entre os soluços as importunidades do pobre.

« Quando poder e dever ter logar a equidade, não carregues todo o rigor da lei ao delinquente, que não é melhor a fama do juiz rigoroso que a do compassivo.

« Se acaso dobrares a vara da justiça, não seja com o peso da dadiva, mas sim com o da misericórdia.

« Quando te acontecer julgar algum pleito d'um teu inimigo, separa as tuas iras da injuria pondo-as na verdade do caso.

« Não te cegue a paixão propria na causa alheia, que os erros que fizeres as mais das vezes serão sem remedio, e se o tiverem será á custa do teu credito e mesmo da tua fazenda.

« Ao que has-de castigar com obras não trates mal com palavras, pois basta-lhe ao desgraçado a pena do supplicio.

« Ao culpado que cair debaixo da tua justiça, considera o homem miseravel, sujeito ás condições da nossa depravada natureza, e em tudo quanto fôr da tua parte, sem fazer aggravo á contraria, mostra-te piedoso e clemente, pois que se bem que os attributos de

Deus a todos são iguaes, mais resplandece e campeia a nosso ver o da misericordia que o da justiça.

« Se seguires estes preceitos e estas regras, Sancho, serão longos os teus dias, eterna a tua fama, immensa a tua felicidade, casarás os teus filhos como quizeres, titulos terão elles e os teus netos, viverás em paz e com beneplacito das gentes, e nos ultimos passos da vida te alcançará o da morte e velhice suave e madura, e cerrarão teus olhos as ternas e delicadas mãos dos teus terceiros netos. Isto que até aqui te disse são documentos que não de adornar a tua alma; escuta agora os que não de servir para adorno do teu corpo. »

D. Quixote proseguiu dizendo :

« No que toca á maneira como hasde governar a tua pessoa em casa, Sancho, a primeira cousa que te encarrego é que sejas limpo, e que cortes as unhas, sem as deixar crescer como alguns fazem, a quem a sua ignorancia lhes deu a entender que as unhas compridas formoseiam as mãos, como se aquella porcaria que se deixa de cortar fosse unha, ao contrario são garras de sapo : porco e extraordinario abuso.

« Não andes, Sancho, triste e caído, porque o fato pouco cuidado, indica animo desmazelado.

« Toma com discrição o pulso ao que poder valer o teu officio, e se for necessario dares libré aos teus criados, seja honesta e proveitosa, mais que vistosa e bizarra, e reparte-a entre os teus criados e os pobres : quero dizer, que se tens que vestir seis pagens, veste tres e outros tres pobres, e assim terás pagens para o céu e para a terra, e este novo modo de dar libré não lhe chegam os vangloriosos.

« Não comas alhos nem ceboulas, para que não notem pelo cheiro a tua villania : anda devagar, falla descansadamente ; mas não de maneira que pareça que te escutas a ti mesmo, pois toda a affectação é má.

« Come pouco e ceia menos, porque a bôa saude depende do estomago.

« Sê temperado no beber, considerando que o vinho demasiado nem guarda segredo, nem cumpre palavra.

« Tem conta, Sancho, em não mascar, nem arrotar diante de ninguem. »

Isso de arrotar não percebo », disse Sancho ; e D. Quixote tornou-lhe : « Arrotar,

Sancho, quer dizer repetir, e essa palavra arrotar é um dos mais torpes vocabulos da lingua castelhana, se bem que muito significativo ; e assim a gente curiosa prefere dizer em latim. » « De facto, senhor — disse Sancho — que um dos conselhos e avisos que penso levar na memoria ha-de ser o de não arrotar, porque o costume fazer muito a muido. » « Repetir, Sancho, e não arrotar » corrigiu D. Quixote. « Direi arrotar d'aqui por diante — respondeu Sancho — e prometto não esquecer-me. »

« Que o teu somno seja moderado, porque quem não madruga com o sol não goza do dia, e lembra-te, oh Sancho! que a diligencia é mãe da boa ventura.

« Este ultimo conselho que te vou dar agora, posto que não sirva para adorno do corpo, quero que te lembres bem, pois creio não será de menos proveito que os que até agora te tenho dado, e é : que nunca te ponhas a discutir fidalguias, pelo menos, comparando-as entre si, pois por força nos que se comparam um ha-de ser o melhor, e do que rebaixares serás detestado, e do que levatares nunca estimado.

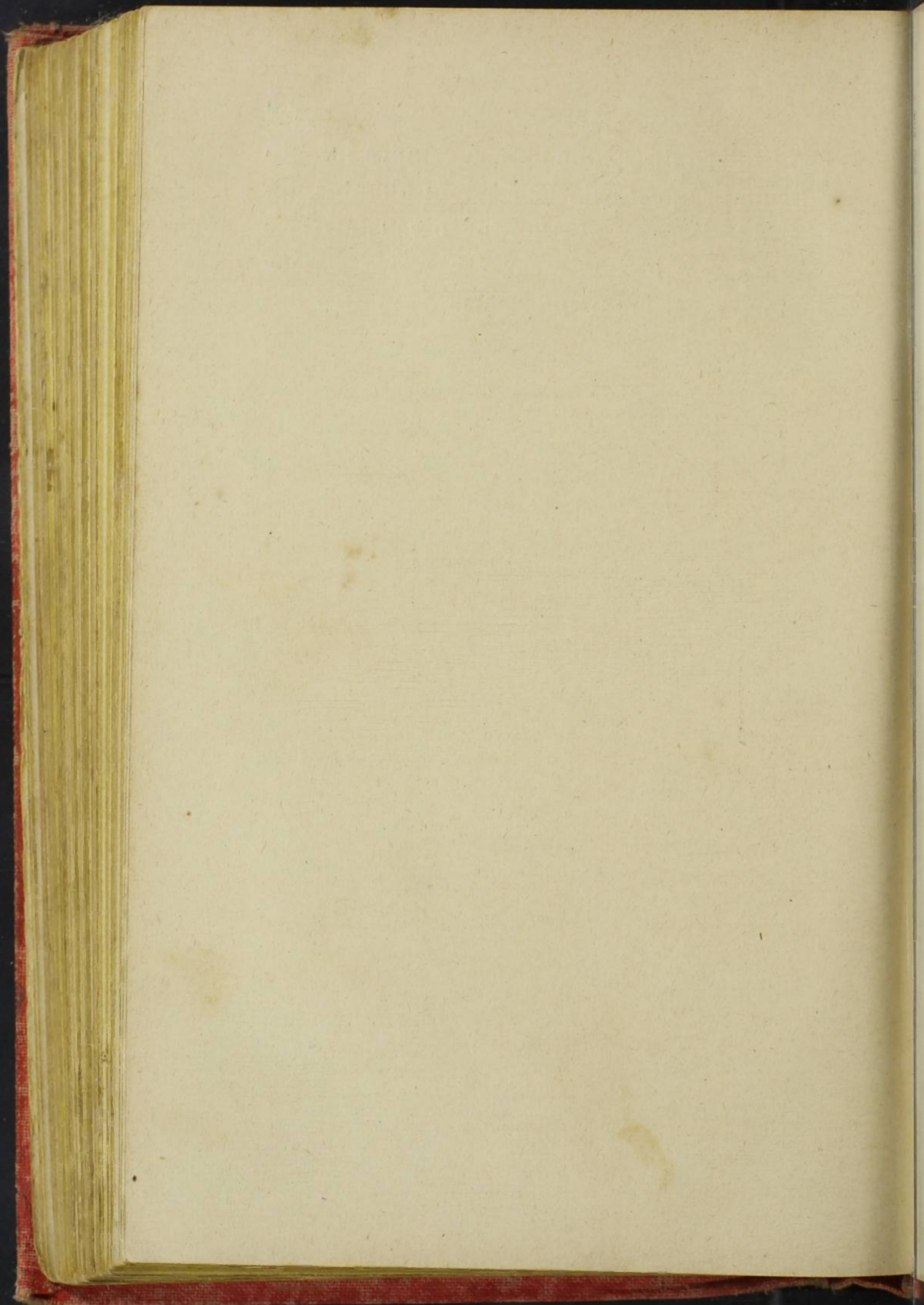
« Trarás como fato, calças inteiras, roupa larga; calções nem por sonhos, porque não vai bem nem a governadores nem a cavalleiros.

« Por agora, Sancho, é o que se me offerece aconselhar-te, com o andar do tempo assim serão os meus documentos, avisando-me tu o estado em que te achares. »

« Senhor — respondeu Sancho — bem vejo que tudo quanto Vossa Mercê me disse são cousas boas, santas, e proveitosas; mas para que servirão se de nenhuma me lembro? Verdade seja que aquillo de não deixar crescer as unhas não me passará da imaginação; mas todas as outras trapalhadas, não me lembro mesmo nada, e assim será necessario que m'as dê por escripto, que embora não sei ler nem escrever, eu as darei ao meu confessor para que elle m'as repita quando for preciso. » « Ah! meu Deus — disse D. Quixote — e que mal parece os governadores não sabere.n ler nem escrever; porque debes notar, Sancho, que não saber um homem ler ou ser surdo é a mesma cousa: o que foi filho de pais demasiado humildes e baixos não aprendeu. Grande é a falta que levas

comtigo, e queria ao menos que soubesses assignar. » « Sei bem assignar o meu nome — respondeu Sancho ; — pois aprendi a fazer umas lettras como as dos fardos, que diziamter o meu nome, e demais fingirei que tenho a mão direita tolhida, e farei com que assigne outro por mim, que para tudo ha remedio menos para a morte ; e tendo eu a faca e o queijo na mão, farei o que quizer. » « Deus te guie, Sancho, e te governe o teu governo, e a mim me tire do estado em que fico, que has-de dar com a ilha de pernas para o ar, cousa que eu poderia evitar dizendo ao duque quem tu és, e que toda essa gordura que tens, não é senão um corpo cheio de malicias. » « Senhor — replicou Sancho — se a Vossa Mercê lhe parece que não sirvo para esse governo, desde já lhe digo, que antes quero Sancho a pão e agua do que governador com perdizes, e quero Sancho como elle é para ir para o céu e não governador para ir para o inferno. » « Por Deus, Sancho — disse D. Quixote — que só por essas palavras, que acabas de dizer, mereces ser governador de mil ilhas. Encommenda-te a Deus e procura não errar na primeira inten-

ção : quero dizer, que tenhas sempre intento e firme proposito de acertar em quantos negocios te lembrarem, porque o céu favorece sempre os bons desejos; e agora vamos comer, pois creio que estes senhores nos aguardam.



CAPITULO IX

Os duques deram ordem ao seu intendente de acompanhar Sancho até o lugar que para elle havia de ser a sua ilha. Era este intendente mui discreto e gracioso, pois não póde haver graça sem discrição; assim bem industriado, representou ás mil maravilhas o seu papel. Sahiu, emfim, Sancho acompanhado de muita gente, vestido á moda dos lettrados, e por cima um gabão muito largo da còr da pelle de leão, com um gorro semelhante, montado n'um magnifico macho, e atraz d'elle, por ordem do duque, ia o ruço com jaezes flammantes. Voltava Sancho a cabeça de quando em quando para ver o seu jumento, mais contente e satisfeito que o successor dos Cezares. Chegou Sancho com todo o seu acompanhamento a um lugar quasi de mil vizinhos, que era dos melhores que possuia o duque.

Disseram-lhe que se chamava a ilha Baratária. Ao chegar ás portas da villa, que era cercada, sahiram os alcaides do povo a recebello : tocaram os sinos, e todos os vizinhos deram mostras de geral alegria. Foi o nosso escudeiro levado com muita pompa á igreja matriz a dar graças a Deus, e logo em seguida lhe entregaram as chaves da villa, e o admitiram como governador perpetuo da ilha Baratária. O traje, as barbas, a gordura e pequenez do novo governador traziam maravilhados todos os que não sabiam do segredo do negocio. Finalmente, ao sahir da igreja levaram Sancho á cadeira do tribunal e ali o sentaram. O mordomo do Duque disse então a Sancho : « É costume antigo nesta ilha, que o novo governador que d'ella vem tomar posse, seja obrigado a responder a uma pergunta que se lhe faça, intrincada e difficultosa ; e pela resposta que elle dá, toma o povo o pulso ao engenho do seu novo governador, e assim se alegra, ou se entristece com a sua vinda. » Em quanto o mordomo fallava, estava Sancho olhando para umas grandes letras, que ornavam a parede de frente da sua cadeira ; e como elle não sabia ler, perguntou

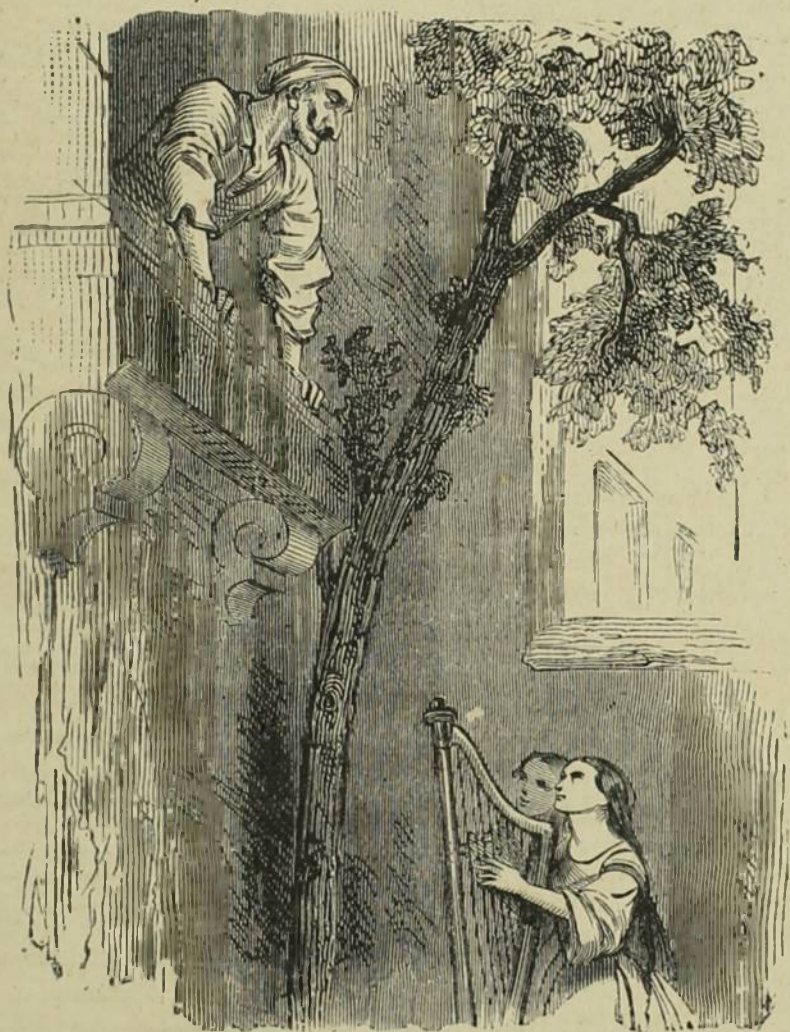
o que eram aquellas pinturas que estavam na parede. Respondeu-lhe o mordomo : « Senhor, estão ali gravadas estas palavras : « Hoje, dia, tantos do mez, tomou posse d'esta ilha o senhor D. Sancho Pança, que por muitos annos a goze. » « E a quem chamam D. Sancho Pança? » perguntou Sancho. « A Vossa Senhoria, — respondeu o mordomo — que n'esta ilha nunca entrou outro Pança, a não ser o que está sentado n'essa cadeira. » « N'esse caso, ficai sabendo que eu não tenho *dom*, nem nunca o houve em toda a minha familia : Chamo-me Pança sem nada mais, e Pança se chamou meu pai e meu avô; todos bons catholicos e gente de bem. Mas vamos adiante com a sua pergunta, senhor mordomo, que eu responderei o melhor que poder, quer se entristeça ou não o povo. »

N'este momento entraram no tribunal dois homens; um vestido de lavrador, e o outro de alfaiate, com uma tesoura na mão : « Senhor governador, disse este, eu sou alfaiate de profissão; hontem este lavrador aqui presente entrou na minha loja, e pondo-me na mão um pedaço de panno, perguntou-me : « Poderá com este panno fazer-me uma cara-

puça ? » Eu medi o panno, e disse que sim ; elle então imaginou, em vista da minha breve resposta, que eu lhe queria furtar algum pedaço de panno, e replicou-me : « Veja lá bem se chegará para duas. » Adivinhei-lhe o pensamento e tornei a dizer que sim ; e elle teimoso não sua primeira idéa, foi augmentando o numero das carapuças e eu respondendo sempre que sim, até que chegámos á conta de cinco. Ellas estão feitas, e este homem agora não me quer pagar o feitio, e pelo contrario me pede que lhe entregue o panno. » « É tudo isto assim, irmão ? » perguntou Sancho. « Sim senhor, — respondeu o lavrador ; — mas diga-lhe Vossa Senhoria que mostre as cinco carapuças. » « Da melhor vontade », replicou o alfaiate ; e tirando a mão debaixo do capote mostrou cinco carapuças postas nas cinco cabeças dos dedos da mão, e disse : « Aqui estão as cinco carapuças, que este homem me reclama ; e juro pela minha consciencia que me não ficou nem um só pedaço de panno, como podem julgar os peritos do officio. »

Todos os circumstantes se riram da quantidade das carapuças, e do novo pleito. San-

cho poz-se a considerar um pouco, e disse :
« Parece-me que n'este pleito não deve haver
largas dilações, mas julgar-se logo por juizo
do homem são; e assim dou por sentença

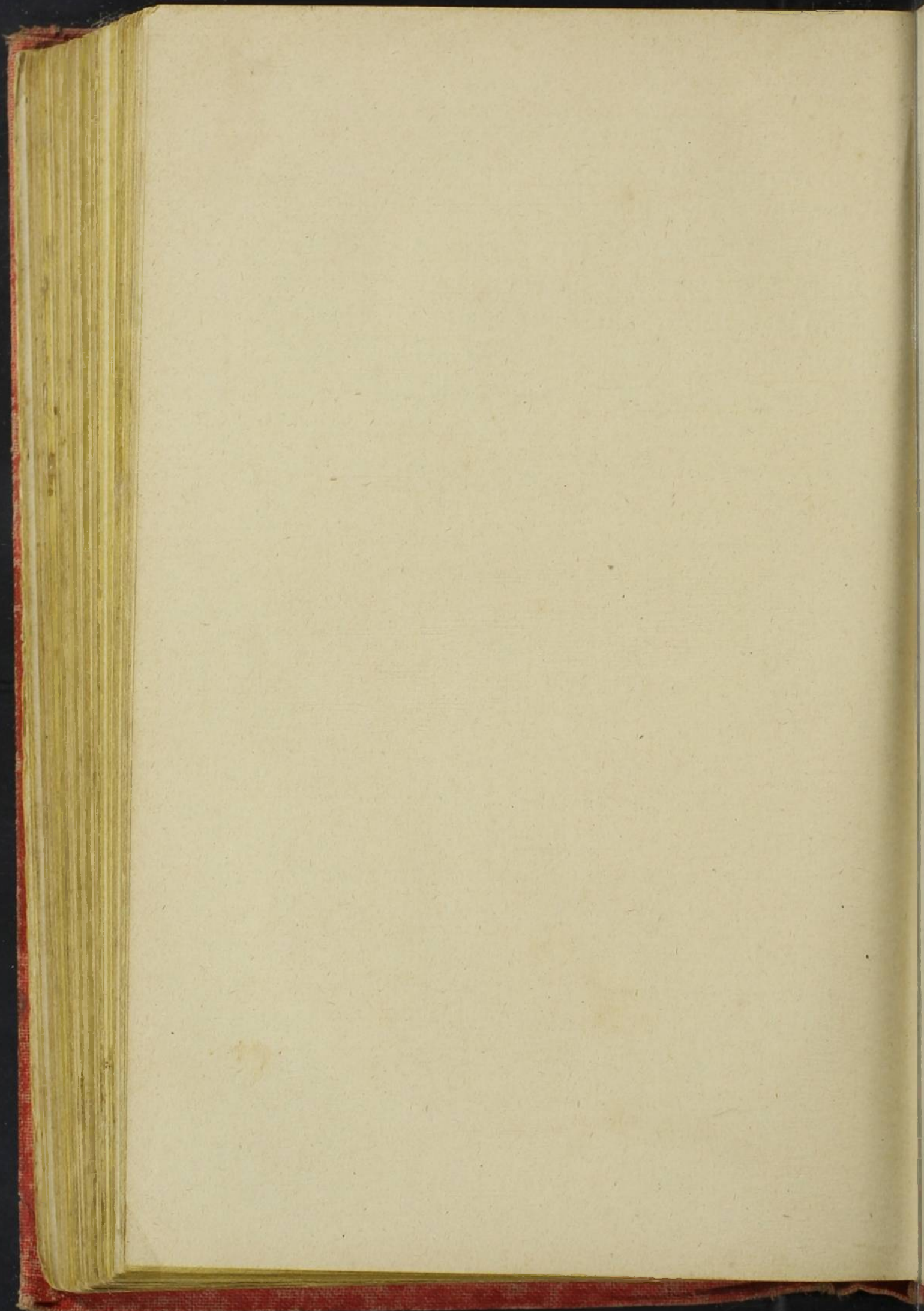


que o alfaiate perca o feitio, o lavrador o
panno, e acabou-se. »

Em quanto isto se passava com Sancho no
governo da sua ilha, os encantadores não

deixavam perder nada ao seu amo ; pois forneciam-lhe tantas aventuras que não davam tempo umas ás outras. Uma noite foi que, depois de deitado, comiam-lhe, como se fossem pulgas, que o não deixassem dormir, os versos que de enamorada lhe cantara do jardim para a janella do seu aposento, uma das donzellas da duqueza chamada Altisidora. Outra arranjou-lhe uma partida preparada entre a duqueza, o duque e as donzellas ; mas tão pesada, que custou ao enamorado cavalleiro seis dias de cama ; porque no melhor em que estava Dom Quixote cantando uma romanza em resposta aos versos de Altisidora, caíu-lhe sobre a cabeça um balde d'agua gelada. Porém não foi isto o peor successo, ainda lhe fizeram peor diabrura : metteram-lhe no seu aposento grande quantidade de gatos, e com o miar dos bichos, com o ruido dos guizos, com o apagar das vélas que ardiam no aposento de D. Quixote, tal confusão e inferno se armou, que parecia uma legião de demonios que entravam pela janella dentro. E o melhor foi que D. Quixote pondo-se de pé, e segurando a espada, começou a dar estocadas contra a janella, que era onde se ouvia o maior ar-

ruido, e sua desventura foi tanta, que saltando-lhe á cara um dos gatos, segurou-lhe tão bem o nariz com as unhas e os dentes, que se não accudisse o duque aos gritos do pobre cavalleiro, afim de separar os combatentes, deixava-o desnarigado a valer e não por arte de encantadores nem de encantamentos.



CAPITULO X

Conta a historia que no mesmo dia do julgamento levaram do tribunal o illustre Sancho para um sumptuoso palacio, onde estava posta, n'uma grande sala, uma esplendida meza coberta de excellentes iguarias; e assim que Sancho entrou, tocaram as charamelas, e quatro pagens viéram deitar-lhe agua ás mãos o que Sancho recebeu com muita gravidade. Cessou a musica, sentou-se Sancho á cabeceira da meza, porque não havia senão esse logar de livre. Poz-se-lhe ao lado uma personagem, vestida de preto com uma varinha na mão. Um sujeito que parecia clerigo deitou-lhe a benção e o mestre sala apresentou-lhe os melhores manjares.

Apressou-se o novo governador em encher seu prato, porque morria de fome; mas apenas comeu um bocado, tocou o medico com

a varinha no prato, e logo lh'o tiraram com grande celeridade. O mestre sala, pressuroso chegou-lhe outro manjar, ia Sancho proval-o, mas antes de lhe tocar, tocou-lhe a varinha, e o prato desapareceu com a mesma presteza. Surprendido e pouco satisfeito, perguntou Sancho Pança se n'aquella ilha tinha de ver com os olhos e comer com a testa. « Não, meu senhor, — respondeu o sujeito da varinha; — eu tenho a honra de ser o medico dos governadores d'estailha; recebo muito bons honorarios, e olho muitissimo mais pela sua saúde que pela minha, tenteando a compleição do governador para acertar em cural-o quando cair enfermo. Com este fim assisto aos seus jantares e ceias, e só deixo comer o que me parece que lhe convem. O primeiro prato que Vossa Senhoria provou era uma comida fria, que difficilmente o seu estomago poderia digerir; o segundo era muito quente, provocando assim a sêde; e quem muito bebe, mata e consome o radical humido, em que consiste a vida. » « N'esse caso, — replicou Sancho — aquelle prato de perdizes assadas não me poderá fazer mal algum. » « Essas não as comerá o senhor governador, em quanto eu

tiver vida. » « Por que motivo? » tornou Sancho. O medico respondeu : « Porque o nosso mestre Hippocrates, norte e luz da Medicina. diz n'um seu aphorismo : « Todas as indigestões são más, porém a da perdiz é pessima. »



« Se assim é, disse Sancho, veja o senhor doutor, de todos os manjares, que ha n'esta meza, qual me fará mais proveito e menos damno, e deixe-me comer d'ella á minha vontade; porque seja lá como for, digo-vos que é mister que eu jante, pois não desejo morrer

de fome pelo facto de ser governador. »
« Vossa Senhoria tem razão, — respondeu o medico — e assim entendo que não deve comer d'aquelles coelhos, que não é comida saudavel; aquella peça de vitella não seria má se não fosse o ser assada e adubada, mas assim não a deve provar. » Sancho replicou: « Parece-me que a travessa que além está, é de *olla podrida*, e pela diversidade de cousas que n'ella entram, é impossivel que eu não encontre alguma que me convenha. » « Longe de vós semelhante pensamento, — redarguiu o medico; — não ha no mundo peor alimento que uma *ollapodrida*, que são boas unicamente para os reitores de collegios, para os conegos, ou para as bodas dos camponios. Vossa Senhoria só deve comer para conserva sua saúde, umas talhadas de marmello com uma ou duas fatiasinhas de pão, que não pesam no estomago, e antes ajudam a fazer a digestão. »

Ouvindo isto, Sancho encostou-se ao espaldar da cadeira, e encarando mui sério o medico, perguntou-lhe com voz grave como se chamava e onde havia estudado; ao que elle respondeu: « Chamo-me o doutor Pedro Recio d'Aguero, sou natural d'um logar cha-

mado Tirteafuera, que fica entre Caracuel e Almodovar del Campo á mão direita, e doutorei-me na Universidade de Ossuna. » « Pois bem ! — retrucou Sancho acêso em colera ; — senhor doutor Pedro Recio d'Aguero, natural de Tirteafuera, doutorado em Ossuna, tire-se já de diante de mim ; senão, juro que o faço enforcar bem como todos os medicos que encontrar na minha ilha ; vá-se já embora d'aqui, verdugo dos governadores, senão parto-lhe a cabeça com esta cadeira em que estou sentado. E agora dêem-me de comer, pois bem o ganhei esta manhã. » Alvorotou-se o medico vendo o governador tão colerico ; queria elle safar-se da sala, quando n'esse momento ouviu a corneta do correio, e chegando o mestre sala á janella, voltou dizendo : « Correio que vem do duque, meu senhor ; deve trazer algum despacho de importancia. » Entrou o correio, e tirando uma carta do seio, pôl-a nas mãos do governador, e este passou-a logo para o secretario, a quem mandou que lesse. Avisava o duque ao governador para que estivesse alerta, porque uns inimigos tencionavam dar-lhe assalto uma noite d'estas ; e tambem que haviam entrado na sua ilha

quatro pessoas disfarçadas para lhe tirar a vida. Ficou Sancho attonito com a leitura da carta, e depois disse, dirigindo-se ao seu mordomo: « O que desde já se ha de fazer, é metter n'um calabouço o doutor Recio, porque se alguém me matar ha de ser elle, e de morte lenta como é a da fome. » « Senhor, — respondeu o mordomo, tambem acho mais prudente Vossa Senhoria não tocar nas iguarias que estão n'esta meza, visto eu ignorar quem as preparou. » « Assim farei, replicou tristemente Sancho; mas dêem-me um pedaço de pão, e uns arrateis de uva, que não poderão ter veneno, porque emfim, eu não posso passar sem comer, sobre tudo em vespuras de batalha. E quanto a vós, senhor secretario, respondi ao duque que tudo se fará como elle ordena; e beijareis da minha parte as mãos á senhora duqueza, e a meu amo o senhor D. Quixote, para que veja que não sou nenhum ingrato; e como bom Biscainho podeis acrescentar tudo o que quizerdes. Vamos! levantem essa toalha, e dêem-me de comer, que eu me haverei com quantos espias, matadores e encantadores viérem atacar-me na minha ilha. »

N'este momento entrou um pagem e disse « Senhor, aqui esta um lavrador que deseja falar a Vossa Senhoria, sobre um negocio, segundo disse, de muita importancia. » « Estranho caso, disse Sancho ; pois é possível que estes negociantes sejam tão nescios que não vejam, que agora não são horas de tratar de negocios ? — Por acaso, nos que governamos, nós os juizes, não seremos homens de carne e osso, que precisamos descansar, o tempo que a fadiga nol-o exige ; pensarão que somos de pedra ?

Por Deus, que se o meu governo dura, o que me não parece, hei-de pôr a direito mais do que um negociante. Dizei a esse homem que entre, mas vêde que não seja algum espião, ou assassino. « Não, senhor, respondeu o pagem, parece um pobre diabo. » « Nada ha que temer, disse o mordomo, nos aqui estamos. » — « Seria possível, perguntou Sancho ao mestre sala, que eu coma alguma cousa agora, visto que não está cá o doutor Pedro Recio ? Ainda que fosse um bocado de pão e uma cebola... » « A hora da ceia, respondeu o mestre sala, Vossa Senhoria comerá quanto quizer. »

« Deus lhe pague », disse Sancho reconhecido.

N'esta ocasião entrou o lavrador, homem de boa apparencia, e bastou vel-o para julgar-o boa pessoa. As suas primeiras palavras foram : « Quem é aqui o governador ? » « Quem ha-de ser, respondeu o secretario, senão aquelle que está sentado ? » « Humilho-me ante a sua presença, disse o lavrador ; e dirigindo-se a Sancho : « Senhor, sou lavrador, natural de Miguel Turra, distante duas leguas de Ciudad-Real. »

Temos outro Tirteafuera, disse Sancho. Dizei, irmão, o que quereis, por que conheço muito bem Miguel Turra, que fica proximo da minha terra. « Eis pois, o caso, Senhor : Sou casado na paz e lei da santa Egreja catholica romana, tenho dois filhos estudantes, o mais novo estuda para bacharel, e o mais velho para padre ; sou viuvo, porque minha mulher morreu, isto é, foi morta por um mau medico. » « De maneira, interrompeu Sancho, que se sua mulher não tivesse morrido ou não a tivessem matado, o senhor não estaria agora viuvo « ». Assim é, senhor, respondeu o lavrador. » Continuae irmão, disse Sancho, por que vão sendo mais horas

de dormir que de negociar. » « De maneira que, continuou o lavrador, o meu filho que ha-de ser bacharel enamorou-se na minha terra d'uma moça chamada Clara Perlerina, filha de Andrés Perlerino, lavrador muito rico; o nome de Perlerines não lhes vem dos seus avós ou outra linhagem, mas sim por que todos os membros d'esta familia são vesgos. Não obstante a moça é como uma perola oriental, e vista do lado direito parece uma flor do campo, do esquerdo não tanto, porque lhe falta aquelle olho, que perdeu por doença. Tem covas na cara, mas os que lhe querem bem, dizem que aquillo são sepulturas onde enterra as almas dos seus amantes. E tão limpa que nem quer manchar a cara, e tem o nariz, como dizem, arrebitado; parece que vae a fugir da bocca, o que não admira porque tem uma bocca muito grande, que se lhe não faltassem dez ou doze dentes, poderia encontrar lugar entre as mais bem feitas. Dos beiços, nada ha que dizer, e perdôe-me, senhor governador, se lhe pinto tão bem as formas da que vira a ser minha nora, querol-he bem, e não me parece má. »

« Pintae o que quizerdes, disse Sancho, que

essa pintura diverte-me, e se já tivesse comido, não haveria melhor sobremeza que esse retrato. » « Este ainda está por servir, senhor, disse o lavrador, mas lá iremos, e se podesse pintar a sua gentileza á altura do corpo, fôra uma causa de admiração, mas não póde ser, porque ella está acocorada e encolhida. os joelhos chegam-lhe á bocca, se se levantasse, a cabeça batia no tecto já teria dado a mão ao meu bacharel se a podesse estender, e nas suas unhas grandes e acanaladas se vê a sua bondade e perfeição. » « Esta bem, disse Sancho, e reparae que a haveis pintado dos pés à cabeça, o que quereis mais? Dizei depressa e sem rodeios. » « Queria, senhor, respondeu o lavrador, que Vossa Senhoria me desse uma carta de recomendação para o pae da minha nóra, para que este cazamento se faça, pois não somos deseguaes nos bens da fortuna e nos da natureza tambem não, porque devo dizer-lhe, senhor governador, que meu filho está endemoninhado, e não se passa um dia sem que seja atormentado tres ou quatro vezes, pelos espiritos malignos, e uma vez cahiu no lugar de lume e tem a cara toda

enrugada e os olhos chorosos; mas porta-se como um anjo; e se não fosse as pauladas que dá em si mesmo, seria bemdito. » « Quereis mais outra cousa, bom homem? perguntou Sancho. » « Queria outra cousa, respondeu o lavrador, mas não me atrevo dizer, mas enfim, la vae, pegue ou não pegue, por que não ha-de ficar-me no peito a aprodecer. Queria que Vossa Senhoria me desse trezentos ou seiscentos ducados, para ajuda do dóte do meu filho, digo, para ajuda de pôr-lhe a casa, por que, enfim, elles não ha dem estar as atenças dos sogros. » « Vêde se quereis outra cousa, disse Sancho, não vos envorgonheis. » « Não por certo, respondeu o lavrador. » Sancho levantou-se furioso e agarrou na cadeira em que estivera sentado, dizendo: « Vae-te, desalmado, mal encarado, se não desapareces já da minha vista, abro-te a cabeça com esta cadeira. Vaete velhaco, rafeiro, pintor do proprio demonio, pois vens predir-me seiscentos ducados? Onde os tenho eu? E ainda que os tivesse, por que é que t'os daria? Que me importa a mim de Miguel Turra, ou da linhagem dos Perlerines? Vae-te, senão, por vida do Duque meu

senhor, que te faço o que disse! Tu não és de Miguel Turra, mas algum malvado que vem do inferno para me tentar. Ainda não ha dia e meio que tenho o governo, e já querias que tivesse seiscentos ducados? O mestre sala fez signal ao lavrador para que se fosse embora, o que este fez, cabisbaixo e receioso de que o governador fizesse o que dissera, por que o velhaco desempenhara bem o seu papel.

CAPITULO XI

Como se viu, o governador ficou furioso com o velhaco do lavrador, que instruido pelo mordomo e este pelo duque, zombava de Sancho, mas este fazia frente a todos, e disse aos que estavam, cousas tão bem ditas que nem pareciam d'elle. E acabou o discurso dizendo muito resolutto : « Agora vamos rondar, é intenção minha limpar esta ilha dos vagabundos e vadios. Sahiu o governador com o mordomo, o secretario, o mestre sala e o arauto, que ia lembrando os grandes feitos, em seguida iam os aguazis e os escrivães em tão grande numero, que podiam formar um regimento. Sancho ia na frente com a sua vara, e poucas ruas tinham percorrido, quando ouviram um barulho ; correram para o sitio e viram dois homens batendo-se, os quaes ao verem a justiça se apartaram, e um d'elles

gritou : « Aqui d'el rei ; pois pode soffrer-se que rohem, no povoado metade das ruas? »
« Socegae, homem, disse Sancho, e conta-me as causas d'esta pendencia, porque sou o governador. O que tinha ficado calado disse então. « Senhor governador, eu vos contarei tudo em breve : Saiba Vossa Senhoria, que este homem acaba de ganhar n'aquella casa de jogo, e indicou o predio, mais de mil reaes, e Deus sabe como. Eu estava presente e mais de uma vez joguei uma partida duvidosa em seu favor, contra o que me ditara a consciencia. Elle levantou-se com a ganancia, e quando eu esparava que me daria algum escudo, ao menos de barato, como é uso e costume dar aos que estão para o que der e vier, apoiando sem rasão para evitar desordens, metten o dinheiro no bolso e sahiu, e eu corri atraz d'elle, pedindo-lhe em bôas palavras que me dêsse ao menos quatro reaes, pois sabe que sou homem honrado, sem officio nem beneficio. pois que meus paes não me mandaram aprender o primeiro, nem me deixaram o segundo; e este maroto que é mais ladrão do que Taco e mais patife que Audradilla, não quer dar-me mais que quatro

reaes ! Veja, senhor governador, que pouca vergonha, e pouca consciencia; mas á fé de quem sou, que se Vossa Senhoria não chegasse,



havia de o fazer vomitar a ganancia. » « Que dizeis a isto? perguntou Sancho ao outro contendor. » « É verdade, senhor, não queria dar-lhe mais que quatro reas, porque muitas vezes se dão, e os que esperam barato não de-

vem ser exigentes, recebendo com cara alegre o que se lhes dá. » Proseguiu, dizendo que os que se poem á mercê dos gananciosos são uns marotos, e o que recebem não é ganho, e a prova de que elle era homem de bem e não um ladrão, estava em não querer dar nada, por que os patifes é que são tributarios dos marotos.

« O que se ha-de fazer a estes homens? perguntou o mordomo. » « O que se ha-de fazer é bem difficil, respondeu Sancho. E dirigindo se ao que tinha ganho: Vós ganancioso, bom ou mau, ou indifferente, dae immediatamente cem reaes ao outro, e mais trinta para os pobres da prisão. Depois dirigindo-se ao outro: e vós que não tendes officio nem beneficio, e andaes vadiando n'esta ilha, agarrae esse dinheiro, e amanhã durante o dia desaparecei d'aqui, desterrado por dez annos, sob pena, se assim não fizerdes, de os passar na outra vida.

E ninguem me replique, que ou o meu valor será pouco, ou acabarei com estas casas de jogo, que me parece muito prejudiciaes. N'este momento chegou um guarda com um preso e disse: « Senhor governador, este rapaz

caminhava na nossa direcção e má-l nos viu, deitou a fugir como um gamo, signal de que é um criminoso ; corri atraz d'elle, mas se elle não tivesse cahido não o poderia ter apanhado. » « Porque fugias, perguntou Sancho. » « Para fugir, senhor, respondeu o rapaz, ás muitas perguntas da justiça. » « Que officio é o teu? » « Tecelão. » « E o que teces? » « Ferros de lanças, com sua licença. » « És muito engraçado e chocarreiro. » « Enfim, onde ias? » « Tomar ar. » « E onde ias tomar ar? » « Onde elle sopra. »

« Bom, respondeis muito a proposito, e sois discreto ; fazei de conta que sou eu o ar, e que vou soprar-vos para a prisão. Leva-o para que durma no calabouço esta noute. » « É tão certo Vossa Senhoria fazer-me dormir esta noite na prisão, como fazer-me rei. » « O que, não te farei dormir na prisão? respondeu Sancho. Não tenho eu o poder de mandar prender e soltar quem quizer, e quando quizer? » « Por mais poder que Vossa Senhoria tenha não me fará dormir no calabouço. » « Como não? Levae-o, e verá com seus olhos a sua desillusão, e se o alcaide quizer ter liberalidades com elle, dizei-lhe que o metterei em

dois mil ducados. » « Tudo isso é bom para rir, respondeu o moço, por que ninguém me fará dormir na prisão. » « Diz-me, demonio, exclamou Sancho desesperado, tens algum anjo que te faça sair de dentro das grades, onde te mandarei fechar? » « Agora, disse o rapaz, começamos a chegar ao ponto principal. Supponha, Vossa Senhoria, que me manda para a prisão, e que ahí me fecham, que multa o alcaide, e lhe dá outras penas, se me deixar sair, o que elle não fará. Pois bem, apesar de tudo isso se eu não quizer dormir, se preferir ficar toda a noute acordado, sem pestenejar, será Vossa Senhoria, capaz, com todo o seu poder, de me obrigar a dormir? » « Não, por certo, disse o secretario, elle diz bem. » « De maneira, disse Sancho, que só quereis dormir por vossa vontade? e não pela minha! » « Nem por pensamento, respondeu o moço. » « Pois ide-vos com Deus, disse Sancho, dormir a vossa casa, e Deus vos dê um bom somno, que não vol'o quero tirar. »

.
No dia seguinte, o mordomo escreveu aos seus amos e senhores, dando-lhe conta do que fazia e dizia Sancho, tão admirado estava das

suas acções e dos seus dictos, que ora eram discretos ora tolos.

Levantou-se, o governador e por ordem do doutor Pedro Recio, quebrou o jejum com um pouco de conserva e uma gotta d'agua. se bem que preferisse um bocado de pão e um cacho d'uvas, mas era forçado que seguisse a prescripção, o que fez com bastante magôa do seu coração e fadiga do estomago.

O doutor fel'o acreditar, que comer pouco e delicado aviva o ingenho, que era o que mais convinha ás pessoas investidas de mando e outros cargos elevados; pois precisam mais da força intellectual que da phisica. Com estes sophismas ia Sancho passando fome, e tanta, que em segredo maldizia o governo e a hora em que lh'o haviam dado; apezar de tudo, passou aquelle dia com a sua fome, a sua conserva e a gotta d'agua. Acabada a audiencia disse o mordomo que daria ordem para que o senhor governador comesse o que fosse de seu gosto. « E' o que quero, e farei justiça direita, disse Sancho. Deem-me de comer, e chovam cousas, que tudo liquidarei n'um prompto. » Cumpriu o mordomo com a sua palavra, parecendo-lhe um caso de cons-

ciencia deixar morrer de fome tão discreto governador, tanto mais que pensava acabar com aquella comedia na noite seguinte, fazendo-lhe a ultima partida de troça de que estava encarregado.

CAPITULO XII

Depois d'uma semana de governo, estando Sancho Pança na cama, mais farto de julgar e dar sentenças, de fazer estatutos e pragmaticas, do que de pão e de vinho, quando, apesar da fome, começava o somno a cerrar-lhe as palpebras, ouviu tamanho ruido de sinos e de vozes, que não parecia senão que toda a ilha ia ao fundo. Sentou-se na cama e esteve attento escutando, para ver se percebia a causa d'aquelle alvoroço. Ao ruido de vozes e de sinos se misturaram o barulho das trombetas e tambores, e Sancho confuso, cheio de medo, saltou ao chão, calçou umas chinellas, e sem vestir nada por cima da camisa, correu á porta da sua camara a tempo que vinham por uns corredores mais de vinte pessoas, com archotes acêsos nas mãos, e espadas desembainhadas, gritando em altos bra-

dos : « Às armas, às armas, senhor governador! às armas, que entram os inimigos na ilha, e nós estamos perdidos se o vosso valor e industria nos não soccorrem! »

Sancho, attonito e pasmado do que via e ouvia se quedára em silencio, e um d'elles disse-lhe : « Arme-se depressa Vossa Senhoria, se não quer perder-se, e que toda esta ilha se perca. » « Para que me hei de armar? respondeu Sancho; — e que sei eu de armas e de soccorros? Melhor será deixar essas cousas para meu amo, que em duas palhetadas as despacha e as arranja; pois eu, por meus peccados, nada entendo de batalhas. » « Que dizeis, senhor governador? Arme-se Vossa Senhoria depressa; aqui lhe trazemos armas offensivas e defensivas. Seja o nosso capitão, o nosso chefe e nosso general, e cada um de nós fará seu dever, pelejando e morrendo em vossa defesa. » « Armem-me então, já que assim o desejam. » replicou Sancho Pança. E para logo lhe trouxeram dois escudos que lhe puzeram sobre a camisa, um adiante, e outro atraz; e por uns buracos lhe tiraram os braços e o amarraram muito bem com uns cordeis, de modo que ficou entalado

e direito como um fuso, sem poder dobrar os joelhos nem dar sequer um passo. Metteram-lhe nas mãos uma lança, a que Sancho se arriuou para poder suster-se em pé, e quando assim o viram, lhe disseram que os guiasse e



os animasse a todos, que a victoria seria certa. « Como hei de eu caminhar, respondeu o pobre Sancho, — se não posso mexer as pernas que tão cosidas tenho entre estas talas? O que hão de fazer, é levar-me em braços, e pôr-me em pé n'algum postigo, que eu o guardarei como melhor puder com esta lança,

ou com o meu corpo. » « Ah ! senhor governador, — disse um outro ; — vamos ! mexa-se que o medo e não as talas o atrapalha. Acabe lá com isso que já é tarde, e os inimigos crescem, os brados augmentam, e o perigo carrega ! »

Com estas persuasões quiz ver o pobre governador se se movia, e foi baquear no chão, onde ficou tal qual uma tartaruga mettida na sua concha ou como um barco virado na areia; e nem por o ver caído inspirou a minima compaixão aquella gente zombeteira, antes apagando os archotes, tornaram a reforçar os gritos e a reiterar o alarme passando por cima do malaventurado governador, e dando infinitas cutiladas. O pobre Sancho tremia, suava, e tresuava, se recolhia e encolhia, sumindo a cabeça entre os escudos, e encomendando-se de todo o coração a Deus e aos Santos para que o livrassem d'aquelle perigo. Uns tropeçavam n'elle, outros caiam, e houve tal que se lembrou de se pôr em cima das suas costas, e d'ali governava os exercitos dizendo em altos brados : « Aqui gente nossa ! que por este lado carregam mais os inimigos ; guarde-se bem aquella poterna !

feche-se essa porta! venham alcanzias, pez e resina em caldeira de azeite a ferver! entrincheirem-se as ruas: coragem, amigos, que vai tudo bem!» Sancho, que os escutava e soffria tudo, dizia entre si: «Ah! se Deus Nosso Senhor fosse servido que passasse esta ilha para as mãos dos inimigos, infinitas graças eu daria!» No mesmo instante ouviu vozes, que diziam: «Victoria, victoria! os inimigos vão de vencida. Levante-se Vossa Senhoria e venha gozar do vosso triumpho, e repartir os despojos que se tomaram aos inimigos, graças ao valor d'esse invencivel braço.» «Levantem-me, diz com voz plangente o dorido Sancho; eu não quero repartir despojos de inimigos que venci, mas pedir a algum amigo que me dê um golle de vinho por amor de Deus.» Trouxeram-lhe logo o vinho, desataram-lhe os escudos, e desfeito em agua sentou-se no leito, e desmaiou de temor e de fadiga. Quando tornou a si, perguntou que horas eram; responderam que já ia a amanhecer. Calou-se Sancho, e sem dizer palavra começou a vestir-se em silencio; depois foi direito á cavallariça seguido de toda a sua côrte, e chegando-se ao

ruço, abraçou-o, deu-lhe na testa um osculo de paz, e com as lagrimas nos olhos, disse-lhe : « Meu amigo, meu velho companheiro, que tens supportado parte dos meus trabalhos e miserias ; quando eu andava comtigo, e só cuidava em arremendar os teus apparelhos, e em sustentar o teu corpinho, ditosos dias, e ditosos annos eram os meus ; mas desde que a vaidade, a ambição, e a soberba entraram em minha alma, só tenho soffrido mil miserias, mil trabalhos e angustiosas dôres ! » E em quanto isto dizia, ia ao mesmo tempo albardando o asno, sem prestar attenção a pessoa alguma. Albardado o jumento, com grande pena e pezar montou em cima d'elle, e dirigindo-se ao mordomo, ao secretario, ao mestre sala, ao doutor Pedro Recio, e a muitos outros ali presentes, lhes disse : « Abri caminho, meus senhores, e deixai-me voltar á minha antiga vida, á minha antiga liberdade, sem a qual a felicidade não é possivel. Eu não nasci para governador, nem para defender ilhas ; entendo mais de cavar, lavrar, podar, que de dar leis e batalhas. Bem está S. Pedro em Roma ; bem está cada um usando do officio para que foi nascido. Melhor me fica

a mim uma fouce na mão, que uma vara de governador; antes quero comer á farta pão de rala, do que estar sujeito aos caprichos d'um medico impertinente, que me mata á fome; prefiro dormir á sombra d'um carvalho, do que não fechar os olhos toda a santa noite n'um leito de plumas. Pobreza, paz, e liberdade, eis os unicos bens d'este mundo. Adeus, meus senhores; nú eu nasci, e nú agora estou: sem mealha entrei n'este governo, e sem mealha saio, muito ao invéz do modo como costumam sahir os governadores d'outras ilhas. Abri caminho! e deixai-me partir, que me vou curar, pois supponho ter arrombadas todas as minhas costellas, graças aos inimigos que passearam esta noite por cima do meu corpo.» « Tranquillisai-vos, senhor governador, — disse o doutor Pedro Recio, que eu vou dar a Vossa Senhoria uma bebida contra quédas e quebrantamentos, que logo lhe restituirá as antigas forças, e vos prometto deixar comer abundantemente tudo o que Vossa Senhoria desejar.» « Tarde piaste, respondeu Sancho; — isto não são brincadeiras para duas vezes, e com este governo me fico, que não sou dos que se deixam burlar

de seguida. Eu sou da raça dos Panças, raça cabeçuda e obstinada : em dizendo *não* uma vez, nem o diabo faria dizer *sim*. Passem os senhores por cá muito bem ; aqui deixo n'esta cavalhariça as azas de formiga, que, lembrando-se de vôar, está prestes a ser comida pelas andorinhas. Já não desejo vôar, mas sim andar pelo chão com pé rasteiro ; que se o não adornarem sapatos de cordovão, não lhe hão de faltar alpargatas de cordas : lé com lé, e cré com cré ; ninguém estenda as pernas para fóra do lençol. E agora deixem-me passar, que se faz tarde. » « Senhor, disse então o mordomo, de muita boa vontade deixariamos Vossa Senhoria ir-se embora, ainda que nos peze perdel-o ; porém é costume que todo o governador deve, antes de se ausentar, dar contas da sua administração ; tende pois a bondade de cumprir com este dever, e ide depois na paz do Senhor. » « Pessoa alguma, — replicou Sancho, a não ser o senhor duque, tem direito a pedir-me contas ; ora, eu vou agora vê-lo, e lh'as darei da melhor vontade, tanto mais que sahindo eu pobre como sáio, não é mister outra prova para se saber que governei como

homem de bem. » « Por Deus, que elle tem razão! — exclamou o doutor Pedro Recio; — e sou de parecer que o deixemos partir, porque o duque ha de ter grande prazer em tornar a vê-lo. »

Acordaram todos n'isso, e lhe offereceram tudo que elle quizesse para regalo de sua pessoa, e para commodidade de sua viagem. Sancho disse que apenas queria uma pouca de cevada para o ruço, e meio pão e queijo para si, porque a jornada não seria longa. Abraçaram-no todos, e elle chorando a todos abraçou, deixando-os maravilhados das suas razões, e da sua determinação tão discreta e resoluta.

Chegou emfim Sancho ao castello dos duques, ante os quaes se ajoelhou, dizendo : « Vossa Grandeza houve por bem dar-me sem nenhum merecimento meu, o governo da ilha Barataria. Se governei malou bem, testemunhas tive de tudo, que dirão e que quizerem ; mas o que é certo é que aclarei duvidas, sentenciei pleitos, e sempre em jejum, graças ao doutor Pedro Recio, natural de Tirtaфуera, medico devidamente assalariado para fazer morrer de fome os governadores. Accommetteram-me inimigos de noite ; affir-

mam os da ilha que elles ficaram victoriosos, graças ao valor do meu braço. Emfim, em todo esse tempo pude tentar os encargos e obrigações que o governo traz comsigo, e entendi que o peso era demasiado para os meus hombros. Portanto, antes que o governo dêsse em terra commigo, dei eu com o governo em terra; e hontem pela manhã deixei a ilha como a encontrei, com as mesmas ruas, casas e telhados que tinha á minha chegada. Sahi como havia entrado, sem mais acompanhamento que o do meu ruço: assim pois, senhores duque e duqueza, aqui está o vosso governador Sancho Pança, que só logrou em dez dias o ficar sabendo que para nada serve ser governador d'uma ilha; e beijando os pés a Vossa Graça, passo para o serviço do meu antigo amo o senhor D. Quixote com quem afinal, embora coma o pão com sobresalto ao menos sempre me farto.»

Com isto deu Sancho fim ao seu longo discurso.

CAPITULO XIII

Pareceu alfim a D. Quixote necessario sahir da ociosidade em que estava n'aquelle castello, e pediu licença aos duques para se ir embora. Deram-lh'a elles com mostras de grande pezar, e á despedida desejaram tanto ao cavalleiro como ao seu escudeiro muita gloria e ventura.

Quando D. Quixote se viu em rasa campina pareceu-lhe que estava bem equilibrado, e que se lhe renovavam os espiritos para seguir de novo com o assumpto de suas cavallarias; e voltando-se para Sancho, disse-lhe : « A liberdade, amigo Sancho, é um dos dons mais preciosos que aos homens déram os céus; não se lhe podem igualar todos os thesouros que existem sobre a terra, nem os que o mar encobre : pela liberdade se deve arriscar a vida, da mesma fórma que pela honra.

Digo isto, Sancho, porque essa abundancia, e regalias, que tivemos no castello, esses lautos festins, e bebidas de neve, não os gozava com a liberdade que os teria gozado se fossem meus : porque as obrigações que impõem os beneficios e as mercês recebidas são peias, que não deixam campear o animo livremente. » « Com tudo isso, — respondeu Sancho, — que Vossa Senhoria me diz, não devem ficar sem agradecimento, da nossa parte, os duzentos escudos de ouro, que eu aqui levo n'um bolsa sobre o coração, como um confortativo contra o que der e vier; que nem sempre havemos de encontrar castellos aonde nos regalem, mas toparemos muitas vezes vendas aonde nos desanquem. »

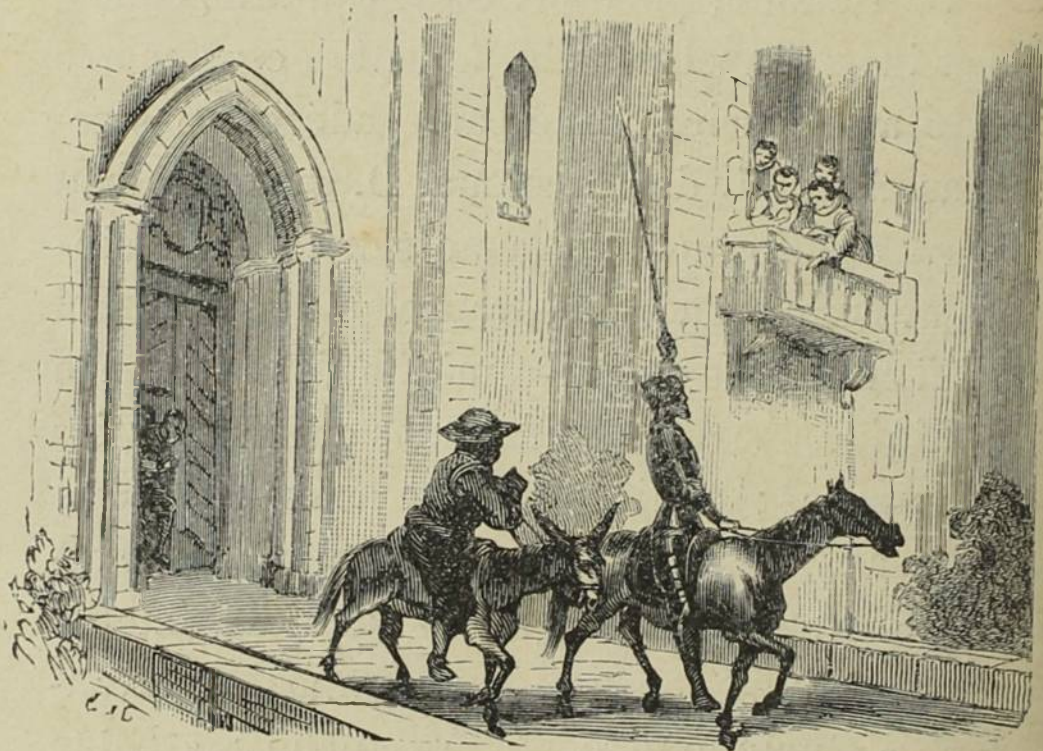
N'esta nova excursão caíram sobre D. Quixote tantas aventuras, que não davam vagar umas ás outras, repetindo-se cada dia os mais extraordinarios successos. Por velhas ruas e atalhos, chegaram á grande cidade de Barcelona, depois d'um famoso encontro com certos salteadores catalães.

N'aquella cidade foi vencido em singular batalha o valoroso Cavalleiro dos Leões, pelo não menos valoroso Cavalleiro da Lua Branca,

o qual não era outro senão o bacharel Samsão, Carrasco. E D. Quixote vencido tendo que acceitar a condição imposta pelo seu vencedor, que era a de retirar-se para a sua terra durante um anno, tomou a resolução de se fazer pastor e seguir a vida do campo.

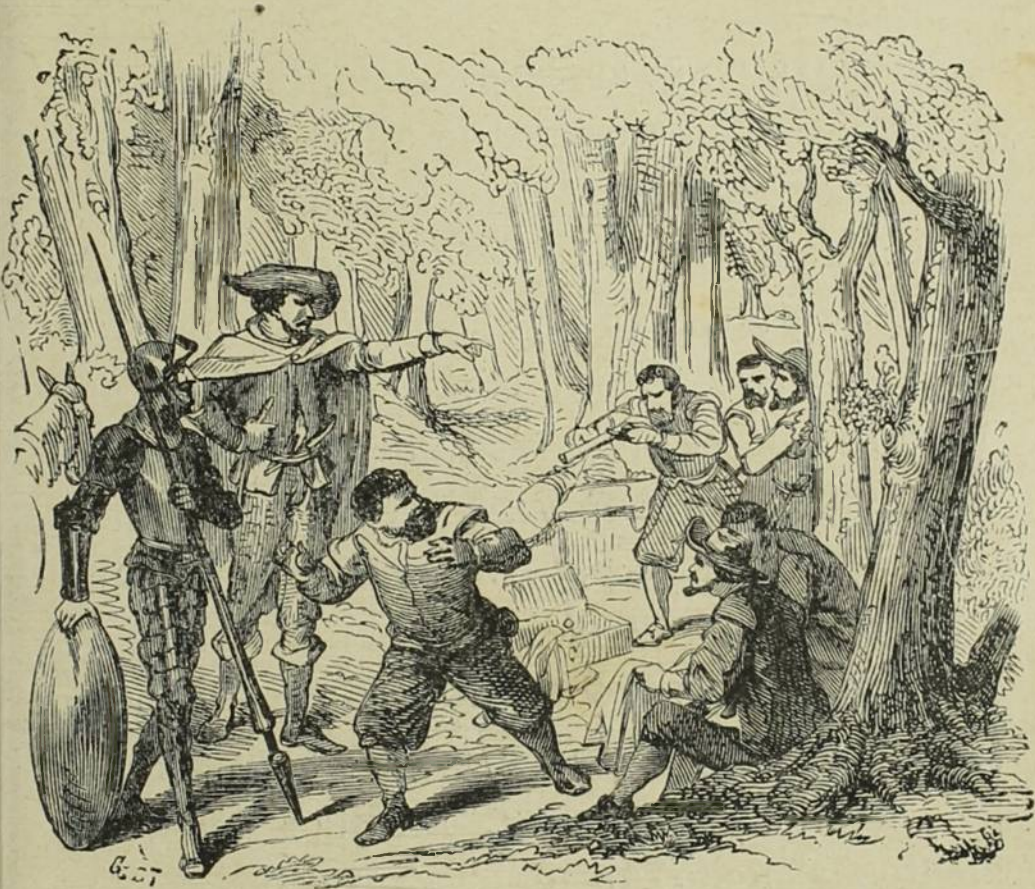
D. Quixote, pois, poz-se a caminho com o seu inseparavel Sancho, aquelle desarmado e este a pé por ir o asno carregado com as armas. Ao sahir de Barcelona, D. Quixote olhou para o sitio onde caira no seu combate singular com o da Lua Branca, e disse : « Foi aqui em Troya ; aqui a minha desdita e não a minha cobardia que levou as minhas glorias alcançadas ; aqui empregou a fortuna commigo as suas voltas e revoltas ; aqui desappareceram as minhas façanhas ; aqui finalmente caiu a minha ventura para jamais se levantar. » Ouvindo isto, disse Sancho : « É tão de corações valentes, senhor meu, soffrer nas desgraças como ter alegria nas felicidades ; e isto avalio eu por mim mesmo, que se quando era governador estava alegre, agora que sou escudeiro a pé, não estou triste : porque ouvi dizer que esta que por ahi chamam fortuna é uma mulherebria, e sobretudo cega, e assim

não vê o que faz, nem sabe quem levanta nem quem deita por terra. » « Estás muito philosopho, Sancho — respondeu D. Quixote — fallas muito discretamente, não sei quem te ensinou. O que te sei dizer é que não ha fortuna no mundo, nem as cousas que n'elle



sucedem, boas ou más que sejam, vêm por acaso, mas sim por particular providencia do céu; e d'aqui vem o ditado, que cada um é artifice da sua ventura. Caminha, pois, amigo Sancho, e vamos ter na nossa terra um anno de novidade e descanso e tomaremos forças para voltarmos aos meus nunca esque-

cidos exercicios d'armas. » « Senhor — respondeu Sancho — não é cousa tão gostosa o caminhar a pé, que me mova e incite a fazer grandes jornadas. Deixemos estas armas pen-



duradas em alguma arvore, porque se penso no caminho que tenho que fazer a pé, é pensar que vou para a forca. » « Disseste bem, Sancho, — respondeu D. Quixote — pendurem-se as minhas armas como trophéo e

junto d'ellas gravaremos o que estava escripto nas de Roldão :

*Ninguém as tire d'aqui
Se não quer ter Roldão á perna*

.

D. Quixote não cessava de lembrar a Sancho a divida em que estava de applicar ao corpo tres mil e tantos açoites, sem os quaes não chegaria nunca ao desejado desencanto da sem par Dulcinêa. « Pela paga não ó faças, filho — disse D. Quixote — por mim posso dizer-te que se quizesse que te pagasse os açoites já o teria feito; porém não sei se é cousa que se deva pagar. Comtudo parece-me que não se perde nada em experimental-o: olha, Sancho, se queres, açoita-te logo, e paga-te a prompto com a tua propria mão, pois tens dinheiro meu. » A taes offerecimentos Sancho abriu logo os olhos e as orelhas um palmo, deu licença no seu coração de açoitar-se de boa vontade, e disse ao seu amo : « Agora senhor, bem eu quero dispôr-me a dar prazer a Vossa Mercê no que deseja com proveito meu : pois que o amor de meus filhos e da minha mulher fazem com

que me mostre interesseiro. Diga-me Vossa Mercê quanto me pagará por cada açoite que me der. » « Se eu te pagasse, Sancho — respondeu D. Quixote — conforme o que merece a grandeza e qualidade d'este remedio, o thesouro de Veneza, as minas de Potosi seriam pouco para pagar-te : faz a conta ao que levás meu, e põe o preço a cada açoite. » « Elles — respondeu Sancho — são tres mil e trezentos, e tantos, mas ponhamos nós tres mil e trezentos que é a quartilho cada um, pois não levarei menos, mesmo que todo o mundo o mandasse, fazem tres mil e trezentos quartilhos, que são os tres mil e quinhentos meios reaes, que fazem setecentos e cincoenta reaes, e os trezentos fazem cento e cincoenta meios reaes, que vêm a fazer setenta e cinco reaes, que juntado-se aos setecentos e cincoenta, fazem ao todo oitocentos e vinte e cinco reaes. Estes desfalcarei dos que tenho de Vossa Mercê ; e entrarei na minha casa rico e contente, se bem que bem açoitado... e não digo mais nada. » « Oh, Sancho bemdito ! Oh, Sancho amado ! — disse D. Quixote — e quão agradecidos havemos de ficar Dulcinêa e eu e servir-te para todos os dias que o céunos der

de vida! Se volta ao ser perdido (que não é possível senão que volte) a sua desdita terá sido dita, e o meu trabalho o grande triumpho; e olha Sancho, quando queres começar a disciplina? Se for breve dou-te cem reaes mais. »

« Quando? — replicou Sancho — esta noite sem falta: procure Vossa Mercê que a tenhamos no campo a céu aberto, que eu abrirei as minhas carnes. Chegou a noite esperada por D. Quixote com a maior ancia do mundo, parecendo-lhe que as rodas do carro de Apollo se tinham quebrado, e que o dia se prolongava mais que de costume, assim como acontece aos namorados. Finalmente, entraram por entre umas amenas arvores que estavam pouco desviadas do caminho, onde deixando vasia a silha e albarda do Rocinante e do ruço, Sancho fez do cabresto do burró um poderoso e flexivel chicote, retirando-se uns vinte passos do seu amo para junto d'umas faias. D. Quixote que o viu ir com denodo e com brio, disse-lhe: « Olha, amigo, não te faças em pedaços; dá logar a que umas chicotadas esperem pelas outras; não te apresses tanto que a meio d'ellas te falte o alento; quero dizer, que não batas tão forte que te falte a vida antes de chegar ao

numero desejado ; e para que não haja engano, isto é, nem demais nem de menos, eu estarei de lado contando por este meu roزاریo as chicotadas que em ti deres. Favoreça-te o céu conforme a tua boa intenção merece. »

« Eu penso -- disse Sancho -- dal-as de maneira que sem matar-me me dêa, que n'isto deve consistir este milagre. Poz-se logo nú de meio corpo para cima, e agarrandó no chicote começou a bater-se, e D. Quixote a contar os açoites. Sancho tinha dado seis ou oito, quando lhe pareceu um pouco pesada a brincadeira, e muito barato o preço d'ella, e detendo-se disse ao seu amo que chamava a sua attenção para o seu engano, porque merecia cada chicotada d'aquellas ser paga a meio real, e não a quartilho. « Prosegue, Sancho amigo, e não desmaies -- disse-lhe D. Quixote -- que eu dobro a parada de preço. » « Desse modo -- disse Sancho -- á mão de Deus, e chovam chicotadas! » --

Porém o trocista deixou de as dar nas costas, e dava nas arvores, com uns suspiros de quando em quando que parecia que com cada um d'elles se lhe arrancava a alma. Enternecido, D. Quixote, temeroso que se

acabasse a vida a Sancho, e não conseguisse o seu desejo, disse-lhe : « Pela tua vida, amigo, fique por aqui este negocio, pois parece-me



muito má esta medecina, e será bom dar tempo ao tempo, que não se ganhou Zamora n'uma hora. Mais de mil chicotadas, se eu não contei mal, destes em ti mesmo : basta por agora. « Não, não, senhor — disse Sancho — não

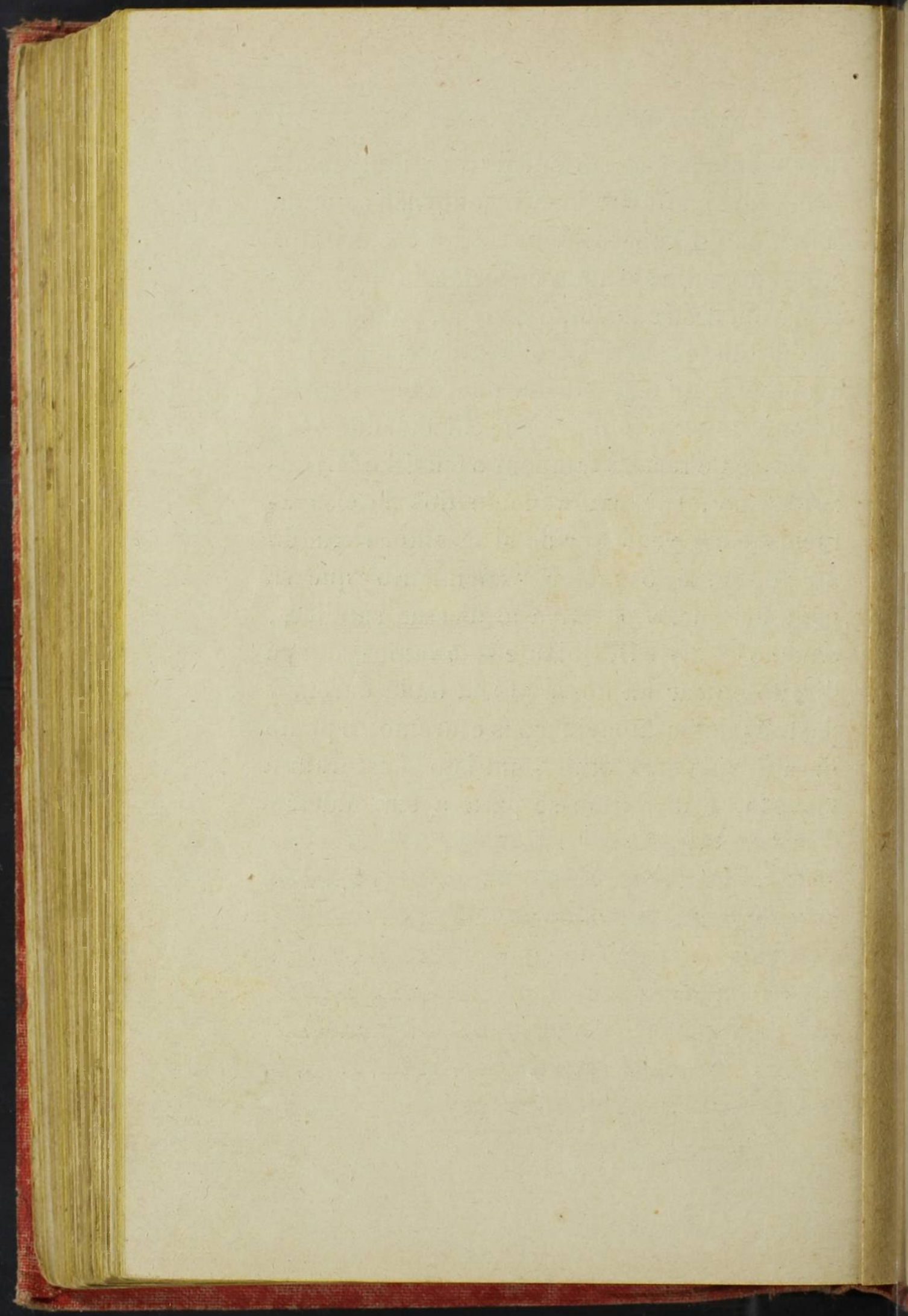
quero isso assim ; afaste-se Vossa Mercê mais um pouco, e deixe-me dar mais outros mil açoites, « Pois se te achas com tão boa disposição — disse D. Quixote — o céu te ajude, e fustiga-te que eu me afasto. » Sancho voltou a sua tarefa com tanto denodo, que já cortava muitos rebentos ás arvores ; e levantando alto a voz deu uma tremenda chicotada n'uma acha, dizendo : « Aqui morrerá Samsão, e quantos com elle estão. » D. Quixote accudiu logo ao som da lastimada voz e do golpe do chicote e disse : « Não permitta a sorte, Sancho amigo, que por um gosto meu percas tua vida, que ha-de servir para sustento de tua mulher e de teus filhos : espere Dulcinêa melhor conjunctura, que eu me conterei nos limites da esperança propincua ; e esperarei que cobres novas forças, para que se acabe este negocio ao gosto de todos. » « Pois Vossa Mercê, senhormeu, assim o quer — respondeu Sancho — seja em boa hora, e deite-me o seu abrigo sobre estas costas, que estou transpirando, e não queria resfriar-me. » D. Quixote assim o fez, ficando em pelote ; abrigou Sancho o qual dormiu até que o sol o acordou, voltando logo a proseguir o seu caminho an-

dando mais de tres leguas. Apearam-se n'um logarejo que assim pareceu a D. Quixote, e não castello, torres, ou ponte levadiça ; que depois que o venceram via tudo com mais juizo. D. Quixote e Sancho estiveram todo o dia n'aquelle logar aguardando a noite, um para acabar de dar-se chicotadas, e o outro para ver o fim d'ellas.

Chegou a tarde e deixaram aquelle logar passando a noite entre outras arvores para Sancho poder acabar a sua penitencia, a qual foi cumprida á custa das arvores, pois as suas costas guardou-as tanto que ainda mesmo lá estivesse uma mosca o chicote não a faria vôar. O intrujado D. Quixote não perdeu uma só chicotada da conta, e achou que com as da noite passada, faziam tres mil e vinte e nove.

Parece que o sol madrugara ao ver o sacrificio, com cuja luz voltaram a proseguir o seu caminho. Aquelle dia e aquella noite caminharam sem succeder-lhes cousa digna de contar-se, senão que Sancho acabou com a sua tarefa e D. Quixote ficou contente esperando o dia para ver se topava pelo caminho com a sua senhora Dulcinêa já

desencantada; e não encontrava mulher alguma que não fosse logo reconhecer se era a Dulcinêa do Toboso. Com estes pensamentos e desejos subiram uma encosta, da qual descobriram a sua aldeia, e Sancho, pondo-se de joelhos disse: Abre os olhos, desejada patria e vê que volta a ti Sancho Pança teu filho, se não muito rico, muito bem chicoteado. Abre os braços e recebe tambem o teu filho D. Quixote, que, se vem vencido dos braços alheios, vem vencedor de si mesmo, segundo me disse, é o maior vencimento que se póde desejar. » « Deixa-te d'essas sandices, Sancho — disse D. Quixote — e vamos com pé direito entrar na nossa aldeia onde daremos pasto ás nossas imaginações e faremos o plano para a vida pastoral. Com isto desceram a encosta, e dirigiram-se para a sua aldeia.



CAPITULO XIV

À entrada da aldeia, segundo diz Cide Hamete, viu D. Quixote que estavam dois rapazes a discutir, e um d'elles disse ao outro: « Não te cances, Seriquillo, que não has de vê-la em todos os dias da tua vida. » Ouviu-o D. Quixote, e disse a Sancho: « Não ouviste, amigo, o que disse aquelle rapaz: não has de vê-la em todos os dias da tua vida? » « Pois que importa — respondeu Sancho — que o rapaz tenha dito isso? » « O que importa? — tornou D. Quixote — não vêes tu que applicando aquella palavra ao meu intento, significa que não verei mais a Dulcinêa? » Sancho queria responder-lhe quando se distrahiu ao ver ao longe uma lebre seguida de muitos galgos e caçadores, a qual assustada se veio esconder debaixo dos pés do ruço. Sancho agarrou-a e apre-

sentou-a a D. Quixote, o qual estava dizendo: « Mau signal, mau signal: lebre que corre, galgos que a seguem. Dulcinêa não apparece. » « Vossa Mercê é extraordinario — disse Sancho; — presumamos que esta lebre é Dulcinêa do Toboso, e estes galgos que a perseguem são os malandrins encantadores que a transformaram em lavradora; ella geme, eu apanho-a e ponho-a no poder de Vossa Mercê, que a tem nos seus braços e a acaricia; que mau signal é este, e qual é o agouro que isto traz? » Os dois rapazes da pendencia chegaram-se para ver a lebre, e a um d'elles perguntou Sancho porque discutiam. E foi-lhe respondido pelo que dissera — não a verás mais em toda a tua vida — que tirara ao outro rapaz uma gaiola de grilos, que nunca mais lh'a daria. Sancho deu ao rapaz algumas moedas pela gaiola e pol-a nas mãos de D. Quixote dizendo: « Eis aqui, senhor, desbaratados estes agouros, que não têm mais que vêr com os nossos successos, segundo imagino, embora tonto; e se bem me lembro, ouvi dizer ao cura da nossa aldeia, que não é de pessoas christãs nem discretas olhar a estas ninharias; e

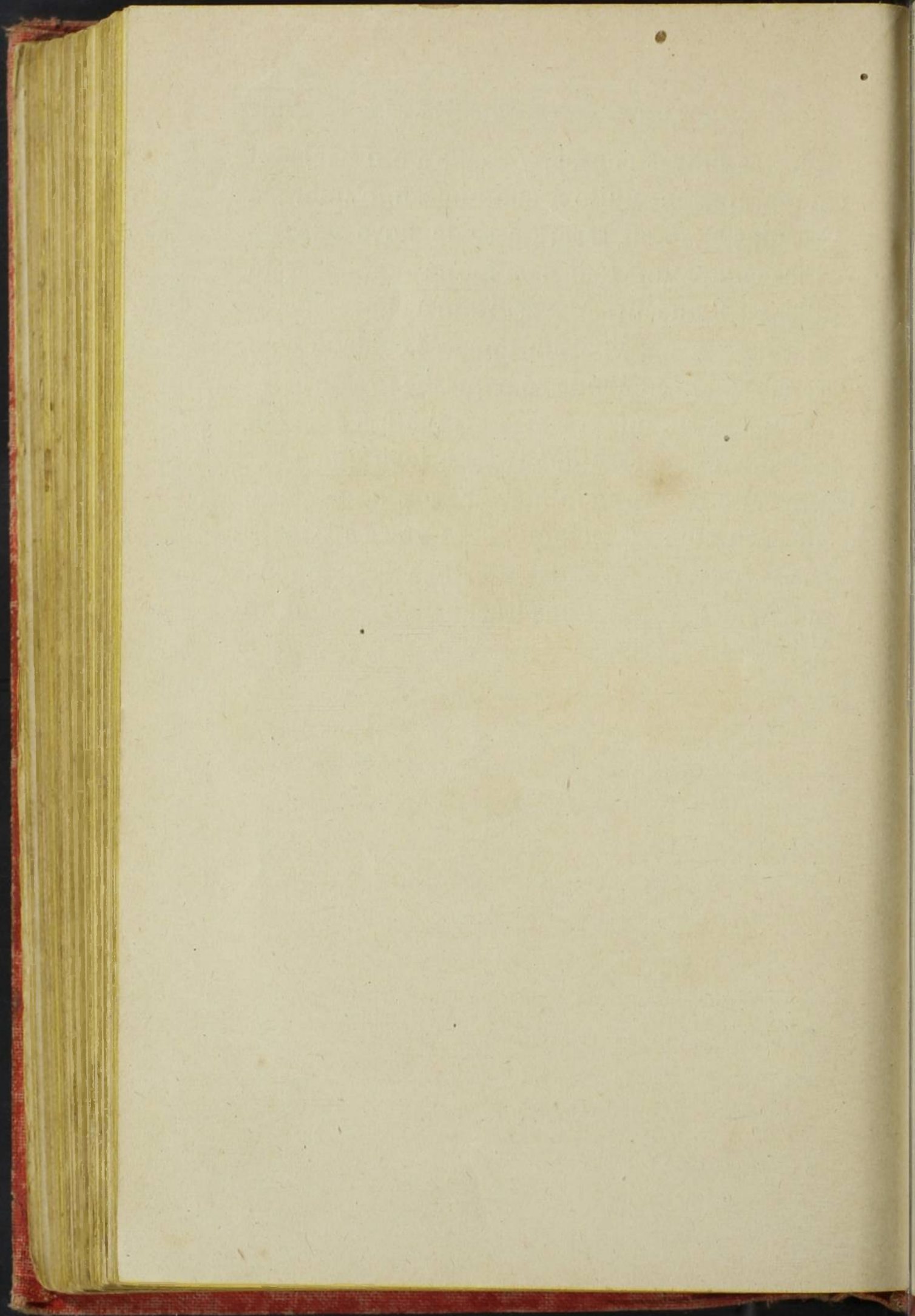
mesmo Vossa Mercê m'ò disse ha dias dando-me a entender que eram tontos todos os christãos que tinham agouros; demais não é necessario repetirmos isto e entremos na nossa aldeia.

Rodeados de rapazes chegaram os nossos viajantes a casa de D. Quixote e acharam á porta a ama e a sua sobrinha. Em pouco tempo appareceu ali tambem a mulher de Sancho, desgrenhada e meia nua, a qual vendo seu marido não tão bem arranjado como ella pensava que devia estar um governador, lhe disse : « Como vens, marido meu, que me parece que vens a pé com mais cara de desgovernador que de governador? » « Cala-te Thereza — respondeu Sancho — que o habito não faz o monge, e vamo-nos para nossa casa, que ali ouvirás maravilhas. Dinheiro trago, que é o que importa, ganhos com o meu trabalho e sem prejuizo de ninguem. » « Trazes dinheiro, meu bom marido — disse Thereza — e seja ganho por aqui ou por ali, foi com certeza sem prejuizo de ninguem. » Maria Sancha abraçou seu pai, e perguntou-lhe se lhe trazia alguma cousa, pois o esperava como a agua de Maio, e agarrando-o pela cin-

tura, e sua mulher pela mão, foram-se para casa deixando D. Quixote na sua em poder de sua sobrinha e da sua ama, e em companhia do cura e do bacharel.

D. Quixote, sem dar tempo ao tempo, e afastando-se um pouco em companhia do bacharel e do cura, contou-lhes em poucas palavras o seu vencimento, e o compromisso que tomara de não sahir da sua aldeia durante um anno, o que esperava cumprir fielmente, sem desviar de cousa alguma, bem assim como cavalleiro andante, obrigado pela pontualidade e ordem da cavallairia andante. Pensava fazer-se durante aquelle anno pastor, entretendo-se na solidão dos campos onde á redea solta podia dar pasto aos seus amorosos pensamentos, exercitando-se no pastoral e virtuoso exercicio; e disse-lhes que lhes supplicava, se não tinham muito que fazer e se negocios mais importantes os não impediam, queriam ser seus companheiros, que elle compraria ovelhas e gado bastante que lhes desse o nome de pastores; e que lhes fazia saber que o principal d'aquelle negocio estava feito, porque lhes tinha posto uns nomes que nem de encommenda. Disse-lhes

muitas outras cousas, e o cura e o bacharel gabaram-lhe muito a sua honesta e honrada resolução, e offereceram-se de novo a fazer-lhes companhia todo o tempo de que podessem dispôr. Com isto se despediram d'elle, e lhe rogaram e aconselharam tomasse cuidado com a sua saude comendo só o que lhe fizesse bem. Quiz a sorte que a sua sobrinha e a ama ouvissem a conversa dos tres; e logo que o bacharel e o cura se foram, entraram as duas a discutir com D. Quixote para que se não fizesse pastor, ao que elle lhes respondeu: « Calem-se filhas, que eu sei o que me cumpre fazer. »



CAPITULO XV

Como as cousas humanas não são eternas, indo sempre em declinação desde os seus principios até chegar ao fim, chegou para D. Quixote o fim da sua vida quando menos pensava, porque, ou fosse pela melancolia de ver-se vencido, ou já por disposição do céu, deu-lhe um febrão que o reteve seis dias na cama, durante os quaes foi visitado pelos seus amigos e pelo seu bom escudeiro. Estes, julgando que o pesadelo de ver-se vencido e não ver desencantada a sua Dulcinêa, o tinha posto n'aquelle estado, procuraram por todos os meios possiveis alegral-o, dizendo-lhe o bacharel que se animasse e levantasse para começar o seu exercicio pastoral, para o qual já tinha comprado da sua propria bolsa dois cães para guardarem o gado, um chamado Barcino e o outro Butron, que lhe

vendera um lavrador do Quintanar. Porém nem com isto a tristeza deixava D. Quixote. Os seus amigos chamaram o medico, este tomou-lhe o pulso, não ficou muito contente, e disse que não esperassem pela saúde da alma, porque a do corpo corria perigo. D. Quixote ouviu-o tranquillamente; mas não succedeu o mesmo com sua sobrinha, ama e escudeiro, que começaram a chorar como se elle já estivesse morto. O parecer do medico foi que a melancolia é que o victimava. D. Quixote pediu que o deixassem só, porque queria dormir um pouco. Assim o fizeram, e dormiu d'uma tirada, como se costuma dizer, mais de seis horas, tanto que a ama e a sobrinha julgaram que ficava n'aquelle somno. Acordou depois de dormir as taes seis horas, e dando um grande grito, disse: « Bemdito seja o Deus poderoso, que tanto bem me fez. Emfim, as suas misericordias não têm limites. » A sobrinha esteve a escuta do que dizia o tio e parecendo-lhe de mais juizo do que as que elle costumava dizer, perguntou-lhe: « O que é que Vossa Mercê diz, senhor? Temos alguma cousa de novo? Que misericordias são essas? » « As mi-

sericordias, sobrinha, — respondeu D. Quixote — são as que n'este momento Deus teve para commigo. Eu já estou com o juizo claro, sem sombras caliginosas da ignorancia que sobre elle me poz a amarga e continua lenda dos detestaveis livros de cavallaria. Já conheço os seus disparates, e não me peza senão que este desengano tenha chegado tão tarde, que não me dá tempo para fazer uma compensação, lendo outros que sejam a luz da alma.

« Eu sinto que chega a hora de minha morte, sobrinha ; queria fazer de modo que desse a entender que a minha vida não tinha sido tão má que me deixa o nome de louco ; porque embora o tivesse sido, não queria cofirmar esta verdade na minha morte. Chame-me, amiga, os meus bons amigos, o cura, o bacharel, e o barbeiro, que quero confessar-me e fazer o meu testamento. » Este trabalho foi escusado com a entrada dos tres. Apenas D. Quixote os viu, disse : « Dai-me alviçaras, bons senhores, pois jé não sou D. Quixote de la Mancha, mas sim Alonso Quijano, a quem as minhas qualidades me deram a fama de *bom*. Já sou inimigo de Amadis de Gaula e de toda a infinita ca-

terva da sua linhagem ; já odeio todas as historias profanas da cavallaria andante ; já conheço o perigo em que me pozeram as suas leituras ; já por misericordia de Deus as abomino. Eu, senhores, sinto que morro a toda a pressa : ponham-se as tolices de parte e tragam-me um confessor que me confesse e um escrivão que faça o meu testamento ; e assim supplico que em quanto o senhor cura me confessa me vão buscar um escrivão. » O cura fez sahir as pessoas do quarto, e ficando a sós com elle, confessou-o. O bacharel foi buscar o escrivão, e d'ahi a pouco voltou com elle e com Sancho Pança, o qual (que já sabia pelo bacharel o estado do seu amo), vendo a sobrinha e a ama chorosas, começou a soluçar e a verter lagrimas. Acabou-se a confissão, e sahiu o cura dizendo : « Morre verdadeiramente Alonso Quijano o *bom* e podemos entrar para que faça o seu testamento. » O escrivão entrou com as demais pessoas, e depois de encommendar a sua alma D. Quixote disse :

« É minha vontade que sobre certos dinheiros que Sancho Pança tem e sobre os quaes houve contas entre mim e elle, dares e tomares,

que não se faça caso d'elles, nem se lhe peça conta alguma, e sobrando algum, depois de se ter pago do que eu lhe devô, o restante seja seu, que será bem pouco, e bom proveito lhe faça ; e se estando eu louco lhe dei o governo d'uma ilha, podesse agora estando em meu juizo dar-lhe o d'um reino, lh'o daria, pois a sua fidelidade e simplicidade bem o merecem ». E voltando-se para Sancho, disse-lhe : « Perdoa-me, amigo, a occasião que te dei de pareceres louco como eu, fazendo-te cair no erro em que estive, de que havia cavalleiros andantes no mundo. »

« Ai ! — respondeu Sancho chorando — não morra, senhor meu, antes tome o meu conselho e viva muitos annos, porque a maior loucura que póde fazer um homem n'esta vida é deixar-se morrer sem mais nem mais, sem que ninguem o mate, nem outras mãos lhe acabem com a melancolia. Olhe não seja preguiçoso, levante-se d'essa cama, e vamos ao campo vestidos de pastores, como combinámos ; talvez atraz d'alguma matta se encontre a senhora Dulcinêa desencantada. Se é certo que se morre de pezar por se ver vencido, deite-me a mim as culpas, dizendo que por

ter picado mal o Rocinante o derrubaram : quanto mais que Vossa Mercê deverá ter visto nos seus livros de cavallaria ser cousa vulgar uns cavalleiros derrubarem os outros, e o que é vencido hoje ser vencedor amanhã. » « Assim é — disse Carrasco — e o bom Sancho Pança está muito ao facto d'estes casos. » « Senhores — disse D. Quixote, — vamos de vagar : eu fui louco, e agora estou em meu juizo ; fui D. Quixote de la Mancha, e sou agora, como disse, Alonso Quijano o bom possa com Vossas Mercês o meu arrendimento e a minha verdade voltar a ter a estima que me tinham, e prosiga o senhor escrivão.

« Deixo toda a minha fazenda á porta fechada a Antonia Quijana minha sobrinha, que está presente, tendo tirado primeiro da melhor parte d'ella o que for necessario para cumprir os legados que deixo ; e o primeiro que eu quero que se faça é pagar o salario que devo desde o tempo que a minha ama me tem servido, e mais de vinte ducados para um vestido. Deixo por meus testamenteiros o senhor cura e o senhor bacharel Samsão Carrasco, aqui presentes.

« É minha vontade que se Antonia Quijana minha sobrinha se quizer casar, se case com homem de quem primeiro haja informações que não saiba o que seja livros de cavallaria ; e no caso que se averigüe que sabe, e não obstante isso a minha sobrinha quizer casar, perca tudo o que lhe deixo, o qual podem os meus testamenteiros distribuir em obras pias á sua vontade. »

Fechou com isto o testamento, e dando-lhe um desmaio estendeu-se em todo o cumprimento da cama. Assustaram-se todos e accudiram-lhe, e durante tres dias que viveu depois do testamento desmaiava a miudo. A casa andava n'um levante ; porém com tudo isto a sobrinha comia assim como a ama e regozijava-se Sancho Pança, porque isto de herdar dá sempre alento. Emfim, chegou o ultimo momento de D. Quixote, depois de recebidos todos os sacramentos, e depois de ter abominado com muitas e efficazes razões os livros de cavallaria. Achava-se presente o escrivão, e disse que nunca lera em livros de cavallaria que algum cavalleiro andante tivesse morrido no seu leito tão socegada e christãmente como D. Quixote, o qual,

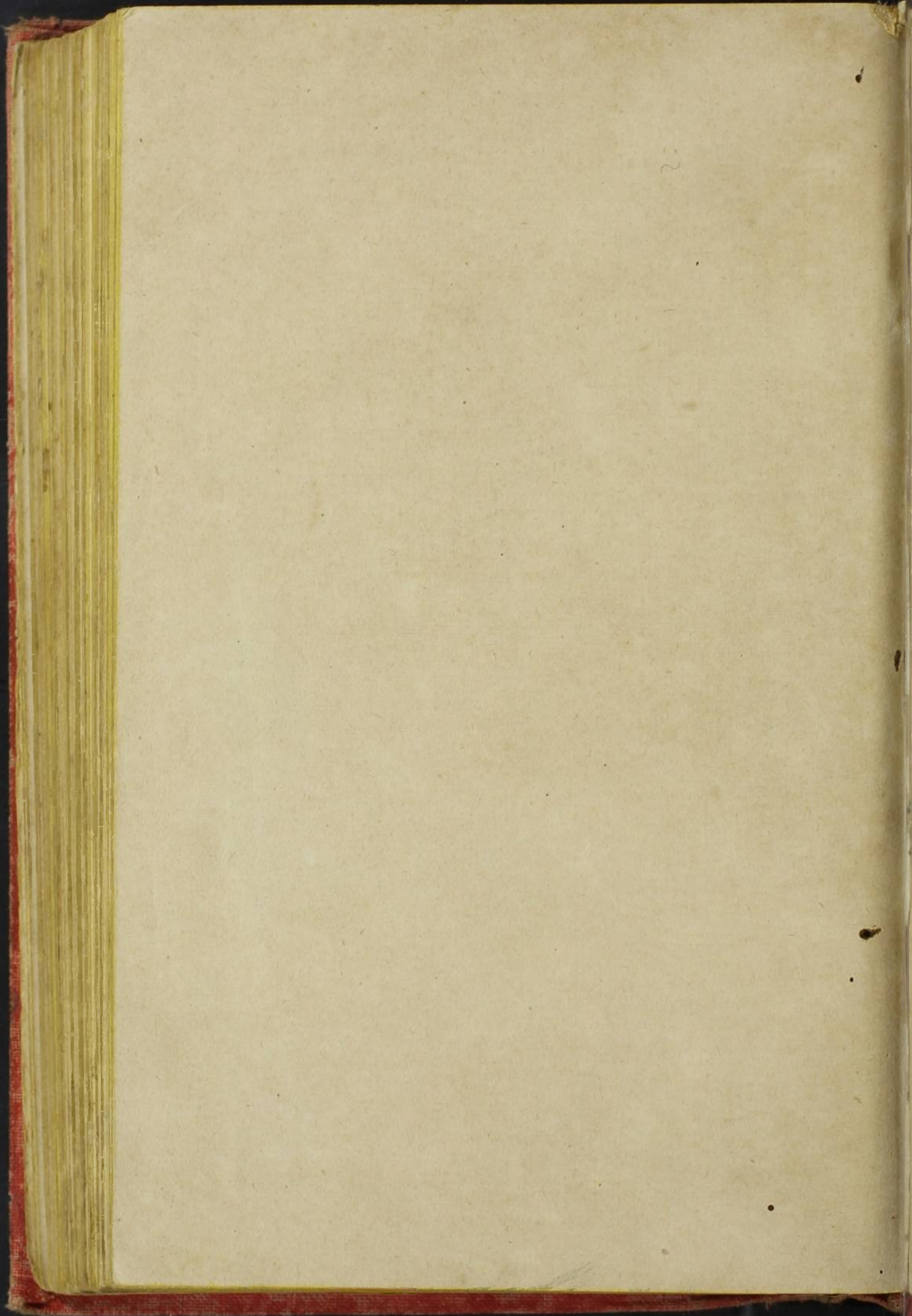
entre compaixões e lagrimas dos que ali se achavam, deu a alma a Deus : quero dizer que se finou.



FIM

5512-3-26. — Paris. — Imp. HEMMERLÉ, PETIT et Cie.

2, 4 et 4 *bis*, rue de Damiette.



450.

EV. N-LO, 9 OF VI/10

N

L55676

01

Cerantes

D

EBB
N° 102008

36104

